JACINTO NUNES ACEITOU PRESIDIR À COMISSÃO PARA INVESTIGAR CASO DA SONAE

Pág. 3

HOJE NO SUPLEMENTO «LER/ESCREVER»

UMA CARTA INÉDITA DE RAMALHO ORTIGÃO A JAIME BATALHA REIS

Documentos inéditos existentes na Biblioteca Nacional começam hoje a ser publicados no suplemento «Ler/Escerever». Principiamos por uma carta de Ramalho Ortigão dirigida a Jaime Batalha Reis. Os referidos inéditos são apresentados por Maria José Marinho, assessora do Departamento de Espólio da BN. Uma série de interesse.

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 600 Sabado, 27 de Fevereiro de 1988 Preço 50$00

Cavaco afirma que «não recuará um milímetro»

UGT MARCOU GREVE GERAL PARA O DIA 28

CGTP entende «que devem ser consideradas todas as formas de luta constitucionalmente permitidas»

Torres Couto, ontem, no termo da reunião do Secretariado Nacional da UGT, anunciando a greve geral

A UGT anunciou ontem, no termo de uma reunião do seu Secretariado Nacional, a data (dia 28 de Março) da «greve geral» que tinha sido aprovada no Congresso de Braga, como manifestação de descontentamento pela política de concertação do Governo, particularmente no que se refere ao «pacote laboral». Entretanto, o conflito entre o SITRA e a UGT teve um desenvolvimento com a a entrega de um documento, ontem, à tarde, em que os dirigentes do sindicato e a Comissão Nacional Negociadora repudiam as interferências e pressões da central sindical no sentido de aceitarem situações contrárias aos interesses dos trabalhadores da Carris. **Págs. 4 e 5**

Desconvocadas greves da Transtejo e do Metro para a próxima segunda-feira

Noriega ergue o braço do novo presidente panamiano, Manuel Solis Palma

CLIMA TENSO NO PANAMÁ

EUA estão com Delvalle Ortega apoia Noriega

O Presidente Daniel Ortega, manifestou a sua solidariedade ao general Noriega, chefe das forças armadas do Panamá, enquanto os EUA, que pretendiam a sua demissão, anunciaram continuar a reconhecer Delvalle como o Presidente do Panamá. Este foi destituído pelo Parlamento, que considerou «inconstitucional» a decisão de demitir Noriega. **Págs. centrais**

Assembleia da República

A MÁ VONTADE E AS SUAS "NUANCES" EM SEMANA DE INOPORTUNIDADES

Daniel Reis

Uma sensação de má vontade do Governo para com a Assembleia da República, acima do legítimo direito de defender o seu projecto político face ao das oposição minoritárias, perpassou ao longo da semana pelo hemiciclo de S. Bento.

Este sentimento foi frequentemente exteriorizado, durante as sessões plenárias de Terça, Quinta e Sexta–feira pelos diversos partidos da oposição, com particular acuidade quando se discutiram as custas judiciais, chamadas a ratificação parlamentar pelo PCP, e o pedido de inquérito a sete Operações Públicas de Venda, nas Bolsas de Valores, apresentado pelo CDS.

O deputado Narana Coissoró referiu-o textualmente ('Há uma nítida má vontade contra a Assembleia da República: lamentamos que a maioria esteja a exercer o seu poder, não para viabilizar o Governo, mas sim para se opor à Assembleia como instituicão'—disse durante o debate do inquérito), acusando a incomodidade da situação.

Mas para além do posicionamento político de cada um, quem assistiu aos debates da semana outra coisa não pode concluir também, particularmente pela recusa obstinada da maioria em aceitar os inquéritos parlamentares, como se eles contivessem implícita a condenação do Governo por ilegalidades ou actos similares.

Conclusão ainda mais vincada de má vontade detectou–se, em contraponto ao modo como a instituição judicial reagiu em bloco a favor da suspensão do decreto–lei que onera abruptamente as custas judiciais, ao verificar–se como o Governo fez orelhas moucas a essa reacção, se bem que denunciando nas palavras expressas e nos subentendidos que, de facto, havia cometido uma asneira. Mas entre reconhecer as asneiras e emendá–las, vai para este Governo e esta maioria um passo de gigante que de modo nenhum admitem dar.

A fama e o proveito de irritar a Câmara

Há, contudo, nesta latente má vontade diversas colorações e «nuances», consoante o ministro que se apresenta na bancada do Governo para enfrentar os argumentos das oposições. Essas «nuances» detectaram–se à légua com os três ministros que pautaram os debates a que assistimos, ao longo da semana.

Assim, enquanto Miguel Cadilhe, ministro das Finanças, continua a gozar da fama e do proveito de irritar solenemente a Câmara quando abre a boca—é aliás renitente em aceitar regras e praxes parlamentares como a de só falar quando o autorizam e quando a sua bancada dispõe de tempo para o fazer—já Fernando Nogueira consegue entrar num tal comprimento de onda, ao encontro das vozes da oposição, que ninguém ousa irritar–se com ele. Ou, se o faz, é porque julga ter visto aceite a argumentação produzida, tal a atenção e a deferência com que o ministro da Justica ouve a oposição, e depois verifica que as razões políticas de oportunidade e conveniência desfazem os fios do entendimento em poeira dispersa no vendaval.

O próprio Miguel Cadilhe está, ao que nos pareceu, a moderar a arrogância dos discursos iniciais na Câmara—as suas palavras contra certas bancadas e certos deputados em particular chegaram a raiar a insolência e a petulância; mas volta que não volta lá lhe foge o pé da linha limite da representação (especialmente se não tem à mão António Capucho para lhe fazer de ponto) e lá temos nós o Parlamento aos gritos contra o atrevimento do ministro.

A propósito de António Capucho, ministro dos Assuntos Parlamentares: com este a confrontação oposicionista fia mais fino. É que ele conhece os deputados um a um e o Regimento linha a linha, vírgula a vírgula. Nem ao Presidente da Mesa, que é do seu partido, Capucho perdoa deslizes e hesitações na condução dos trabalhos.

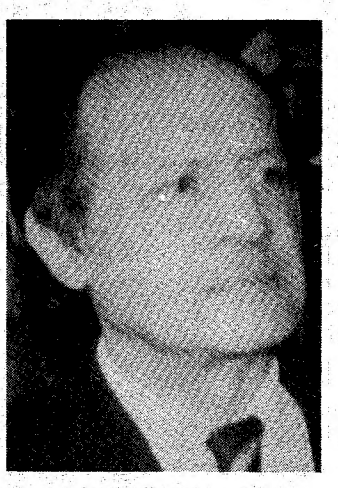
Capucho e os circunlóquios

Então, quando pairam as dúvidas sobre a posição do Governo, ou um qualquer ministro se enreda em circunlóquios para justificar o que justificação não tem, excepto a vontade da maioria e o poder de a impor, ergue–se como uma mola a esguia figura do ministro dos Assuntos Parlamentares e cortam a direito as suas parcas palavras, como aquelas com que esvaziou os apelos à realização do inquérito pedido pelo CDS:

«Não se peça a nossa conivência em inquéritos com os quais não concordamos por inoportunidade».

Uma palavra só, e basta: inoportunidade. Com ela o Governo recusou suspender o decreto–lei das custas judiciais e realizar o inquérito às sete OPV's da SONAE, os dois factos dominantes da semana parlamentar, que encerrou ontem de manhã com a discussão dos meios de combate à exploração do trabalho infantil.

Há quem chame a isto mera e simples conveniência política. Mas essas já são as vozes da oposição e estão fadadas para cairem em saco roto nos tempos mais próximo, como cairam durante toda esta semana.



Sampaio ao ministro: Aprenda a democracia!

Um exemplo—vivido esta semana—do calvário que é para Miguel Cadilhe ir frequentemente ao Parlamento defrontar–se com uma oposição traquejada no debate político:

Jorge Sampaio, lider da bancada socialista, levantara–se para estabelecer a ordem no debate e frisar que o fundo da questão nos pedidos de inquérito, mesmo que decorrendo em paralelo com os realizados por outras entidades com competências específicas restritas (inspecções, tribunais, polícias), é o de reafirmar a competência política da Assembleia, decorrente do voto popular e que sobreleva todas as outras.

Interrompido com um pedido de palavra do ministro e questionado pelo Presidente sobre se aceitava a interrupção, Jorge Sampaio (o deputado que mais rapidamente se eriça, quando Cadilhe ultrapasse os limites da decência e do bom gosto na Assembleia) aproveitou a deixa para ministrar mais uma das suas frequentes lições de democracia ao ministro das Finanças:

«Eu vou fazer uma coisa que o senhor ministro é renitente em não fazer. Mas só na condição de que, no futuro, quando for chamado a esta Câmara, passe a a comportar–se da mesma maneira. Cedo–lhe a palavra e permito–lhe que me interrompa».

Ninguém ouviu Cadilhe jurar que, no futuro, permitirá aos deputados interrompê–lo. Mas como quem cala, consente...

Correia Afonso explicou–se às mulheres

Antes da Ordem do Dia, na sessão matinal de quinta–feira, Correia Afonso, lider do PSD na Assembleia da República, explicou às mulheres deputadas o sentido de uma sua declaração sobre os direitos das minorias.

Segundo o texto de um voto de protesto apresentado, entre outras, por Luisa Amorim, Natália Correia, Ilda Figueiredo, Helena Torres Marques, Helena Roseta e Isabel Espada, Correia Afonso terá dito nas Jornadas Parlamentares do PSD que «o problema das mulheres é um problema de direitos de minorias, assim como dos pretos perante os brancos, dos índios ou dos deficientes». Ora, as mulheres deputadas sentiram–se ofendidas na sua dignidade, referindo que a Constituição consagra a igualdade perante a lei e que em Portugal as mulheres são maioritárias.

O consequente voto de protesto não chegou a ser debatido (não passou, aliás, de um fumo de palha) porque Correia Afonso jurou terem as suas palavras sido mal reproduzidas e mal interpretadas. O que ele queria sublinhar era, exactamente, a necessidade de combater a discriminação para com as mulheres e de elas serem tratadas segundo a igualdade prevista na lei. Mas os jornais e os jornalistas, como sempre, etc. etc....

Enfim: tudo acabou em bem. As mulheres perdoaram, o protesto foi retirado e, em vez de palavras femininas de censura, Correia Afonso ganhou aplausos de todas as bancadas.

Trabalho infantil: votacão na Terça

O ministro do Emprego, Silva Peneda, reconheceu serem insuficientes as medidas (multas mais pesadas aos utilizadores de mão de obra abaixo da idade legal, 14 anos) contidas na proposta de lei do Governo para combater o trabalho infantil:

«O fenómeno não é passível—disse na sessão de ontem na Assembleia—de ser combatido apenas com medidas de caráctrer administrativo. Estas medidas podem ajudar mas, por si só, não garantem aquilo que perseguimos: a erradicação total do fenómeno».

Segundo o ministro, que apresentou ontem de manhã ao Parlamento a justificação do pedido de autorização legislativa, há que articular o combate à exploração do trabalho infantil com o combate ao insucesso escolar.

O Partido Comunista, que apresentou na mesma sessão um projecto de lei alternativo ao diploma governamental—deles falámos já na nossa edição de quinta–feira—considerou que a proposta do Governo é «manifestamente insuficiente e apenas pode ser encarada como complemento ao projecto de lei do PCP».

Pela voz da deputada Odete Santos, a bancada comunista acusou a proposta do Governo de ter um conteúdo «meramente repressivo», o que é insuficiente pois, como disse, «a abolição da escravatura não se faz com medidas meramente proibitivas».

A votação dos dois diplomas foi marcada para a próxima terça–feira tendo sido adiantado que o PSD «não votará favoravelmente o projecto do PCP», o CDS vota a favor da proposta do Governo e abstêm–se na do PCP e as outras bancadas votarão favoravelmente, na generalidade, quer um quer outro instrumento legislativo de combate ao flagelo do trabalho infantil.

Debate requerido pelo CDS

Ontem, ainda, o CDS comunicou à Assembleia que vai requerer a realização de um debate geral sobre política de emprego de menores. O deputado centrista Narana Coissoró garantiu, em declarações transmitidas pela agência Lusa, que «não se trata de atacar o Governo mas sim de analisar com maior profundidade um problema desta dimensão».

Jacinto Nunes preside a comissão que averiguará o caso Sonae

O professor catedrático de Economia Jacinto Nunes aceitou um convite do ministro das Finanças para presidir à elaboração de um relatório «final e conclusivo» sobre as inspecções a sete OPV's do grupo Sonae, segundo a Lusa.

O ministro Miguel Cadilhe convidará o antigo governador do Banco de Portugal a elaborar um relatório conclusivo a partir dos relatórios de cada uma das entidades que em 14 de Janeiro haviam sido incumbidas de fazer inspecções repeitantes às sete Operações Públicas de Venda de acções do grupo presidido por Belmiro de Azevedo.

O Banco de Portugal, a Inspecção-Geral de Finanças, a Direcção-Geral de Contribuições e Impostos, revisores oficiais de contas e outras entidades haviam sido encarregadas de efectuar inspecções até 29 de Fevereiro.

Estes relatórios parcelares já foram quase entregues, afirmou à Lusa o chefe de gabinete do ministro Miguel Cadilhe, Vilhena da Cunha.

Jacinto Nunes, catedrático do Instituto Superior de Economia da Universidade de Lisboa, tenciona convidar dois especialistas para o coadjuvarem na elaboração do relatório final e conclusivo: muito provavelmente professores universitários das áreas de Direito e Gestão.

Tal relatório deverá ser apresentado ao ministro das Finanças até 15 de Março.

INDEPENDÊNCIA DE TIMOR DEFENDIDA EM COLÓQUIO DA SEDES

A independência de Timor-Leste esteve em foco no colóquio ontem promovido pela SEDES, subordinado ao tema «Timor — autonomia ou integração».

Luis Filipe Tomás, historiador, especialista em Expansão portuguesa no Extremo-Oriente, considerou que «ressalvar a autodeterminação de Timor deve ser o ideal», mas acrescentou ser necessário «reconhecer que a Indonésia também tem interesses a defender naquela área», pelo que defendeu a importância do «diálogo» Lisboa-Jacarta.

Para Moisés Amaral, representante da Convergência Nacionalista Maubere (integrada pela UDT e pela Fretilin), que criticou o lema da Sedes para o colóquio, a independência «é a única saída e só poderá ser alcançada através da luta armada e de esforços que Portugal possa fazer no sentido de apoiar o direito do povo timorense à sua autodeterminação». Em resposta à dúvida levantada, um representante da Sedes frisou que a expressão «autonomia» foi utilizada com o sentido de «independência».

O dirigente monárquico, Barrilaro Ruas, presente no debate em representação de Duarte Nuno de Bragança, considerou que «só um povo independente pode ter autodeterminação» e afirmou que Portugal «não cumpriu, e não tem cumprido» o papel de defensor do povo de Timor e sempre praticou, nesta questão, «uma política de demissão e retórica».

O timorense e ex-deputado da ASDI, Manuel Tilman, denunciou o facto de não ser atribuído pelo Orçamento de Estado qualquer verba destinada às embaixadas portuguesas que, em princípio, estão ligadas à protecção dos timorenses. Segundo Tilman, em 30 embaixadas que contactou, «não existia qualquer documentação sobre a questão de Timor».

A afirmação de Tilman de que a expressão «independência ou morte» não é uma solução viável mereceu comentários negativos da assistência ao colóquio. «Ele está ultrapassado», comentaram alguns dos presentes.

Face a tal reacção, Manuel Tilman, de ascendência maubere, salientou que o facto de ter afirmado que a independência não é uma solução à vista «não quer dizer que essa solução não se queira».

O ex-deputado, que pertenceu à comissão parlamentar sobre Timor-Leste, admitíu ainda que os Governos portugueses apenas têm querido ver a questão resolvida e disse acreditar que a ex-colónia de Portugal «vai obter a autodeterminação a seu tempo», prevendo que isso aconteça na meta do ano dois mil».

Comissão Directiva do PRD discute futuro

O futuro dos renovadores democráticos está hoje em análise na reunião da Comissão Directiva do PRD, que se realiza em Santarém, em casa de Hermínio Martinho.

A reunião tem como objectivo preparar o próximo Conselho Nacional do PRD, mas recentes declarações de Ramalho Eanes e do próprio Hermínio Martinho estarão no centro do debate.

Eanes admitiu poder abandonar o partido que ajudou a fundar se for essa a melhor solução para os renovadores democráticos. Se tal acontecer, Hermínio Martinho, actual presidente do PRD, anunciou já que também deixará o partido, por considerar o antigo Presidente da República como «referência moral indispensável».

Ramalho Eanes rejeitou liminarmente a hipótese de regressar à presidência do partido, considerando como melhor hipótese para si continuar como «simples filiado».

Todos os projectos de revisão constitucional têm coisas válidas

— segundo Freitas do Amaral

Freitas do Amaral admitiu ontem, em Coimbra, que todos os projectos de revisão constitucional, incluindo o do PCP, «fornecem sugestões positivas e aceitáveis».

O líder do CDS, que intervinha como orador convidado dos habituais jantares-debates do Centro de Estudos das Realidades Nacionais (CERNE), dissertou sobre a revisão constitucional que considerou estar a ser retardada pelo Governo.

Depois de examinar as possibilidades de consenso alargado entre os diferentes partidos representados na Assembleia da República, mostrou-se preocupado pelo atraso de três meses com que avançam os trabalhos da Comissão Parlamentar de Revisão.

Freitas do Amaral disse mesmo que a estratégia do PSD é favorável ao adiamento e à lentidão do processo da revisão da Constituição.

Sublinhou ser de aplaudir a tendência, revelada em quase todos os projectos, para acentuar e reforçar o papel fiscalizador da Assembleia da República sobre os actos do Governo e da Administração Pública.

«É muito positiva — afirmou — a admissão generalizada do referendo».

«Valia a pena ter rejeitado com tanta veemência o referendo em 80-82, para agora todos o aceitarem?» — interrogou o líder do CDS.

Considerou, a tal respeito, que as nacionalizações e a Reforma Agrária «são as matérias em que as divergências são maiores e onde o consenso vai ser mais difícil de alcançar».

Freitas do Amaral aceitou expressamente a figura das chamadas «leis paraconstitucionais», que considerou uma garantia institucional contra os abusos do poder da maioria e em favor dos direitos da oposição.

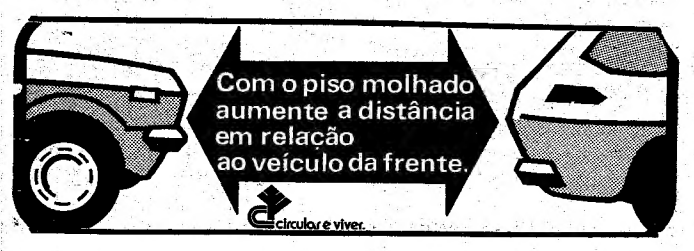
Disse, a respeito da «moção de censura construtiva», ser-lhe pessoalmente contrário, mas esclareceu que se tal figura for adoptada o CDS não votará contra a Lei de Revisão por esse motivo.

A proposta que todos os partidos «democráticos» fazem de eliminar a referência ao «socialismo» no artigo 2.º da Constituição mereceu as congratulações de Freitas do Amaral.

«Mas, por uma questão de coerência, é também preciso eliminar idêntica referência do preâmbulo da Constituição» — afirmou.

Relativamente aos recentes contactos estabelecidos entre o CDS e o PSD, Freitas do Amaral sugeriu que «os dois maiores partidos ainda estão em posições de grande rigidez e inflexibilidade, sem o necessário espírito de compromisso democrático».

«Será necessário um grande esforço de diálogo e tolerância para que a revisão constitucional venha a concretizar-se» — considerou o líder democrata-cristão.



Lisboa apenas contesta sobreposição das zonas de interesse estratégico

Eurico de Melo debate em Madrid integração ibérica na NATO

Eurico de Melo garantíu que Portugal não vai colocar «nenhum tipo de objecção a uma integração das Forças Armadas espanholas» no âmbito da NATO, dado que ela representa um reforço militar da aliança.

O ministro da Defesa, que falava à agência espanhola EFE, nas vésperas da sua viagem a Madrid (segunda-feira) para conversações com o seu homólogo Narcis Serra, considerou que as únicas reservas colocadas por Portugal à proposta de Espanha de contribuição militar no quadro da NATO respeitam a uma eventual sobreposição das zonas de interesse estratégico dos dois países.

Madrid apresentou em Janeiro à NATO uma proposta de comparticipação militar no esforço comum de defesa da aliança que suscitou reservas por parte de Portugal, da Grã-Bretanha (questão de Gibraltar) e dos EUA.

Eurico de Melo sublinhou, nas suas declarações, que qualquer tipo de defesa dentro do triângulo estratégico português — Continente, Açores e Madeira — «corresponde a Portugal dar uma resposta nacional».

O ministro português referíu ainda que as conversações com Narcis Serra envolverão a discussão de questões bilaterais, nomeadamente a possibilidade de cooperação em matéria de indústrias de defesa.

Eurico de Melo, que viaja acompanhado do CEMGFA, general Lemos Ferreira, e do director-geral de armamento, general Cravo da Silva, almoçará no primeiro dia da visita com o Primeiro-Ministro espanhol, Felipe Gonzalez, e será recebido no dia seguinte, em audiência, pelo Rei Juan Carlos.

"Estamos perfeitamente satisfeitos"

— diz Carlucci sobre as diligência de Cavaco Silva nos EUA

«Estamos perfeitamente satisfeitos por podermos iniciar estas consultas e dispostos a debater com os portugueses as suas necessidades em ajuda económica e de segurança», considerou o secretário de Defesa norte-americano, Frank Carlucci, ao comentar as diligências para revisão do acordo das Lajes, empreendidas em Washington por Cavaco Silva.

Carlucci, que falava directamente do Pentágono, em entrevista transmitida para a Europa pela cadeia oficial de TV, «Worldnet», disse ainda, a propósito das conversações do chefe do Governo português com Reagan, George Schultz e com o próprio secretário de Defesa, que o acordo das Lajes «não está a ser renegociado».

Em resposta a questões postas por um jornalistas português, Carlucci citou Cavaco para garantir não estar em causa qualquer eventual redução da presença militar norte-americana nos Açores e, num comentário aos seus contactos em Lisboa com Eurico de Melo, frisou não ter sido assinado «nenhum acordo». Foi decidido por ambos os lados — disse — estudar os pedidos portugueses em matéria de ajuda militar, devendo Washington avaliá-los posteriormente.

O responsável da Defesa dos EUA, que respondia a jornalistas instalados nas embaixadas norte-americanas de Lisboa, Paris, Londres, Roma, Copenhaga e Mainz (RFA), referíu que a eventual instalação dos caças F-16 em Itália está ser estudada em Bruxelas pela NATO.

Frisando que os EUA manterão o seu comprometimento militar em território europeu depois da retirada das armas nucleares de alcance intermédio, negociadas em Dezembro com Moscovo, Carlucci disse estar em curso no seio da NATO, com a intervenção norte-americana, um processo de modernização das forças nucleares.

MAIS UM PASSO NO CONFLITO ENTRE O SITRA E A UGT

A Assembleia de delegados e dirigentes sindicais do SITRA da Carris decidiu, também ontem, que «como a requisição civil não foi levantada na Carris no Conselho de Ministros de quinta-feira, deixava de ter sentido auscultar os trabalhadores sobre a proposta da administração», afirmou José Brandão ao «DL», acrescentando:

«Uma vez que o Governo fez uma reunião extraordinária do Conselho de Ministros para decretar a requisição civil na Carris e tinha uma marcada na quinta-feira — já depois de termos posto como condição essencial o fim da requisição civil para levarmos a proposta aos trabalhadores — e não a levantou, não há razão para nós cumprirmos o que estava combinado entre este sindicato e a empresa».

Entretanto, também José Brandão entregou a Torres Couto uma carta em sua nome pessoal, na qual afirma que, a partir daquela data, se sente «desvinculado e desobrigado directa e pessoalmente dos compromissos» para com a central sindical, na qual era, desde 1982, colaborador remunerado pelo desempenho de um cargo de formação.

UGT nega críticas do SITRA

Entretanto, o Secretariado Nacional da UGT declarou-se «perplexo» perante as críticas do SITRA à central sindical. Em comunicado, afirma-se que Torres Couto mais não fez do que «defender os interesses dos trabalhadores» da Carris, tal como «o tem feito nos processos relativos a outras empresas e sectores».

O Secretariado afirmou que todos os passos dados pela UGT relativamente à Carris foram sempre do conhecimento e tiveram a aprovação do SITRA, através do seu dirigente José Brandão, o que este nega.

O conflito entre a UGT o o SITRA, sindicato filiado naquela central sindical, evoluiu ontem, com a entrega de um abaixo-assinado de todos os dirigentes do SITRA na Carris e da Comissão Negociadora Sindical, no qual é repudiada a interferência da UGT no processo daquela empresa de transportes. Entretanto, num comunicado não muito claro, a UGT nega as afirmações feitas pelo dirigente do sindicato, José Brandão.

«A situação é muito mais grave do que o que pode parecer pela mancira como está a ser apresentada, embora possa ser esclarecida. Nada do que foi avançado pela UGT esclarece os trabalhadores da Carris: é só um reafirmar de confianças, o que para nós é secundário», disse esta manhã ao «DL» José Brandão.

Em causa está, como o «DL» ontem noticiou, o facto de ter havido um acordo entre Torres Couto e o Ministro dos Transportes sobre uma proposta que o Governo ia apresentar para a Carris, de aumentos salariais na ordem dos 8,6 por cento e da redução do horário de trabalho para as 40 horas semanais, «o que não se verificou à mesa das negociações», esclareceu José Brandão.

O SITRA exige um esclarecimento da UGT sobre as pressões exercidas sobre os dirigentes daquele sindicato, no intuito de que fosse apresentada a proposta aos trabalhadores, mesmo sob a requisição civil.

Ontem mesmo foi entregue a Torres Couto e ao presidente da UGT, Pereira Lopes, um abaixo-assinado de todos os dirigentes do SITRA na Carris e da Comissão Negociadora Sindical, com o apoio do secretariado nacional do SITRA, no qual se repudia as pressões da UGT sobre os dirigentes daquele sindicato, para que aceitassem situações que são contra os interesses dos trabalhadores da Carris e põem em causa os sindicatos da UGT nas outras empresas de transportes.

Gestão hospitalar também passa por eles

Chefes administrativos não estão integrados em qualquer carreira

Cerca de cem funcionários dos hospitais portugueses que exercem funções de chefia nos serviços administrativos não estão integrados em qualquer carreira, não beneficiam de reclassificações e não podem concorrer a chefes de repartição.

Segundo uma comissão daquela classe, esta situação abrange desde 1978 mais de 100 trabalhadores que integram uma categoria da função pública considerada atípica e só existente nos hospitais.

António Moreira, da referida Comissão, salientou que, em termos práticos, a atipicidade do seu estatuto não lhes permite concorrer a chefes de repartição, não beneficiam de reclassificações e não estão integrados em nenhuma carreira.

A indefinição do seu estatuto tem contribuído para a ultrapassagem sistemática de que têm sido alvo, na hierarquia dos hospitais, por parte de funcionários de categoria inferior, que podem concorrer a chefia de repartições.

«Desde 1978 que funcionários com letras inferiores às nossas nas tabelas de vencimentos e de categoria hierárquica inferior nos vêm ultrapassando», sublinham numa exposição recentemente enviada à ministra da Saúde.

Segundo referem, o facto de este cargo não ser considerado de chefia para certos efeitos, mas reconhecido para outros, têm causado algumas confusões junto dos próprios organismos da tutela.

Salientam a propósito que questionaram a Direcção-Geral dos Hospitais sobre a possibilidade de terem isenção de horário, mas a resposta foi negativa porque «O Decreto-Lei 191/79 só o concede aos lugares de chefia taxativamente enumerados».

Em várias exposições enviadas ao Ministério da Saúde, propuseram a criação de uma carreira administrativa hospitalar, mas isso foi rejeitado pela Direcção-Geral da Função Pública.

Sindicato dos Consulados acusa Governo de não cumprir a lei

O Sindicato dos Consulados e Missões Diplomáticas (STCDE) acusou ontem o Governo de não cumprir o Decreto 451/85, que permitia aos trabalhadores consulares optar pelo regime da Função Pública.

Em conferência de Imprensa, os dirigentes sindicais afirmaram que o Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) tem mais de metade do pessoal com vínculo precário, já que cerca de 1500 empregados dos consulados e missões diplomáticas continuam sem vínculo efectivo ao Estado.

«O Decreto-Lei 451/85 está em vigor há dois anos, mas o MNE não o aplica: os trabalhadores que optaram pelo regime da Função Pública continuam sem vínculo e o Ministério faz admissões sem concurso, faz promoções sem regras e define salários sem qualquer critério — afirmaram os dirigentes do STCDE.

Há uma estrutura de remunerações com critérios definidos para pessoal diplomático e pessoal dos quadros colocado no estrangeiro e o mesmo deveria acontecer com os trabalhadores consulares — acrescentaram.

Salientaram que um vice-cônsul, que é o chefe administrativo do consulado, chega a receber menos que funcionários do quadro colocados nos mesmos consulados e sublinharam que há trabalhadores consulares com a mesma categoria que no mesmo país recebem ordenados bastante diferentes.

Os dirigentes sindicais criticaram as condições de atendimento e apoio aos emigrantes e afirmaram que continuam a ser expulsos emigrantes portugueses em França em violação das condições de adesão à CEE e sem que haja uma intervenção eficaz das autoridades consulares portuguesas, dando exemplos de Lion e Clermont-Ferrand.

Para os dirigentes do sindicato, os consulados deveriam funcionar como fiscalizadores das condições de adesão à CEE, nomeadamente quanto à igualdade de tratamento com os cidadãos nacionais, o que encontra grandes resistências em países como a França.

Criticaram a diminuição dos apoios às associações de portugueses e à difusão da língua e cultura portuguesa entre os emigrantes, sublinhando que os emigrantes da segunda geração não dominam nem utilizam o Português e apesar disso foram extintos centros de ensino de português.

Os dirigentes do sindicato salientaram que muitos edifícios dos consulados «não têm condições de funcionamento, apontando o caso do consulado de Paris que foi transferido de um edifício próprio que está vazio há seis anos para um edifício sem condições alugado por cerca de 2000 contos por mês.»

Greve geral convocada pela UGT a terceira pós-25 de Abril

A greve geral convocada para 28 de Março pela UGT será, a concretizar-se, a primeira desta central sindical e a terceira, em Portugal, depois do 25 de Abril.

A convocação da paralisação pela central sindical liderada por Torres Couto passará à prática — como ontem foi anunciado — se o Governo não alterar o «pacote laboral».

A CGTP, que também anunciou já rejeitar totalmente a legislação governamental para o sector, vai analisar a intenção da UGT em plenário marcado para o próximo dia 3 de Março.

Em termos históricos, foi a tendência socialista da UGT a primeira a aprovar a realização de uma greve geral em Portugal, não a tendo decretado, todavia, para uma data certa e, sim, para o dia em que a AR iniciasse a discussão de alterações da legislação laboral.

Depois do 25 de Abril, a CGTP convocou num mesmo ano, 1982, duas greves gerais: em 12 de Fevereiro e 11 de Maio.

Com a primeira, marcada com quase um mês de antecedência, em 15 de Janeiro, punha-se em questão a política global do Governo, cuja queda se visava.

A adesão, segundo números da central, foi de 70 por cento. Para o Governo, a paralização redundou num «autêntico fracasso».

A segunda tomou como pretexto acontecimentos ocorridos no Porto durante as celebrações do 1.º de Maio e visava, como a primeira, a demissão do Governo.

A história do movimento sindical português regista, até 25 de Abril, apenas quatros greves que abrangeram, de forma simultânea, todas as classes.

A primeira ocorreu em Novembro de 1918 e não surtiu o efeito pretendido.

Terão contribuído para esse fracasso a celebração do armistício (primeira Guerra Mundial), a descida dos preços de alguns produtos e a pneumónica.

A segunda, marcada para Junho de 1919, igualmente fracassou, abortada pela ocupação militar do Porto e de Lisboa e a prisão dos dirigentes do movimento grevista.

Convocada para 18 de Janeiro de 1934, a terceira, contra a fascização dos sindicatos, teve pela primeira vez origem em divergências no interior do próprio movimento sindical.

Greve da Lusa suscitou apoios internacionais e teve adesão a quase 100 por cento

A Organização Internacional de Jornalistas, com sede em Praga, colocou à disposição dos jornalistas da agência Lusa um fundo financeiro de apoio à greve, depois de isto lhe ter sido solicitado pela direcção do Sindicato dos Jornalistas. Também a Federação Internacional de Jornalistas, manifestou a sua solidariedade.

O dia de greve que os jornalistas da agência de informação fizeram ontem obteve uma adesão superior a 90 por cento. Segundo informação do Sindicato dos Jornalistas, dos 91 redactores da sede, apenas seis trabalharam: cinco da secção de economia e um do desporto.

Quanto às delegações da agência, no Porto quatro jornalistas paralizzaram e três não, na Guarda o jornalista não trabalhou, nos Acores, um jornalista aderiu e outro não, na Madeira nenhum aderiu, em Évora o único jornalista não aderiu, no Algarve os dois jornalistas aderiram, o mesmo acontecendo no Maputo e em Madrid, mas não em Bruxelas.

Durante as 24 horas da greve, que começou às duas da manhã de quinta-feira e terminou um dia depois, estiveram totalmente paralizados os serviços de fotografia, nacional, internacional, comunidades, novos produtos e centro de documentação.

Verificou-se uma adesão total dos jornalistas que fazem o turno da madrugada, na sede da agência. Durante, o dia foi apenas lançado para a linha noticiário económico traduzido das agências estrangeiras, algum noticiário regional e informação sobre o Conselho de Ministros e a Assembleia da República, acontecimentos cobertos pelos jornalistas que não aderiram à greve. A direcção de informação manteve uma posição neutral, limitando-se a mandar sair em serviço os jornalistas de declararam a sua não adesão à greve.

A greve dos jornalistas da agência Lusa tem por objectivo negociar melhores condições salariais, nomeadamente um aumento de 13 por cento, 520 escudos de subsídio de refeição e a indexação das diuturnidades. O Conselho de Gerência tem recusado negociar nesta base.

A direcção do Sindicato dos Jornalistas, analisando a greve considerou que ela mostra «de forma inequívoca a firme determinação dos jornalistas de lutarem por melhores condições de vida».

Em luta contra o pacote laboral, numa "guerra de milímetros"

UGT MARCOU GREVE GERAL PARA O DIA 28 DE MARÇO

O Governo «não cederá um milímetro» no que respeita à nova legislação laboral e a UGT «não recuará nem meio milímetro nas suas reivindicações», pelo que é quase certa a realização da greve geral no dia 28 de Março, como o Secretariado Nacional aquela central sindical decidiu ontem convocar. E é possível que a greve geral conte ainda com o apoio da CGTP–IN, que decidiu que «perante a complexida do momento social que vivemos», «devem ser consideradas todas as formas de luta constitucionalmente permitidas, inclusivé uma nova greve geral». A decisão deverá ser tomada na próxima quinta–feira, em plenário dos sindicatos nela filiados.

O Secretariado Nacional da UGT decidiu ontem convocar uma greve geral de 24 horas para o dia 28 de Março, caso o Governo mantenha a intenção de levar a actual versão do pacote laboral à Assembleia da República, anunciuou a central sindical, em conferência de Impresa no final da reunião.

A UGT propõe–se, no entanto, desenvolver vários contactos antes do dia da greve geral, como forma de pressão junto do Governo, como sejam audiências com o Presidente da República, logo após o seu regresso de Marrocos, e com os representantes da Igreja católica portuguesa.

Sgundo o secretário–geral, Torres Couto, a UGT tenciona ainda protestar na Assembleia da República, caso o presente diploma do Governo entre no hemiciclo para aprovação, na sua terceira e actual versão.

Para aquela central sindical, os principais pontos de contestação do «pacote laboral» do Governo prendem–se com o princípio da transformação do despedimento em indemnização, a inaptidão como causa ogbjectiva de despedimento e a formulação dos termos indemnizatórios.

Este endurecimento de posição por parte da UGT surge horas após declarações feitas pelo Primeiro–Ministro, em que Cavaco Silva reafirmou que o Governo «não cederia um milímetro na sua proposta». Como resposta, Torres Couto disse que «a UGT não vai, então, recuar nem meio milímetro nas suas reivindicações».

UGT disposta ao diálogo

No entanto, no encontro com os jornalistas, Torres Couto reafirmou a disponibilidade da UGT para o diálogo com o Governo, no sentido de uma reformulação de alguns dos pontos contestados no pacote.

«Só haverá greve geral se o Governo se mantiver numa posição de irredutabilidade», sublinhou.

Para o secretário–geral daquela central sindical, «é grave que o Governo considere como posição de fraqueza» a possibilidade de alterar a sua posição, argumentando que «só não dialoga quem não está convicto da sua força e da sua razão».

«Se houver alteração da lei, o Governo não sairá enfraquecido, mas fortalecido aos olhos da opinião pública», acrescentou.

No entanto, Torres Couto manifestou a esperança de que o Governo possa prever a sua posição nos próximos dias, admitindo que a ausência de Cavaco Silva, que regressou já a Lisboa de uma visita aos Estados Unidos, tenha dificultado o processo.

Inconstitucionalidade do diploma

Sobre a alegada inconstitucionalidade de alguns dos pontos do pacote laboral, Torres Couto adiantou que o diploma está a ser estudado por diversos constitucionalistas, esperando–se para breve o seu parecer.

Posição peremptória foi, no entanto, assumida pelo dirigente da UGT sobre o princípio constitucional que proibe o despedimento sem justa causa, acrescentando que tal não se verifica nos outros países comunitários.

Contra as afirmações do Governo que diz ter criado uma legislação laboral semelhante à da Europa Comunitária, Torres Couto garantiu que enquanto esse princípio estiver incluído na Constituição Portuguesa, a UGT «zelará para que seja cumprido», pelo que em nada é igual ao resto da CEE.

Quanto ao papel que a central sindical tem tido no Conselho Permanente da Concertação Social (CPCS), Torres Couto defendeu que não existe a obrigatoriedade de todas as partes em negociarem tudo. «Queremos um diálogo numa perspectiva de negociação permanente, no CPCS, e não de diálogo fechado, como o Governo pretende», frisou.

«Contestações políticas» — afirma Cavaco Silva

À saída de uma audiência com o Presidente da República, Cavaco Silva disse, ontem, ter dificuldade em aceitar que a oposição ao «pacote laboral» tenha motivações estritamente sindicais.

«São contestações políticas», afirmou, reiterando a ideia de que a legislação laboral aprovada pelo Governo é a mais ajustada para a modernização de Portugal.

O Primeiro–Ministro desafiou os sindicatos a provarem que a legislação do Governo nesta matéria seja pior do que as que estão em vigor em qualquer outro país da CEE, e afirmou a resolução do Governo em não ceder «nem um milímetro».

CGTP analisa greve geral da UGT

No próximo dia 3, a CGTP–IN vai analisar, num plenário dos sindicatos nela filiados, a decisão anunciada pela UGT de convocar uma greve geral para 28 de Março, caso o Governo mantenha inalterado o «pacote laboral».

Gonçalves André, dirigente da central sindical, afirmou que a decisão da UGT era, «naturalmente, um dado a analisar no plenário».

O mesmo dirigente reafirmou a posição de «total rejeição» por parte da CGTP ao «pacote laboral».

Em comunicado, o Conselho Nacional da CGTP–In caracteriza a actual situação social pela «intransigência, autoritarismo, ausência de diálogo, incapacidade de adaptação à vida democrática do Governo», que estimula «o comportamento afrontoso do patronato para com os direitos e interesses dos trabalhadores» e a «unidade dos trabalhadores em torno dos seus problemas concretos» que poderão levar ao «êxito das suas acções de luta».

Perante esta situação, a CGTP decidiu «prosseguir e intensificar a luta contra o pacote laboral do Governo», «contra o tecto salarial e pela melhoria dos salários», bem como contra os despedimentos e encerramentos de empresas, salários em atraso, trabalho infantil e pela defesa da redução dos horários de trabalho, criação de novos postos de trabalho e do sector empresarial do Estado e da Reforma Agrária.

Referindo–se a «momentos históricos definidos», a CGTP «soube assumir–se frontalmente contra as tentativas de subversão do regime democrático, levando a efeito duas greves gerais» pelo que, «perante o momento social que vivemos», a central sindical decidiu «que devem ser consideradas todas as formas de luta constitucionalmente permitidas, inclusivé uma nova greve geral».

TSD analisam greve geral

A análise da actual situação político–sindical, na qual avulta a possibilidade de greve geral, é o primeiro ponto da ordem de trabalhos do Conselho Nacional que os Trabalhadores Sociais Democratas (TSD) efectuam hoje em Lisboa.

Recorde–se que Arménio Santos, dirigente dos TSD e números dois da UGT, tinha já afirmado que, caso aquela central sindical aprovasse a greve geral, os trabalhadores sociais democratas assumiriam a decisão.

Desconvocadas as greves da Transtejo e do Metro para segunda-feira

Das greves marcadas para segunda–feira na CP, Metropolitano de Lisboa e Transtejo, só a primeira se manterá. As restantes foram desconvocadas em plenários de trabalhadores, após os conselhos de gerência das empresas terem alertado para o facto de não ter sido respeitado o prazo legal de cinco dias para nova paralisação. No entanto mantêm–se os pré–avisos de greve nas três empresas para o dia 4 de Março, sexta–feira.

Os trabalhadores da Transtejo, reunidos ontem em plenário, decidiram desconvocar a greve marcada para segunda–feira, motivada por reivindicações salariais, para respeitarem os trâmites legais. No entanto, a de sexta–feira mantém–se agendada, uma vez que o problema não se põe.

O mesmo se passou em relação ao Metropolitano de Lisboa, tendo a greve sido desconvocada por todos os sindicatos da empresa.

No entanto, a greve na CP, que decorrerá das zero às 24 horas de segunda–feira, foi confirmada pela Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses. Na base da greve estão reivindicações salariais, redução do horário de trabalho e da idade de reforma.

Em comunicado, a Federação dos Ferroviários responsabiliza o Governo e o Conselho de Gerência da CP pela greve, afirmando que, «depois de durante uma semana esta e as demais federações se terem deslocado todos os dias às instalações do Governo, nenhuma resposta foi obtida à proposta de acordo que lhe foi apresentada».

Segundo a Federação, o Conselho de Gerência também não tentou desbloquear o conflito na reunião de quinta–feira, «acabando a reunião passada uma hora do seu início».

A Federação transmitiu formalmente ao Conselho de Gerência que «estará presente dia e noite (sábado e domingo) para o caso de o Conselho de Gerência ou o Governo entenderem apresentar novas posições para negociação e desbloqueamento do conflito», lê–se no comunicado.

Totoloto e totobola podem fazer greve

A Federação Sindical da Função Pública proporá uma greve na semana que termina a 19 de Março, para afectar os concursos dessa semana do Totoloto e do Totobola, segundo afirmou um dirigente sindical.

A greve deverá ser proposta terça–feira em plenário de trabalhadores do departamento de apostas mútuas da Misericórdia de Lisboa.

A greve visa exigir a aplicação integral do decreto que prevê que as remunerações por trabalho complementar no Totobola e Totoloto vão para a caixa de aposentações, a aplicação do decreto 248/85 sobre carreiras, o pagamento de dubsídio de férias pelo trabalho complementar e a aplicação de direitos sociais da Função Pública no caso de trabalho complementar, afirmou Vítor Duarte, dirigente da Federação.

O sindicalista acrescentou que para quarta–feira está previsto um plenário dos restantes departamentos da Misericórdia de Lisboa, que poderá aprovar também formas de luta.

Metalúrgicos em greve

Cerca de 70 por cento dos trabalhadores metalúrgicos do distrito de Aveiro aderiram à greve de ontem, convocada pelo respectivo sindicato.

Segundo referiu o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica de Aveiro, as maiores percentagens de adesão à greve verificaram–se nas empresas Paula Dias e F. Ramada.

Os trabalhadores do sector pretendem a «rápida negociação do Contrato Colectivo de Trabalho vertical» e rejeitam a proposta patronal de 8,8 por cento de aumento da massa salarial, contraponto 10 por cento. Em causa está também a negociação do subsídio de alimentação, diuturnidades e a redução progressiva do horário de trabalho.

Durante a tarde de ontem, os trabalhadores das empresas metalúrgicas e metalomecânicas do distrito de Aveiro manifestaram–se numa das principais atrérias da cidade, contra a aprovação do pacote laboral.

Porto de Setúbal: greve terminou

A greve dos descarregadores de mar e terra que desde dia 3 paralisava o porto de Setúbal terminou ontem, com um acordo estabelecido entre os siondicatos e a Associação dos Agentes de Navegação e Empresas Operadores do Sul (ANESUL).

A decisão foi tomada após uma reunião que envolveu os sindicatos dos descarregadores, dos estivadores e dos conferentes martimos e a ANESUL.

Na reunião, realizada em Setúbal, acordou–se um novo clausulado contratual, uma das reivindicações apresentadas pelo Sindicatos dos Descarregadores de Mar e Terra.

Segundo Mesquita Pires, da ANESUL, «o acordo assinado é de grande importância para o futuro do porto de Setúbal. Foi possível chegar a um acordo social, pelo que o porto voltará ao seu estado de movimento habitual».

A greve, a maior realizada naquele porto, fez desviar mais de 50 navios para outros portos nacionais e espeanhóis.

Entretanto, caso a greve se mantivesse, o Centro Coordenador do Trabalho Portuário de Setúbal não poderia assumir compromissos para com os seus trabalhadores ou insttituições, pois com o pagamento dos vencimentos de Fevereiro ficaram esgotadas as suas reservas financeiras.

Em comunicado interno, o Centro salienta que «a manter–se a greve e a suspensão de pagamentos por parte das operadoras, o Centro Coordenador não poderá assumir quaisquer outros compromissos, quer para com os seus trabalhadores, quer para com a Segurança Social e outras instituições».

O comunicado daquela estrutura portuária vem na sequência da greve que durante 24 dias paralisou o porto de Setúbal, convocada pelo Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra e que só ontem chegou ao fim.

O Centro Coordenador de Trabalho Portuário de Setúbal referia ainda, no comunicado, que «apuradas até ao limite todas as disponibilidades financeiras do Centro, os salários deste mês ainda poderão ser pagos».

Couto dos Santos apresenta programa para 1988

SÃO 72% OS JOVENS QUE VÊEM NO EMPREGO FORMA DE REALIZAÇÃO PESSOAL

Para 60 por cento dos jovens portugueses a possibilidade de emigrar é «uma hipótese que nem se coloca» — revelou ontem o ministro adjunto e para a Juventude, Couto dos Santos.

Este dado — um dos mais recentes de que dispõe o ministério — foi revelado em conferência de Imprensa destinada a apresentar o programa de actividades deste ano para a juventude.

Outro dos últimos dados recolhidos pelo ministério — e que Couto dos Santos considerou «significativo» — é a afirmação feita por 72 por cento dos jovens de que vêem no emprego uma forma de realização pessoal e profissional. Só para cerca de 30 por cento — acrescentou — o emprego constitui apenas «um modo de ganhar dinheiro».

Foi atendendo a estes dados — disse ainda Couto dos Santos — que o programa deste ano para a juventude decidiu considerar prioritária a área da cultura.

«Hoje o quadro de valores da população e a sua cultura sobrepõem-se aos aspectos economicistas» disse o ministro.

No sector da cultura, o Governo propõe-se encorajar o aparecimento de «jovens valores nas artes e nas letras» a propósito das comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos. As capitais de distrito abrirão concurso para os diferentes ramos artísticos.

O programa de actividades prevê também a participação de «uma grande delegação» portuguesa na Bienal de Jovens Artistas em Bolonha.

Couto dos Santos anunciou ainda a criação este ano de 300 clubes de ciência e tecnologia para a juventude, que se destinarão a formar jovens em novas tecnologias, designadamente as da Informação.

O programa prevê ainda o apoio a jovens inventores e investigadores, designadamente através da concessão de bolsas.

De um modo geral, o plano de actividades para este ano implicará investimentos da ordem dos 100 milhões de contos e envolverá 750 000 jovens.

O Governo manterá este ano os Programas de Ocupação de Tempos Livres (OTL) e Ocupação Temporária de Jovens (OTJ), em que participarão respectivamente 106 000 e 22 000 jovens.

Outra experiência já testada em anos anteriores, o Fundo de Apoio às Iniciativas de Jovens Empresários, disporá em 1988 de quase dois milhões de contos, ou seja, o dobro do último ano.

Couto dos Santos anunciou ainda que será criado este ano o Prémio «Jovem Agricultor» e que serão reforçados os apoios aos jovens que quiserem seguir este sector de actividade.

O «Cartão-Jovem» continuará em 1988 e será alargado a vários países europeus, transformando-se num «passaporte europeu para a cultura e para a mobilidade», segundo disse o ministro.

Couto dos Santos anunciou ainda que cerca de 300 jovens irão participar, em 1988, em acções de intercâmbio com os países africanos de língua oficial portuguesa.

"Courts" no Eduardo VII também criticados

"Amigos da Terra" exigem legalidade e solidarizam-se com a EDP

A Associação Portuguesa de Ecologistas «Amigos da Terra» decidiu assumir publicamente «a defesa da legalidade e da EDP no que toca à acção com vista a recuperar as tarifas degradadas no Norte do País». Por outro lado, o mesmo comunicado agora distribuído pelos órgãos de informação protesta contra o facto de a população de Lisboa ficar proximamente «esbugalhada de mais um espaço verde»: o Parque Eduardo VII terá um clube de ténis com vários «courts».

Assinado por Gertrudes Silva, presidente da Comissão de Gestão recentemente eleita, o documento afirma que «só os Estados sem Direito permitem que a lei seja infringida», no que se refere ao «caso» que tem envolvido a EDP com a Câmara Municipal do Porto. Segundo aquela organização ecologista, membro português dos Friends of the Earth, «o Porto e os restantes municípios que beneficiam de tarifas bonificadas violam grosseiramente a Constituição da República», no seu Artigo 13.º.

Por isso, lemos, «vai a APE/AT, nomeadamente através do seu representante no Grupo Consultivo do Plano Energético Nacional, continuar a defesa do Direito, do ambiente e da conservação de recursos».

EM)Quanto à questão dos «courts» de ténis em pleno Parque Eduardo VII, os «Amigos da Terra» consideram que se trata «de mais um atentado inqualificável ao ambiente e qualidade de vida dos alfacinhas». E porquê mais um? Simplesmente porque «ameaçado pela especulação a norte (espaço suposto para o Hotel Hilton), o principal jardim lisboeta vê-se cortado da fatia substancial a sul».

A associação ecologista acusa de beneplácito e cumplicidade na «história» a maioria da vereação da Câmara de Lisboa, incluindo o PCP, «que agora parece estar em vias de integrar» tal maioria, e escandaliza-se por estarem a ser cobrados 500 contos de jóia para quem se quiser tornar sócio do clube de ténis.

Noutro ponto do seu comunicado a Comissão de Gestão dos «Amigos da Terra» indica que aquela associação continua «a vigiar o Estado português», concretamente «sobre a forma de implementação no nosso país da directiva comunitária relativa aos riscos de acidentes graves de certas actividades industriais, conhecida como Directiva Seveso».

— Mobiliário de escritório
— Máquinas de escrever
— Máquinas de calcular
— Caixas registadoras
— Copiadores
— Cantoneira
— Consumíveis
— Computadores
— Impressoras

interdigito MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIOS, LDA.
647333 - 640079
CALÇ. DE STO. AMARO, 138 - R/C ESQ. - 1300 LISBOA

Morreu o matemático Hugo Baptista Ribeiro

A morte de Hugo Baptista Ribeiro, ocorrida em Bicese, onde vivia após ter cessado a sua actividade de docente, leva-nos a recordar a política cultural e científica do «Estado Novo». Hugo Baptista Ribeiro, nascido em 1910, fez os seus estudos secundários nos liceus Passos Manuel e Pedro Nunes, foi aluno do Instituto dos Pupilos do Exército e do Instituto Industrial de Lisboa.

Como estudante, e principalmente no período que frequentou a Faculdade de Ciências de Lisboa, onde viria a licenciar-se em Ciências Matemáticas em 1939, teve uma intensa actividade antifascsta tendo pertencido ao número dos fundadores dos Grupos de Defesa Académica, do Bloco Académico Antifascista, pertenceu ao Socorro Vermelho Internacional (SVI), e com, Bento de Jesus Caraça à Liga Portuguesa Contra a Guerra e o Fascismo. Em 1942 foi prossseguir na Suíça os seus estudos de Matemática e doutourou-se em Zurique, em 1946. Regressado a Portugal trabalhou no Centro de Estudos Matemáticos de Lisboa. E desde 1940, que publicou trabalhos na revista «Portugaliae Mathematica». Os seus trabalhos acerca da «Teoria dos Espaços Topológicos» obteve o Prémio «Arthur Malheiros» (Matemática) da Academia das Ciências de Lisboa.

O professor Hugo Baptista Ribeiro

O seu doutoramento em Zurique nunca foi reconhecido e tendo concorrido a assistente de Matemática do Instituto de Agronomia, não foi nomeado, em consequência do que saiu do País. Em 1947, foi contratado como «lecturer in Mathematics» pela Universidade de Berkeley, Califórnia, onde leccionou 3 anos, nos anos seguintes esteve como «associate professor» em Lincoln, Nebraska, e 15 anos no State College, Pensilvânia, donde se reformou em 1974 com o título de «Professor Emérito».

Além da sua colaboração nas revistas portuguesas «Gazeta de Matemática» e «Portugaliae Mathematica», Hugo Baptista Ribeiro deixou uma vasta bibliografia sobre matérias da sua especialidade em revistas científicas de vários países. Participou em congressos internacionais de Matemática nos Estados Unidos, em Nice, em Edimburgo, em Moscovo. Depois do 25 de Abril, os seus amigos do Porto, professor Rui Luís Gomez e José Morgado convidaram-no para leccionar na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Deixa viúva a doutora Pilar Ribeiro, também professora de Matemática. O funeral realiza-se às 15 horas, de hoje, da sua casa de Bicese para o Cemitério de Alapraia.

ANTES DE FAZER UMA VIAGEM
Certifique-se do estado dos travões, direcção, suspensão, luzes e pneus.
Disso depende a sua vida e a dos outros.
circular é viver

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

TODO o mundo tem os olhos postos na ciência. A sugestão do milagre transferiu-se para ela com armas e bagagens. Roque Santeiro, embora sem direito a nome na Folhinha, lá continua ainda em funções.

Mas a maioria dos santos está no desemprego. Já ninguém recorre a Santa Bárbara, para as trovoadas, a Santa Clara para os males dos olhos, a Santa Eufrosina para a queda do cabelo. O próprio S. Cristóvão, na bagunça do trânsito, se transformou em recordação folclórica. No desemprego e sem subsídios.

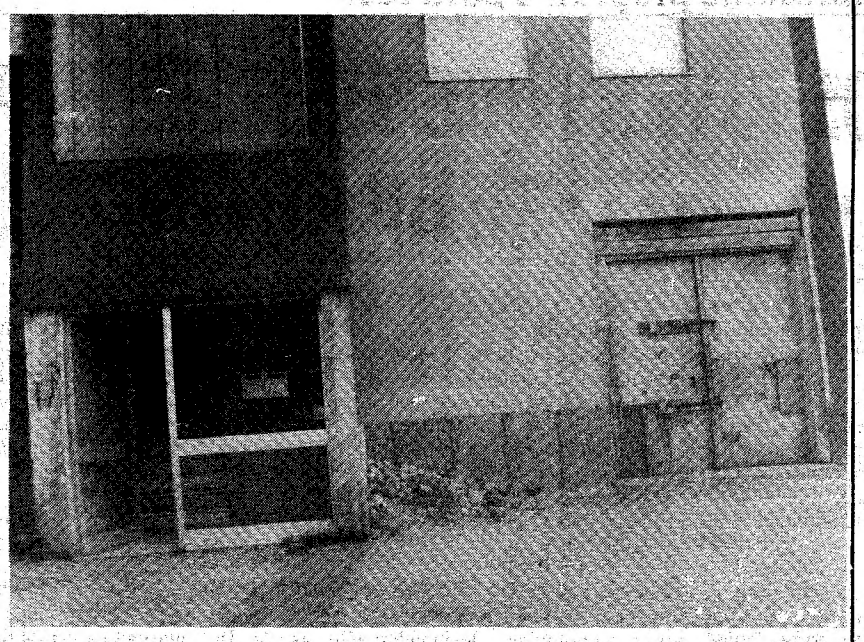
Não fujo á regra. leio todos os fecundos pasquins de divulgação à espera da grande notícia: a vitória sobre o caranguejo, a vitória sobre a SIDA, a vitória sobre a velhice. Não sei quando, mas ela virá. se Deus quiser, é claro.

Num desses fossados sob a tristérrima, nefanda coisa: também o Sol morrerá. Vejam lá: já nem nos amigos se pode ter confiança! Mais uma angústia a acrescentar a tantas outras — o calote americano, o pacote laboral, os improvisos de Miguel Cadilhe. Para tudo dizer: daqui a quarenta biliões de anos o Sol terá a sua trombose.

Pois é assim, manos. Andam as pessoas em tamanha guerra para, de um momento para o outro, caírem todas no Grande Buraco.

Alguns dirão que quarenta biliões de anos é muito ano. Que nada de entrar em pânico. Que cantemos, amemos, folguemos. Que há tempo de voar alto como a águia e baixo como o falcão. Só os medíocres pensam isso. Para a minha fome de vida, quarenta biliões de anos cabem na cova de um dente. Que vou eu fazer a estes excedentes de abraços que há nos meus braços, às palavras boas que ainda estão para além dos meus lábios, às terras amigas que ainda me falta conhecer? Quarenta biliões de anos não dão pra nada, passam a correr.

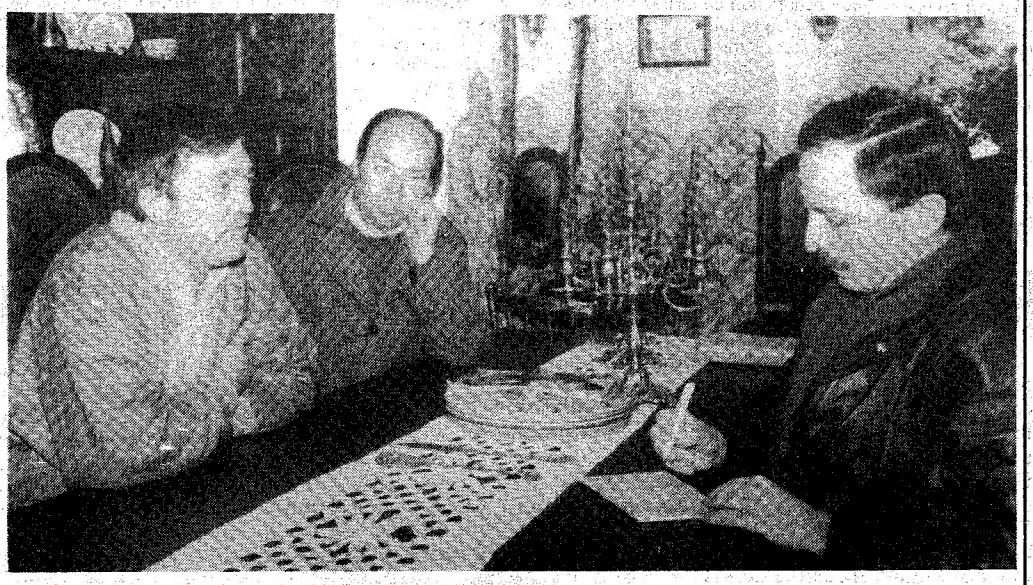
Por isso eu vou daqui direito ao notário fazer o meu testamento.



Urbanização de Vale de Arcena a que já chamam "Vale de Lágrimas"

CGD TEM NAS MÃOS FUTURO DE MILHAR E MEIO DE PESSOAS

São trezentas famílias, num total aproximado de milhar e meio de pessoas. Cerca de 80 (famílias) aguardam há anos a escritura — que tarda em ser feita. Apenas seis têm casa garantida, porque esse formalismo notarial foi cumprido. Não estão à mercê da Caixa Geral de Depósitos, que alguns deles acusam de estar a protelar a legalização das casas em que vivem. Todo o processo é nebuloso, porque em onze a propriedade da urbanização — duzentas casas construídas, trezentas inacabadas — passou de uma empresa construtora para outra, aparecendo uma terceira não se sabe bem porquê.



Vale de Arcena, a norte da populosa vila de Alverca, às portas de Lisboa: que futuro para cerca de milhar e meio de pessoas, atendendo a que das duzentas construídas apenas seis famílias (cerca de trinta pessoas) está em ordem e quatrocentas esperam que a Caixa Geral de Depósitos respeite os compromissos por eles assumidos face à «Imobiliária Eurocapital»?

Francisco Vicente é um dos «resistentes» da Comissão de Moradores, criada, em 21 de Outubro de 1984,, com a incumbência de tentar resolver o problema. Ouvimo-lo esta manhã, bem cedo, horas depois do tribunal de Vila Franca ter decidido em processo sumário — despacho que ficará para a história — não despejar quatro ocupantes recentes de outras tantas casas inacabadas da Urbanização do Vale de Arcena, a que alguns já chamam «Vale de Lágrimas», tal o número de abusos, os atropelos, ofensas, humilhações, cometidos sobre e contra eles.

«Isto há-de ter um desfecho e nós confiamos que seja o mais justo, que respeite os direitos adquiridos daqueles que têm contrato-promessa de compra e venda, daqueles que vieram para aqui com as chaves na mão, que acreditaram nos homens, daqueles que tudo fizeram para honrar e cumprir com os compromissos assumidos», disse Francisco Vicente ao «DL».

Hasta pública está à porta

A Comissão de Moradores da Urbanização do Vale de Arcena, que além de Francisco Vicente inclui Carlos Meneses, João Chambinho, Fernando Silva e José António está ao corrente de todo o processo e sabe que a Caixa Geral de Depósitos já oficiou às Finanças de Vila Franca de Xira a arrematação da urbanização — uma série de lotes em «T» — em hasta pública.

Reside nesse acto a esperança das famílias que fizeram contratos-promessas de compra e venda com a «Imobiliária Eurocapital» que todos (os que ouvimos) acusam de ser a grande responsável pela situação de incerteza em que vivem. Todos os demais moradores receiam, naturalmente, que a iniciativa da CGD «corra» com eles mais depressa. Trata-se de pessoas que ocuparam casas construídas (há alguns anos) ou inacabadas (mais recentemente). Na esperança de resolverem oseu problema habitacional — que é um direito constitucional —, que nesta urbanização é extremamente grave.

A maioria das casas — salvo as duas primeiras bandas, num total de catorze lotes, cada uma seis habitações — não têm condições de habitabilidade, inclusivamente algumas destas, que têm água e luz, mas cujos esgotos falham parcialmente. Todas as outras são desprovidas de condições mínimas: não têm água, nem electricidade, nem esgotos. Foram ocupadas por negros e brancos, sem tecto. Ficaram provisoriamente abrigados, mas o frio que se «rapa» naquela zona — e que esta manhã sentimos — só com muito sacrifício se aguenta. Para negro, é obra...

Chegam todos os dias não se sabe como

Aliás, chegam ali negros quase todos os dias. Como esta manhã nos dizia Álvaro Braga, que não vive ali mas conhece os meandros da zona, sempre que há barco é certo e sabido que vêm mais negros (de sacos às costas) para o Vale de Arcena. A dúvida é esta: como é que sabem que há ali uma urbanização com alguns lotes por acabar? Talvez outros negros lhes tenham falado.

Por detrás de tudo isso haverá negócio. Como houve — esse ainda por esclarecer — na passagem da responsabilidade da urbanização da Imobiliária Eurocapital para a Urbanitel. Negócio que o Tribunal de Vila Franca terá apreciado no despacho que ontem proferiu, não despejando as quatro famílias que ali foram apresentadas.

Ficou tudo como dantes e nada resolvido: os últimos ocupantes permanecerão ali até à hasta pública, que, disseram-nos alguns dos moradores, deverá pôr ponto final no drama que se vive na Urbanização de Vale de Arcena. Curioso: quem ali entra não dá conta, à primeira vista, do que a urbanização esconde. O café e um supermercado, à esquerda da rua principal, no enfiamento das duas primeiras bandas, mostram-nos a parte «legal» da urbanização, a par dos lotes que desfilam pela rua principal. São dois estabelecimentos com magníficas condições.

Mas, ao fundo, há maus cheiros. Ao fundo e da parte direita, nas traseiras de uma das bandas: a electricidade é puxada de outros prédios, água nem vê-la, os esgotos correm para as caves ou para a rua, não há vidros nem portas de entrada, as janelas não tapam nada. Não há condições: é o reino da poluição, dos odores pestilenciais que atentam contra a saúde pública. Adultos e crianças estão expostos a melgas e mosquitos e afins. Nem as crianças do jardim infantil e da escola, escapam.

Apesar dos esforços desenvolvidos pela Comissão de Moradores, o futuro da maioria dos residentes («um bairro de africanos com alguns continentais», como disse um dos presentes ao «DL» depois de ressalvar que a frase não tem nada de racista dentro de si) é uma interrogação. Quando afirma Fernando Cardoso começou a construção, ninguém previa tal drama nem tantos adiamentos, tantas dúvidas e tão crescente ansiedade. A Imobiliária Eurocapital, segundo todos eles, «é que nunca deveria ter existido». Sobre ela uma penhora na 2.ª Repartição de Finanças de Vila Franca de Xira.

Estado até controla as datas

Saldos já não arrastam multidões

O primeiro periodo oficial de saldos termina amanhã mas, segundo um inquérito feito pela agência Lusa, os saldos de hoje «já não são o que eram» no princípio da década de 80. O inquérito da Lusa revela que, este ano, o negócio não foi afectado pelos saldos, quer para melhor, quer para pior.

O responsável de vendas dos Armazéns do Chiado, Miguel Afonso, referiu que «este ano, os saldos não correram dentro das expectativas». Um encarregado dos Armazéns do Conde Barão, António Pacheco, corroborou esta visão afirmando que «isto não correu como desejávamos».

Miguel Afonso considera que «há uma quebra de poder de compra», por um lado, mas por outro, que lha parece ser o mais representativo, «as pessoas já não ligam aos saldos como há seis ou sete anos atrás». E isto porque, na sua opinião, «as pessoas querem cada vez menos fancaria, embora apareça muito artigo válido na época dos saldos».

Contudo, segundo os Lusa, os responsáveis por alguns armazéns de Lisboa reconheceram que o volume de vendas subiu e os lucros também. Muitos «monos deixaram de ocupar lugar no armazém e muitas donas-de-casa aproveitaram para comprar mais barato, ainda que não o mais necessário».

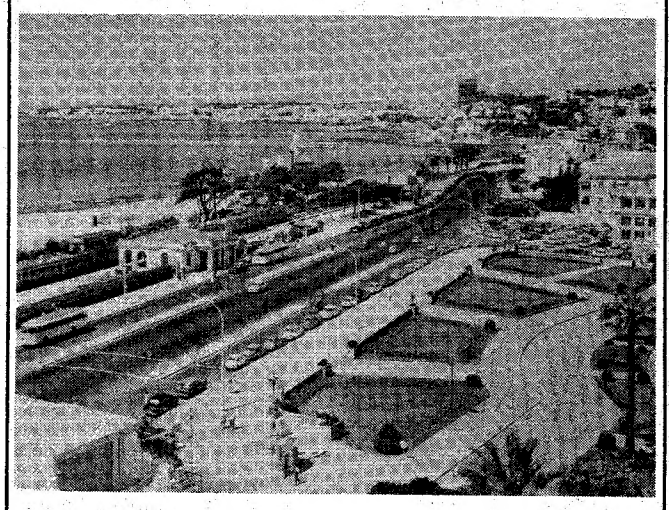
Para António Pacheco, os saldos são importantes e hão-de continuar porque «é bom para rolar as mercadorias».

O perido de saldos está legalmente limitado desde Agosto de 1986. A legislação estabelece que a venda de produtos em saldo só poderá realizar-se entre 7 de Janeiro e 28 de Fevereiro e entre 7 de Agosto e 30 de Setembro. O controlismo estatal chega ao ponto de que se uma loja quiser saldar artigos noutras ocasiões só pode fazê-lo mediante Portaria do Secretário de Estado do Comércio Interno.

Os comerciantes, contudo, torneiam a legislação e fazem promoções ou liquidações, que são apenas um saldo parcial e mais específico, em qualquer altura. Para alguns responsáveis comerciais, «a promoção rende mais que os saldos».

Presentemente, descontos de 20, 30 ou 40 por cento já não tentam o consumidor como há alguns anos, em que se faziam «autênticas correrias» para comprar uma camisola, segundo recordam os responsáveis dos grandes armazéns.

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL



Lisboetas vão hoje animar o triângulo turístico

Com o Sol a fazer esquecer as fortes chuvadas que têm molhado o Inverno, e, apesar da baixa temperatura com que o dia acordou, hoje, os automobilistas começaram cedo a largar com suas famílias para o passeio dominical, de que já haveria saudades.

Ao princípio da manhã o tenente Dias Rosa da Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana já previa essa situação, quando contactado pelo «DL».

Aquele oficial informaria que o trânsito era pouco significativo ao princípio do dia, mas, que dado o tempo se apresentar bom, depois da invernia, as pessoas pretendem recuperar. Dar a sua voltinha familiar.

Para os lisboetas a voltinha tradicional é o triângulo que inclui Sintra e Cascais com duas ou três paragens mais demoradas para apreciar a paisagem ou para as culinárias mais ou menos famosas da região.

Assim, espera-se que a marginal e as estradas de Sintra, se encham de viaturas, tornando a circulação mais vagarosa, o que afectando a paciência de quem conduz diminui as causas da sinistralidade.

As estatísticas referente à sinistralidade, verificada ontem pela Guarda Nacional Republicana, nas estradas portuguesa, apresentam um número um pouco abaixo da média: 86 acidentes de que resultaram três mortos, 46 feridos ligeiros e nove com gravidade.

Por sua vez, o chefe Santinho, da Divisão de Trânsito da Polícia de Segurança Pública, prevê um dia calmo no trânsito lisboeta, referindo que as pessoas hoje saíram mais tarde de casa, possivelmente devido ao frio. No entanto, espera que a circulação de viaturas se torne bastante intensa, durante a tarde, em dois locais da capital: — junto à Feira das Indústrias Portuguesa e na zona onde se situa o estádio do Sporting, que ali recebe a Académica.

No entanto, será na próxima terça-feira que muitos automobilistas se concentracção no Estoril, junto do autódromo, para assistirem à primeira prova do «Rally de Portugal», que irá animar as estradas do Norte do País.

Colisão entre autocarros

Cinco feridos foi o resultado de uma colisão entre dois autocarros da Carris ocorrida na quinta-feira, ao princípio da noite, na Avenida dr. Alfredo Bensaúde, ao Bairro dos Olivais (Sul), em Lisboa. Dos feridos a que inspirou maiores cuidados foi Aurélia Pereira, de 46 anos. Havia suspeita de fracturas nas pernas, o que não se confirmaria. Os restantes: Henrique Pais, de 35 anos; Fernando Rodrigues, de 54; Maria Teresa Nabais, de 16 e Rui Matos, de 18 anos, todos residentes em Lisboa, sofreram apenas ligeiros ferimentos.

Não se encontram ainda esclarecidas as causas do acidente que está a ser averiguado por técnicos da Carris e da PSP.

GALP
DINAMIC
Gasóleo

MAIS DE CINCO TONELADAS DE DROGA APREENDIDAS NO ANO PASSADO

Cerca de 5 toneladas de haxixe, 220 quilos de cocaína e 30 quilos de heroína foram apreendidos em 1987 em território português por diversas forças policiais, Alfândega e Marinha de Guerra, disse fonte policial.

O total de apreensões de droga foi inferior em cerca de mil toneladas ao nível atingido em 1986.

O haxixe apreendido vinha predominantemente do Afeganistão, Espanha e Marrocos, enquanto a cocaína provinha do Brasil, Colômbia e Venezuela, e a heroína da Índia e México.

No mesmo período foram detidos 555 presumíveis traficantes-consumidores, dos quais 79 eram mulheres.

Os portugueses, com 396 presumíveis traficantes, ocuparam o primeiro lugar na lista de indivíduos presos, seguidos de cidadãos de Cabo Verde, Colômbia, Brasil, Venezuela, Espanha e Angola.

As apreensões foram levadas a cabo pela Polícia Judiciária, Alfândega, Guarda Fiscal, Guarda Nacional Republicana e Marinha de Guerra.

A Polícia Judiciária, único organismo policial competente para realizar a investigação do crime de estupefacientes, recebeu também das restantes autoridades os presumíveis «correios», os traficantes e a droga apreendida.

Segundo a mesma fonte policial, o tráfico de droga em Portugal tem ganho especial relevo nos últimos anos, com a actuação de indivíduos e organizações clandestinas de grande capacidade operacional, que movimentam somas de dinheiro invulgares.

«De alguns anos a esta parte, Portugal tornou-se num entreposto de trânsito de drogas ilícitas para o continente europeu», acrescentou o mesmo informador.

Entre os países «fornecedores» de droga, os da América do Sul «exportam» principalmente cocaína, os de África sobretudo haxixe e seus derivados, enquanto da Ásia provém heroína e também haxixe.

O principal ponto de entrada de droga em Portugal é o Aeroporto Internacional de Lisboa.

1986 foi o ano recorde de apreensões de droga, com seis toneladas, tendo sido detidos mais de 900 presumíveis traficantes oriundos de cerca de 30 países diferentes.

Foram apreendidos 19 quilos de heroína, 1 264 quilos de cocaína, 5 384 quilos de haxixe, 117 quilos de liamba seca, 31 quilos de liamba verde, 375 pés de liamba e 370 gramas de óleo de haxixe.

A maioria dos presumíveis traficantes eram de nacionalidade portuguesa (690), seguidos dos espanhóis (56), cabo-verdianos (39), colombianos (29), angolanos (27), ingleses e nigerianos (11).

A maior apreensão de sempre de haxixe — três mil quilos — ocorreu em Julho de 1986, no porto de Lisboa.

A droga apreendida estava dentro de um contentor proveniente de um país do Médio Oriente, cujo manifesto de carga indicava tractores pesados, e que se encontrava num cais do porto de Lisboa, em Santa Apolónia.

No mercado de rua, o valor total de tal quantidade de droga era superior a um milhão de contos, e segundo a Polícia Judiciária era destinada ao mercado nacional e internacional.

Câmara de Oleiros foi assaltada

O edifício onde funciona a Câmara de Oleiros, no distrito de Castelo Branco, foi assaltado ontem de madrugada, havendo a registar avultados prejuízos materiais.

O assalto deverá ter tido lugar entre as quatro e as seis horas, pois, segundo disse o presidente do município, há pessoas que cerca desta última hora viram alguém a fechar as persianas do seu gabinete de trabalho.

No edifício, para além da Câmara, funcionam ainda o Tribunal, o Registo Civil e Notariado e a Delegação Escolar, que foram visitados, havendo a exceptuar a Tesouraria Municipal, devido a ter porta blindada.

Desta visita resultaram avultados prejuízos nas portas, que foram forçadas, nos vidros, que foram quebrados, e nas secretárias, cujas gavetas foram revolvidas.

Quanto a valores, e segundo o presidente da Câmara, há a registar perto de cinquenta contos do fundo de maneio que estavam na secretaria municipal e ainda valores por determinar que eram pertença dos funcionários e estavam nas suas secretárias.

Antes de terem efectuado o assalto os gatunos estiveram a comer numa adega próximo de Oleiros e de lá levaram um ferro do tipo pé-de-cabra, um alicate e uma chave de fendas que utilizaram no delito e que veio a ser encontrada nas instalações do tribunal.

A Polícia Judiciária está no local a proceder a investigações.

Vivem em Portugal 196 apátridas

Cento e noventa e seis dos mais de 87 mil cidadãos estrangeiros residentes oficialmente em Portugal em 1987 são apátridas, de acordo com estatísticas do Serviço de Estrangeiros do Ministério da Administração Interna.

Entre os apátridas contam-se 26 comerciantes, 48 domésticas, 23 estudantes, 10 reformados, 13 agricultores, 2 artistas plásticos e um bailarino, enquanto 12 não têm profissão.

Dos 87 637 estrangeiros residentes em Portugal, mais de 34 500 falam a língua de Camões: 26 474 são cabo-verdianos, 7362 brasileiros, 4056 angolanos, 2632 guineenses, 2556 moçambicanos e 1589 são-tomenses.

A Espanha, com 6948 residentes, ocupa o primeiro lugar entre os países de língua estrangeira, seguindo-se a Grã-Bretanha, com 6250, Estados Unidos da América, 6133, Venezuela, com 4448, Alemanha Federal, 3902, Canadá, 2327 e Holanda, com 1359.

Em Portugal vivem e trabalham estrangeiros de 119 países entre os quais, com um só residente, do Bahrein, Burkina-Safo, Congo, Chipre, Gana, Indonésia, Jamaica, Nicarágua e Trindade-Tobaco.

Mais de 8000 estrangeiros estão inscritos sem profissão especificada, dos quais 7130 são cabo-verdianos.

Sem profissão são 2399, sendo o maior número os brasileiros com 253, seguido dos de Cabo Verde, 211, de Angola, 161 e Alemanha Federal, 115.

Estão inscritos como administradores ou directores, 111 da Alemanha Federal, 386 da Grã-Bretanha, 39 do Brasil, 65 de Espanha, 59 norte-americanos, 149 franceses, 29 belgas e 71 holandeses.

Jornalistas são mais de uma centena, sendo a maior representatividade os brasileiros com 18 profissionais, Grã-Bretanha, 17, Alemanha Federal, 15, Espanha e União Soviética, ambos com 11, China e Etiópia, 8 cada e França 5, são os mais representativos.

Das setenta profissões inscritas integram 6 cientistas, sendo 2 australianos, brasileiro, filandês, inglês e boliviano, com um cada.

As mais variadas profissões integram uma longa lista, actores, advogados, agricultores, antiquários, arqueólogos, arquitectos, construção civil, banqueiros, economistas, físicos, fotógrafos, sociólogos, tipógrafos e tradutores entre outras.

Videogramas piratas detectadas em Loures

A Guarda Fiscal revelou ter apreendido terça-feira, na área de Loures, num estúdio de reprodução ilegal de videogramas, material no valor de mais de 10 mil contos.

Segundo o chefe do Estado-Maior da Guarda Fiscal, foram apreendidos 1051 videogramas, no valor de 10 429 contos, dois videogravadores, no valor de 180 mil escudos, e uma rebobinadora no valor de 15 mil escudos.

Segundo a GF, esta apreensão foi efectuada por contravenção à lei 45/85, tendo o respectivo auto de notícia sido remetido a tribunal.

O material apreendido pela GF num estúdios de Loures

VINTE CASOS DE SIDA NAS CADEIAS

Um rastreio feito junto dos cerca de 8 mil reclusos em Portugal mostrou que não existem casos de SIDA nas cadeias, disse à agência Lusa uma responsável da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

Apenas foram detectados — adiantou a mesma fonte — vinte casos de presos portadores do vírus da SIDA.

Os detidos em que foi detectado o vírus da SIDA (seropositivos) serão acompanhados por médicos e por psicólogos, dada a especificidade da doença, revelou.

O rastreio foi efectuado por uma equipa do serviço de doenças infecto-contagiosas do Hospital da Universidade de Coimbra, chefiada pelo professor Mélicco Silvestre, após um protocolo assinado para o efeito em 11 de Março do ano passado com a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

Foram feitos entre 9 e 10 mil testes, pois houve detidos que se submeteram duas vezes ao exame de rastreio, salientou a mesma fonte.

«Os resultados ficaram aquém da nossa expectativa, e a situação não é tão catastrófica como se poderia imaginar», comentou.

«Os detidos portadores do vírus foram avisados, vão continuar nas cadeias, mas agora ajudados por um psicólogo», disse.

Os resultados do rastreio, referente também à hepatite B e à sífilis, deverão ser brevemente divulgados.

Registou-se anteriormente a morte de dois detidos com SIDA nas cadeias portuguesas, mas «já entraram para lá com a doença», comentou a responsável da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

No futuro, caso seja detectado um caso de SIDA nos estabelecimentos prisionais, o doente será transferido para os hospitais onde estão a ser efectuados tratamentos especializados, disse.

As últimas estatísticas, divulgadas em finais de Dezembro, revelaram existir em Portugal 90 casos confirmados de SIDA.

O professor Machado Caetano, do grupo de trabalho da SIDA, disse à Radiogeste que, desde Dezembro até agora, foram detectados mais dez casos de SIDA.

Machado Caetano, que teve acesso aos resultados do rastreio nas cadeias, salientou que o número de detidos portadores do vírus da SIDA está «na média dos casos encontrados nos grupos de risco da população em geral».

Quanto ao aumento dos casos de SIDA desde Dezembro, disse que constitui «um aumento proporcional em relação aos trimestres anteriores», o que significa que «não há nenhum aumento alarmante de casos de SIDA em Portugal».

No entanto — comentou — as pessoas que sofrem actualmente de SIDA foram provavelmente contaminadas «há 5 ou mais anos», e os que o foram agora só deverão ter conhecimento da doença daqui por «outros cinco ou dez anos».

«A juventude portuguesa continua sem cuidados e sem se preocupar com a SIDA», comentou. «Julgam que só acontece aos outros.»

Machado Caetano mostrou-se preocupado por os jovens portugueses não usarem preservativos e continuarem a ter relações sexuais sem tomar os devidos cuidados.

«Quanto à SIDA no mundo, continua sem haver nenhuma vacina ou droga para aplicar às pessoas», concluiu o especialista do grupo de trabalho da SIDA.

"Estarreja 88"

Plano de emergência em exercício

Técnicos nacionais e estrangeiros vão participar como observadores no exercício «Estarreja 88», que visa testar um plano de protecção ao ambiente — informou a presidente da Câmara Municipal, Maria de Lourdes Breu.

Aqueles técnicos colaborarão na crítica global à actuação das várias forças que integram o plano de emergência, elaborado com o objectivo de Portugal estar preparado para algum desastre nas suas indústrias químicas.

O País tem vindo a aumentar as medidas preventivas e de informação à população, bem como a elaborar planos de emergência para que as indústrias não causem nenhum desastre e para que as empresas comuniquem às autoridades os acidentes que houver.

O conjunto de indústrias de Estarreja foi escolhido como o primeiro de Portugal onde se deverá realizar um exercício que permita testar um plano de emergência.

Alguns boatos têm circulado entre a população acerca dos eventuais perigos do exercício que vai ser efectuado, mas a presidente da Câmara Municipal de Estarreja disse ontem à Comunicação Social: «o boato não nos demoverá». Conttinuaremos firmes, no cumprimento dos objectivos que nos propusemos: assumir com firmeza e seriedade as nossas responsabilidades.

CP – CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP

GREVE DO DIA 29 DE FEVEREIRO DE 1988 (2.ª Feira)
DAS 0.00 ÀS 24.00

INFORMAÇÃO

TRANSPORTES ALTERNATIVOS

A CP, lamentando os incómodos que esta greve irá causar, informa que, para minimizar os inconvenientes decorrentes da mesma, preparou o seguinte esquema de transportes alternativos que abrange:

- Zona Suburbana de LISBOA
- Zona Suburbana do PORTO
- Zona Suburbana de COIMBRA
- Zona Suburbana do BARREIRO
- Ligações Internacionais SUD-EXPRESS (Lisboa/Porto-Paris) e LUSITÂNIA EXPRESSO (Lisboa-Madrid)

1.ZONA SUBURBANA DE LISBOA

A partir das 6.00 horas será posta à disposição do público cliente da CP uma alternativa Rodoviária com as seguintes origens e destinos (descendentes e ascendentes):

1.1. Linha de Sintra

Sintra (Estação)	Marquês de Pombal
Algueirão (Colégio D. Afonso V)	Marquês de Pombal
Rio de Mouro (Estação)	Sete Rios
Cacém (Antiga estação dos CTT)	Sete Rios
Queluz (Quatro Caminhos)	Sete Rios
Amadora (Câmara Municipal)	Sete Rios

1.2. Linha de Cascais

Cascais (Estação)	Cais do Sodré
Estoril (Estação-marginal)	Cais do Sodré
S. Pedro (Minipreço)	Cais do Sodré
Parede (Marginal-P. Inf. Praia)	Cais do Sodré
Carcavelos (Estação)	Cais do Sodré
Oeiras (par. RN/P. Campismo)	Cais do Sodré
Paço de Arcos (R. Costa Pinto-Bomba GALP)	Cais do Sodré

1.3. Lisboa-Azambuja

Azambuja (Estação)	Areeiro (Apeadeiro CP)
Vila Franca de Xira (Estação)	Areeiro (Apeadeiro CP)
Alverca (Estação)	Areeiro (Apeadeiro CP)
Póvoa (R. República/Cabanas)	Areeiro (Apeadeiro CP)

2. ZONA SUBURBANA DO PORTO

A partir das 5.30 horas será posta à disposição do público cliente da CP uma alternativa rodoviária com as seguintes origens e destinos (descendentes e ascendentes):

Ovar (Estação)	Gaia (J. Morro/P.D. Luís)
Espinho (Estação)	Gaia (J. Morro/P.D. Luís)
Póvoa de Varzim (Praça do Almada)	Porto-Boavista (R. Agramonte)
Famalicão (Estação)	Porto-Campanhã (Estação)
Marco (Estação)	Porto-Campanhã (Estação)
Caíde (Estação)	Porto-Campanhã (Estação)
Meinedo (Cruzt.° Igreja)	Porto-Campanhã (Estação)
Penafiel (Estação)	Porto-Campanhã (Estação)
Paredes (Estação)	Porto-Campanhã (Estação)
Cête (Estação)	Porto-Campanhã (Estação)
Recarei (Estação)	Porto-Campanhã (Estação)

3. ZONA SUBURBANA DE COIMBRA

A partir das 6.00 horas será posta à disposição do público cliente da CP uma alternativa rodoviária com as seguintes origens e destinos (descendentes e ascendentes):

Lousã (Estação)	Miranda do Corvo (Estação)
Miranda do Corvo (Estação)	Coimbra (Parque)
Fig. da Foz (Estação)	Coimbra (Parque Universitário)
Fig. da Foz (Estação)	Alfarelos (Estação)
Alfarelos (Estação)	Coimbra (Parque Universitário)

4. ZONA SUBURBANA DO BARREIRO

A partir das 5.30 horas será posta à disposição do público cliente da CP uma alternativa rodoviária com a seguinte origem e destino (descendente e ascendente):

Barreiro (Palácio Coimbra)	Praça de Espanha

5. LIGAÇÕES INTERNACIONAIS

O encaminhamento dos passageiros dos comboios internacionais SUD EXPRESS (Lisboa/Porto-Paris) e LUSITÂNIA EXPRESSO (Lisboa-Madrid) será feito por autocarros quer da fronteira aos destinos quer de Lisboa e/ou Porto à fronteira.

No sentido Sul/Norte os horários dos autocarros são os seguintes, de acordo com os diversos pontos de partida:

SUD EXPRESS	– Lisboa (St.ª Apolónia)	15.00 horas
	Entroncamento	15.00 horas
	Pombal	17.00 horas
	Pampilhosa	16.30 horas
	Porto (Campanhã)	16.00 horas
	Espinho (por Ovar, Estarreja e Aveiro)	15.30 horas
LUSITÂNIA	– Lisboa (St.ª Apolónia)	20.30 horas

6. INFORMAÇÕES DIVERSAS

6.1 Os autocarros que asseguram este serviço alternativo estão identificados com o dístico «AO SERVIÇO DA CP» e têm a indicação de origem e destino.

6.2 Têm acesso a este serviço rodoviário alternativo os passageiros com títulos de transporte válidos para os referidos trajectos.

6.3 Os títulos de transporte válidos para a CP são igualmente válidos nas carreiras suburbanas normais da Rodoviária Nacional.

26.2.88

Filipe Madeira mantém acusação

Ministro da Educação nega notícia do "DL"

«O ministro da Educação nunca pediu aos serviços do Parlamento Europeu em Lisboa para que esta instituição comunitária convide «seis jornalistas indicados pelo seu gabinete a deslocarem-se a Estrasburgo»», afirma o chefe de gabinete de Roberto Carneiro, Pedro D'Orey da Cunha, num telex enviado à nossa redacção. O desmentido refere-se a uma notícia publicada na edição do «DL» de 11 de fevereiro e considera que ela «não tem qualquer fundamento e põe em causa o nome do eng. Roberto Carneiro, como ministro da Educação».

Conforme na altura escrevemos, uma das nossas fontes era o deputado socialista ao Parlamento Europeu Luís Filipe Madeira, que, entretanto, reafirmou a sua informação em telex dirigido às redacções dos jornais. Nesse telex, em que reproduz o essencial de um protesto por si endereçada ao director do escritório do PE em Lisboa, Nuno Antas de Campos, aquele deputado diz ter tido conhecimento de que o ministro da educação dirigiu uma carta aos serviços de Lisboa do PE, pedindo que este convidasse seis jornalistas propostos pelo seu gabinete para se deslocarem a Estrasburgo, em Março, por ocasião da cerimónia de comemoração dos descobrimentos portugueses que ali se realiza.

Luís Filipe Madeira considera a alegada iniciativa de Roberto Carneiro como um precedente inaceitável e um atentado à autonomia do Parlamento Europeu em relação aos governos dos estados membros.

Em contacto posterior com Nuno Antas de Campos foi-nos confirmado que o desmentido do gabinete de Roberto Carneiro é «rigorosamente verdadeiro em matéria de factos» e que o escritório de Lisboa do PE «nunca teve qualquer contacto com o gabinete do ministro da Educação acerca deste assunto».

A bola, portanto, está agora no campo de Luís Filipe Madeira. A questão do convite aos jornalistas que irão a Estrasburgo por iniciativa governamental continua por esclarecer, mas tudo indica não envolver efectivamente o ministério da Educação.

Quanto ao «DL», resta-nos recusar a deslocada qualificação de «pseudo-informação» que o chefe de Gabinete atribui à nossa notícia, opinando que «seria da mais elementar justiça» que ela «fosse confirmada pelo ministro da educação».

Diz Orey da Cunha que «tal não se verificou, como se depreende da leitura da notícia em causa»

Nem tinha que se verificar, dizemos nós. É que, por enquanto, um deputado eleito pelo povo português, nominalmente citado na tal notícia, ainda é uma fonte fidedigna para este jornal.

ARSENAL DO ALFEITE

ADMITE

TÉCNICOS DE ELECTRÓNICA PARA OS SEUS QUADROS

FUNÇÕES:

Técnicos de Armas e Equipamentos Electrónicos da Marinha.

REQUISITOS:

Nacionalidade Portuguesa, idade não inferior a 21 anos, situação militar regularizada, admissão sujeita a exame.

HABILITAÇÕES:

Curso de Artífices Electrotécnicos (Armada)
Curso de Manutenção de Transmissões (Exército)
Curso de Sargentos Mecânicos de Radar (Exército)
Curso de Sargentos MELECAS (Força Aérea)

OFERECE:

Remuneração compatível, transporte de e para Lisboa, comparticipações nas refeições, boas regalias sociais.

CANDIDATURAS:

Até 11 de Março de 1988.

FORMALIDADES DE ADMISSÃO:

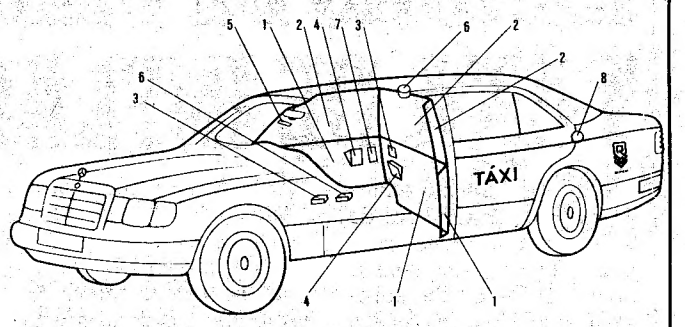
Requerimento em papel comum, dirigido ao Administrador do Arsenal do Alfeite, assinado sobre selo fiscal de cem escudos, documento comprovativo de possuir um dos cursos exigidos como habilitações (ou fotocópia autenticada) e «curriculum vitae».

PROVAS/APRESENTAÇÃO DE DOCUMENTOS/INFORMAÇÃO:

Os programas detalhados das provas de exame encontram-se à disposição dos interessados no Serviço de Gestão de Pessoal do Arsenal do Alfeite, Alfeite, 2800 Almada (telefone: 2762671), de 2.ª a 6.ª feira, das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

«DL» 27/2/1988

DISPOSITIVO PARA PROTECÇÃO A MOTORISTA DE TÁXI



1 - PAINEIS EM AÇO A PROVA DE BALA
2 - PAINEIS EM VIDRO A PROVA DE BALA
3 - INTERCOMUNICADORES
4 - PAGAMENTO POR TRANSFERS
5 - FOTO FLASH INCORPORADO E REARME AUTOMATICO
6 - DETECCAO DE FUMOS E FOGO POSTO (DETECTOR E PAINEL LUMINOSO SONORO)
7 - GRAVADOR DE ALTA SENSIBILIDADE
8 - BLOQUEIO SIMULTANEO DAS QUATRO PORTAS

Motoristas e empresários consideram

NOVO SISTEMA DE PROTECÇÃO DE TAXISTAS É DEMASIADO CARO

Um sistema de protecção de motoristas de taxi inteiramente concebido por técnicos portugueses foi ontem apresentado no Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial, durante um simpósio sobre segurança e prevenção electrónica. O sistema tem um custo entre 300 e 500 contos, mas transforma o taxi num verdadeiro bólide de James Bond.

O sistema inclui painéis de aço e vidros à prova de bala, intercomunicadores, alarme via rádio, equipamento de fotografia automática, bloqueio simultâneo das quatro portas, gravador de alta sensibilidade e dispositivo para pagamento sem quedra do isolamento da cabine.

A empresa que concebeu o sistema de protecção dos taxistas, a Ronda, considera que a adaptação do conjunto a uma viatura poderá ter um custo que oscilará entre 300 e 500 mil escudos.

Diversas marcas de automóveis já manifestaram a sua disponibilidade para apoiar este projecto e decorrem conversções com as autoridades policiais com vista a obter um financiamento da CEE, de forna a tornar mais acessível aos proprietários de taxis portugueses, e sobretudo das metropoles, a realização daquele investimento.

O sistema tem, para Martins Carneiro, dirigente da Antral, «o problema do preço». É um sistema «que será decerto aprovado pelas entidades oficiais». «O sistema de choque eléctrico, por exemplo, é mais simples, mas a sua aprovação é mais difícil». Por outro lado, «parece ser eficaz, embora não haja nada a 100 por cento», referiu.

Contudo, o grande problema é o preço. «É uma quantia muito elevada para a generalidade dos nossos socios».

A Antral aprova, «mas nenhum sistema é obrigatório. Nós aprovamos qualquer sistema facultativo, o que é a opinião dos associados».

Para Vitor Carvalhal, um dirigente da comissão de luta e vigilância dos motoristas de taxi, «existem outros sistemas não tão sofisiticados e mais baratos que servem também para desmotivar os assaltos». «As pessoas que assaltam taxistas não são ladrões profissionais, são normalmente jovens que querem uns tostões para comprar droga, e para esses é preciso sobretudo um dispositivo que infunda receio», acrescentou.

Esse objectivo pode ser conseguido, «e eu acho que é uma boa solução, com a ligações da central-mãe de rádio-telefones à central da PSP, o que os técnicos dizem ser exequível, com um sistema de SOS no óculo traseiro e, sobretudo, com o policiamento nas entradas da cidade, que é uma coisa que falta».

Por outro lado, segundo este profissional, «há carros que não suportam este sistema: não se pode montar um vidro separador num Golf ou num Passat. Além disso, o isolamento do motorista é chato e em certos casos não tem lógica: se se apanharem três estrangeiros para dar uma volta por Lisboa, ou a "volta saloia", não tem lógica o motorista e o passageiro da frente irem isolados».

Finalmente, há a questão do preço. «O preço é puxado para a indústria — afirma Vitor Carvalhal —, embora esteja sempre primeiro a vida das pessoas. O Estado podia retirar impostos sobre os sistemas de forma a fazê-los mais baratos, nomeadamente a este».

Docentes reformados na quinta fase sentem-se "logrados"

Professores do Ensino não Superior, que aceitaram o «convite» do ministro das Finanças para se reformarem antecipadamente, consideram-se «vítimas de um logro».

Por efeito do Decreto-Lei 100/86, a carreira dos professores passou em 86 de 4 para 6 fases.

De acordo com o diploma, os professores ingressavam na 5.ª fase após 4 anos de «bom e efectivo» serviço na 4.ª fase e passariam da 5.ª para a 6.ª depois de, também, 4 anos de «bom e efectivo serviço» na 5.ª fase.

Em termos práticos, os docentes com 25 anos de serviço tinham atingido o topo da carreira, podendo reformar-se com o vencimento correspondente àquela fase.

Mas acontece que docentes com trinta e mais anos de serviço que, de acordo com o sistema antigo, estavam ainda na quarta fase, só podiam transitar em 86 para a quinta fase e para atingirem a 6.ª tinham de passar mais 4 na 5.ª.

A Fenprof defendeu que, quando um professor tivesse ultrapassado os 25 anos de exercício da profissão, fosse integrado na sexta fase.

Depois de a questão ser debatida na Assembleia da República, foi decidido que a partir de Janeiro de 88 o Governo providenciaria para que as 5.ª e 6.ª fases fossem processadas a esses professores que, por força de circunstâncias, estavam em situação desvantajosa.

Entretanto, professores com dezenas de anos de serviço que permaneciam na quarta fase em 86 passaram, por força do D/L 100/86, para a quinta e, ao serem convidados a reformarem-se antecipadamente, fizeram-no em 86 ou 87, antes, portanto, de o Governo rectificar — a partir de Janeiro deste ano — essas situações de injustiça. Tais professores, cujo número a nível nacional não está apurado — estão reformados, depois de dezenas de anos de serviço, com o vencimento correspondente à 5.ª fase, enquanto outros, concluídos os 25 anos de serviço, têm direito à 6.ª.

os que ficaram na situação de injustiça aguardam que o Governo atente na sua situação e a repare retroactivamente.

RENDAS DE CASA FAZEM SUBIR TAXA DE INFLAÇAO

A taxa de inflação relativa ao final de 1987 foi de 9,4%, se a medirmos pelo índice de preços no consumidor (IPC). Se lhe agregarmos o índice das rendas de casa e reparação de interiores ficamos com a elucidativa percentagem de 10,16%. É o que revelam dados do Instituto Nacional de Estatística, ontem divulgados.

Pode-se também chegar aos 10,1% da taxa de inflação do ano passado pela junção ao IPC, sem a classe «habitação», do índice das rendas de casa e da reparação de interiores, o que também não deixa de ser explícito.

Para o cálculo do «IPC total geral» dos anos de 1984/85/86 e 87 fez-se a agregação da classe «habitação» com o ponderador do índice de preços, base 1976.

O índice para as rendas e reparação de interiores só começou a ser calculado no ano passado devido ao facto de até 1984 as rendas de casa se encontrarem congeladas.

As rendas da habitação passarão a ser incluídas no cálculo do IPC, no final de cada ano.

Mas a inclusão das rendas no cálculo anual não implica necessariamente que o«IPC total geral» apresente no final de cada ano um crescimento superior ao do IPC sem «habitação».

Com efeito, em 1985, o IPC total geral (com agregação das rendas) foi inferior ao IPC sem rendas em 0,4 pontos percentuais. No final de 1985, a taxa de inflação anunciada (medida pelo IPC, com exclusão das rendas de casa) foi de 19,3 por cento. Todavia, agregando o índice das rendas, a taxa baixa para 18,9 por cento.

Em 1986, à semelhança de 1987, a inclusão das rendas fez subir a taxa de 11,7 para 13,06 por cento.

Já em Janeiro último a taxa de inflação anual se calculava em 9,2%. Este valor corresponde à variação média dos últimos 12 meses do novo IPC que, segundo o presidente do INE, permitirá «medir melhor a inflação em Portugal», tendo por base os preços médios de 1983 e uma estrutura de consumo mais recente do que a do anterior, definida através do inquérito às receitas e despesas familiares de 1980/81. Por sua vez, o anterior IPC tinha como base os preços médios de 1976 e uma estrutura de consumo resultante do inquérito às despesas familiares de 1973/74.

A estrutura do novo índice inclui ainda nove classes de produtos, contra 4 do anterior.

Foi a seguinte a variação média dos últimos 12 meses terminados em Janeiro último, de oito das nove classes do novo IPC, comparada com a do mesmo período de 1987: alimentação e bebidas: 8,6 por cento (9); vestuário e calçado: 16,5 por cento (23,2); conforto da habitação: 7,6 por cento (9,9); saúde: 9,3 por cento (20,8); transportes e comunicações: 5,5 por cento (10,6); instrução, cultura e distracção: 11,2 por cento (13,8); tabaco e despesas do fumador: 14,6 por cento (15,5); outros bens e serviços: 10,3 por cento (21,4).

A classe das «rendas de habitação» só é incluída no índice total no final de cada ano.

Entre Dezembro de 1987 e Janeiro último, a evolução do novo índice mostra uma subida mensal dos preços de 0,8 por cento, contra 1,2 por cento, no mesmo período de 1987.

Os preços que, no mês, maiores subidas registaram foram os das classes de «outros bens e serviços» (2,4 por cento), «saúde» (1,5 por cento), «conforto da habitação» (1,3 por cento) e dos «transportes e comunicações» (1 por cento).

O índice de preços no consumidor cresceu, em média, no ano passado, 0,7 por cento por mês. Entre Janeiro de 1987 e o mesmo mês deste ano, o IPC aumentou 8,5 por cento, contra 9,8 por cento em igual período do ano anterior.

Nos 12 meses imediatamente anteriores a Janeiro último, os preços que mais subiram foram os das classes «tabaco e despesas do fumador» (22,8 por cento) e «vestuário e calçado» (14 por cento).

Em Janeiro

Preços subiram mais em Portugal do que na CEE mas inflação é menor que a da Grécia

Portugal foi o país da CEE que registou maior subida de preços em Janeiro, mas a inflação anual registada já foi inferior à da Grécia, segundo estimativas da Eurostat, o departamento de estatística da Comunidade Europeia, divulgado ontem. A subida foi de um por cento, embora a inflação anual se tenha situado, referem os seus dados, pelos 8,7% (o Instituto Nacional de Estatística, veja-se nesta edição, cifra-a nos 9,2%), menos portanto que a inflação da Grécia, estimada nos 14,3 por cento.

No conjunto dos onze países da CEE, o índice de preços ao consumidor subiu 0,2 por cento em Janeiro e três por cento nos últimos doze meses, indicam os mesmos dados.

O melhor resultado pertenceu à Holanda, onde o índice de preços desceu 0,8 por cento. Segundo a Eurostat, tal evolução ficou a dever-se, fundamentalmente, às vendas de Inverno.

A Bélgica e a Grécia obtiveram descidas ligeiras em janeiro, de 0,1 e 0,2 por cento, respectivamente, enquanto o índice de preços no Reino Unido permaneceu estável.

Ao ritmo anual, as estatísticas da Eurostat distinguem três grupos de países: os que tiveram uma inflação inferior a um por cento (Luxemburgo, Alemanha Federal, Holanda e Bélgica), os que ultrapassaram os cinco por cento (Itália, Portugal e Grécia) e um grupos intermédio (França, Irlanda, Reino Unido, Dinamarca e Irlanda).

Comparativamente, o ritmo anual de inflação em Janeiro no Japão foi de 1,1 por cento e de 4,4 por cento em Dezembro nos Estados Unidos.

Falando sobre reforma fiscal e imposto único

Oliveira Costa revela: apenas 22 desportistas declararam os rendimentos em 1986

Apenas 22 desportistas profissionais declararam em 1986 o valor dos seus rendimentos para efeitos de tributação fiscal, revelou ontem em Lisboa o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais.

Oliveira Costa, que falava na cerimónia de abertura do colóquio sobre o Imposto Único, promovido pelo Instituto Superior de Gestão, acrescentou que a questão da tributação fiscal dos desportistas profissionais portugueses está a ser encarada pelo Governo, que procurou ajustar a lei existente a esses casos.

O exemplo utilizado por Oliveira Costa serviu para ilustrar a necessidade da reforma do sistema fiscal português ser implementada o mais depressa possível para substituir «um regime anacrónico, incoerente e injusto».

O objectivo, explicou Oliveira Costa a representantes de 33 empresas e organizações que participaram no colóquio, é evitar a evasão fiscal, em que «há uns a pagar e um mundo imenso a não pagar».

Para fazer face a esta situação, o Governo decidiu apresentar na Assembleia da República uma proposta de lei de bases da reforma fiscal, relativa à criação do Imposto Único.

«não houve mudanças há mais tempo, mas agora vamos alterar a situação», disse Oliveira Costa, recordando os esforços anteriores protagonizados por vários governos em 1974, 1976, 1978 e 1984.

Para tanto, o actual Governo empossou a Comissão da Reforma Fiscal, que calendarizou medidas a tomar.

«Neste momento — explicou — estamos em condições de levar por diante a reforma fiscal. Será uma reforma muito mais ampla do que se poderia imaginar».

Na sua comunicação o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais anunciou a condenação dos benefícios fiscais, salientando que é intenção do Executivo avançar «com uma filosofia semelhante à que se regista actualmente no estrangeiro».

Neste ponto Oliveira Costa disse que se colocam duas hipóteses: ou se incentivam os benefícios fiscais ou se concedem subsídios para projectos.

«Na Comunidade Europeia e em todo o Mundo, a segunda hipótese tem sido a via escolhida. O Governo vai fazer o mesmo», afirmou.

Oliveira Costa defendeu a alteração da reforma fiscal frisando que o anterior sistema está ultrapassado e permite a evasão fiscal.

Com as inovações por si defendidas, o Governo espera limitar a fuga às tributações e através de medidas de carácter administrativo e judicial impedir fugas ao fisco.

Como primeira medidas desta reforma, Oliveira Costa citou a entrada em vigor do Imposto de Valor Acrescentado (IVA), que classificou de «grande salto no campo da tributação indirecta» e de «sinal de que a reforma já começou em Portugal».

Por outro lado, Oliveira Costa citou alguns dados de uma sondagem promovida pela Direcção-Geral de Contribuições e Impostos, cujos resultados disse ter recebido quinta-feira.

De acordo com Oliveira Costa, o inquérito assinala que mais de 60 por cento dos entrevistados se mostram favoráveis à reforma fiscal, e que mais de 50 por cento declararam estarem a ser actualmente mais bem atendidos nas repartições fiscais.

As quatro vertentes da reforma são a administração fiscal, a parte normativa, a justiça fiscal e a mentalidade.

Oliveira Costa adiantou que no caso da administração fiscal o Governo irá pôr ao seu dispor uma componente tecnológica, que vai permitir a criação de um banco de dados ao qual terão acesso pessoas singulares e colectivas, para clarificação de dúvidas.

Ainda nesta área, o Governo tenciona que antes de se passar à fase contenciosa derivada no atraso ou no não pagamento de impostos se verifique um compasso de espera pré-contencioso.

«Terá efeitos didácticos, pois permitirá avaliar se se está em presença de deliberada fuga ao imposto ou se se trata de má administração», explicou.

O colóquio, que terminou ontem à tarde, procurou possibilitar às empresas que nele participaram obterem informações adicionais sobre a implementação do Imposto Único e os problemas que se levantam com a sua aplicação.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

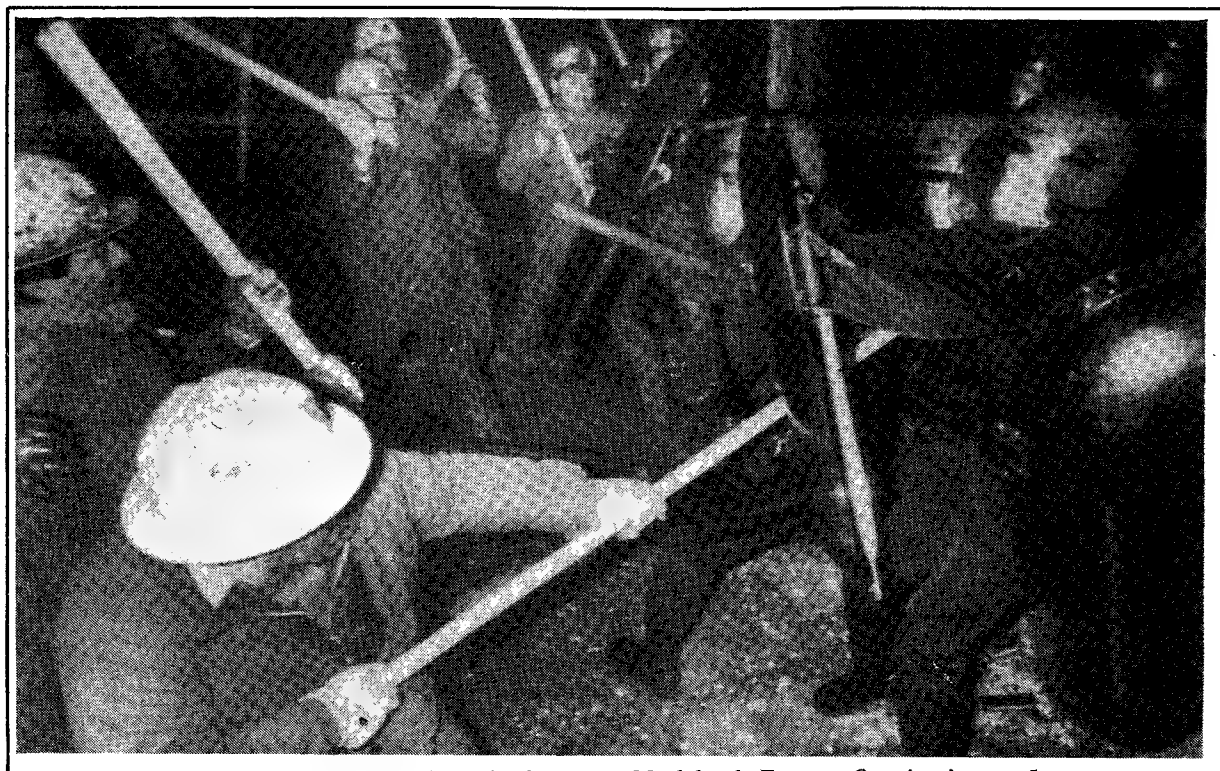
(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	58$59	64$65
ALEMANHA FED. (marco)	80$85	82$05
ÁUSTRIA (xelim)	11$50	11$70
BÉLGICA (franco)	3$672	3$922
BRASIL (cruzado)	$790	1$390
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	108$35	110$85
(notas de 5 a 1000)	108$85	111$35
DINAMARCA (coroa)	21$15	21$55
ESPANHA (peseta)	1$168	1$288
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	137$15	140$65
(notas de 5 a 1000)	137$65	141$15
FINLÂNDIA (marka)	33$45	34$05
FRANÇA (franco)	23$90	24$60
HOLANDA (florim)	72$00	73$10
IRLANDA (libra)	216$55	220$55
ITÁLIA (lira)	1$110	1$150
JAPÃO (iene)	1$025	1$080
NORUEGA (coroa)	21$45	21$95
REINO UNIDO (libra)	243$10	247$60
SUÉCIA (coroa)	22$80	23$30
SUÍÇA (franco)	98$25	99$75
VENEZUELA (bolívar)	4$382	5$382

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Confrontos entre mineiros e polícias de choque em Merlebach, França. Os mineiros estão em greve e a Polícia foi chamada pela administração da companhia mineira.

As nuvens de «abelhas assassinas» que alcançaram já o Sul do México continuam a avançar para o Norte com uma velocidade que chega a atingir os 480 quilómetros por ano. No fim de deste ano invadirão o Estado do Texas, indo afectar gravemente a agricultura norte-americana, segundo prognóstico feito pela Associaceao Norte-Americana de Apoio ao Desenvolvimento da Ciência. As «abelhas assassinas» são insectos muito agressivos, criados em laboratório a partir do cruzamento de abelhas latino-americanas com abelhas sul-africanas, tendo fugido de um laboratório de pesquisas no Brasil. Para deter a ofensiva destes perigosos insectos, os cientistas mexicanos e norte-americanos criaram no istmo de Tehuantepec, no México, uma «barreira protectora» para eliminar as abelhas, que se revelou ineficaz. Desconhece-se ainda a área da propagação destes insectos.

Manifestação de polícias de trânsito italianos aumentos salariais.

Seul anuncia amnistia

A Coreia do Sul anunciou uma vasta amnistia para presos políticos e de delito comum para assinalar o início do mandato do novo presidente, Roh Tae-Woo. A amnistia, com efeitos a partir de hoje, destina-se a assinalar a nova era de tolerância democrática iniciada com o mandato de Roh. A medida de clemência garante amnistia, comutação de pena ou reintegração de 7234 pessoas, afirma em comunicado o porta-voz governamental Chjung Han-Mo. Chung afirmou que 131 presos políticos, muitos deles estudantes radicais, serão libertados e 1581 pessoas verão as suas penas reduzidas ou os direitos cívicos restaurados. Entre os libertados, cujo total se desconhece, encontra-se Ham Un-Gyong, que dirigiu uma ocupação estudantil de quatro dias a um centro cultural norte-americano em Seul, em 1985, e o dissidente Lee Bu-Yong, detido por ter liderado protestos de rua, na cidade de Inchon, em 1986.

Arménios voltam a manifestar-se

Cerca de um milhão de arménios congregaram-e ontem na capital da República Soviética da Arménia, exigindo o retorno à região de um território actualmente administrado pelo Azerbeijão. Pouco depois, o Movimento Popular Arménio anunciava em Atenas o afastamento do líder da Arménia, Karen Demirdjian, pelo Kremlin, numa informação ainda não confirmada. «Estão a chegar pessoas de toda a república em autocarros, avião e comboio, mas não há violência», disse à Reuter um residente em Yerevan, em contacto telefónico. Outras testemunhas na cidade, com 1,2 milhões de habitantes referem que as manifestações continuam apesar do apelo à calma feito ontem pelo líder soviético Mikhail Gorbachev. As manifestações começaram há mais de uma semana e exigem o retorno à Arménia da região de Nagorno-Karabakh, zona montanhosa situada perto da fronteira sovieto-iraniana.

Reunião ministerial balcânica

Ministros balcânicos dos Negócios Estrangeiros que partriciparam na primeira reunião de alto nível da região não chegaram a acordo sobre a realização de uma cimeira regional, mas concordaram em manter conversações regulares para incremento da cooperação. Numa declaração final da sua reunião de três dias, os ministros — da Albânia, Bulgária, Grécia, Roménia, Turquia e Jugoslávia, país anfitrião — prometeram realizar mais conversações sobre questões económicas, de segurança, humanitárias, culturais e tecnológicas. Todos os seis Estados da região, com relações marcadas ao longo da História por guerras e disputas devido a minorias étnicas e fronteiras, decidiram partilhar as reuniões durante os próximos 18 meses entre ministros, embaixadores e peritos.

Chuvas no Brasil

O corpo de bombeiros e a Defesa Civil do Rio de Janeiro estão hoje em estado de alerta devido à previsões de chuva para os próximos dias. Os Serviços de Meteorologia informaram que uma frente fria no Sul do Uruguai está a deslocar-se na direcção do Rio de Janeiro, onde nas últimas semanas as chuvas torrenciais provocaram 278 mortos e mais de 20 mil desalojados. A queda de chuva na região do Rio, a verificar-se, atrasará os trabalhos de reconstrução e limpeza dos bairros afectados e poderá provocar nova tragédia, principalmente na zona das favelas, nas colinas que rodeiam a cidade.

Situação política no Panamá mantém-se tensa

NORIEGA APOIA NOVO PRESIDENTE ENQUANTO EUA CONTINUAM A RECONHECER DELVALLE

O chefe das forças de defesa do Panamá (que se mantém no seu cargo), general Manuel António Noriega, deu o seu apoio ao novo Presidente, Manuel Solis Palma, sucessor do destituído Eirc Arturo Delvalle. No entanto, a Secretaria de Estado norte-americana anunciou que os Estados Unidos continuam a reconhecer Delvalle como presidente do Panamá.

Noriega, que na noite de quinta-feira foi destituído do seu cargo por Delvalle, embora continue à frente das forças militares, disse sentir-se «orgulhoso da dignidade dos nossos companheiros de armas, de todos os membros do Estado-Maior».

O «homem forte», que mantém unidos os militares panamianos sob o seu comando, mostrou-se esperançado em que «o novo Presidente da República consiga as rectificações e um diálogo torrijista».

O general referia-se a Solis Palma, designado Presidente na sessão extraordinária da assembleia legislativa (Parlamento) realizada na madrugada de ontem, e durante a qual Delvalle foi destituído.

A assembleia considerou que Delvalle, ao destituir Noriega, violou a Constituição do país.

Observadores políticos são praticamente unânimes em considerar que a decisão do Presidente panamiano esteve directamente relacionada com a pressão exercida pelos EUA sobre o Panamá, com vista a conseguir que a actual direcção do país, inclusive o general Noriega, se demita.

Entretanto o Presidente Ronald Reagan excluiu a hipótese de se concretizar uma intervenção militar norte-americana para solucionar a crise política no Panamá, mas esclareceu estarem em análise várias opções.

No entanto, Noriega disse que não põe de parte uma intervenção militar dos EUA no país, mas prometeu uma feroz oposição aos soldados norte-americanos.

O Panamá representa uma base estratégica para os Estados Unidos na América Central e daí que mantenha no país 10 mil soldados para proteger o canal.

Outras reacções

O Presidente nicaraguense, Daniel Ortega, enviou uma mensagem de apoio ao general Noriega, na qual lhe exprime a sua «solidariedade militante», informou uma fonte oficial em Manágua.

«Perante as ameaças, a chantagem e o perigo de intervenção das tropas dos Estados Unidos, o povo panamiano pode contar com o apoio militante e combativo do povo sandinista», salienta a mensagem.

Por outro lado, os ex-Presi-

Angola reconhece influência dos EUA na África Austral

O Governo angolano reconheceu, claramente, que a actual Administração norte-americana tem pouco tempo para actuar, mas está provavelmente em melhor posição do que as suas sucessoras para pressionar Pretória a cumprir compromissos assumidos para pacificação da África Austral.

A declaração foi expressa em «briefing» para jornalistas portugueses que fizeram a cobertura da visita oficial de três dias a Washington do Primeiro-Ministro português, Aníbal Cavaco Silva, que ali tratou dessa questão regional, entre outros temas da actualidade.

Luanda reconheceu nos recentes contactos com os medianeiros norte-americanos que a sua parte no eventual acordo envolve a retirada total dos cubanos, tanto a norte como a sul do paralelo 13, e que teria de calendarizar a sua retirada.

A participação cubana nas recentes conversações «significa que eles concordam com os sul-africanos na matriz para um acordo e é disso que os sul-africanos têm dito que precisam, para levar a cabo a sua própria retirada de Angola e da Namíbia», no âmbito da Resolução 435 da ONU, disse um funcionário superior do «briefing».

Os angolanos têm falado até agora de um calendário muito prolongado, acrescentou, «mas se eles conseguirem que os cubanos se retirem do sul do paralelo 13 de modo a conjugar com a aplicação da Resolução 435 (sobre a Namíbia), isso jaseria um avanço e ajudaria (a propiciar) a retirada do norte do paralelo».

Enquanto houver tropas cubanas ou sul-africanas envolvidas na ocupação territorial tanto Pretória como Luanda se sentirão ameaçadas e a solução é criar um Estado-tampão na Namíbia.

Aqui, disse o funcionário superior da Secretaria de Estado, «Portugal tem importância e papel a jogar, por causa do seu relacionamento com Luanda e Pretória, e é-lhe possível ajudar os dois lados a assumir alguns riscos com vista à paz».

Governo espanhol suspende cont

O porta-voz oficial do Governo e anunciou a suspensão dos contac após o rapto do empresário Emilia

O sequestro é atribuído pela Pol ratista basca, apesar de não ter sid

O porta-voz oficial e ministro da final da reunião do conselho de mi contactos com a Eta relacionados c sequência, com o sequestro do emp

Interrogado sobre se o rapto de E ter sido uma acção de um comando ganização separatista basca, Javie restam dúvidas ao Governo de que Militar.

Javier Solana anunciara precisa que o Governo, na sequência das tr ganização separatista basca e após acções violentas, estava disposto com a Eta-Militar.

...alianos em greve para exigirem

dentes da Colômbia, Alfonso Lopes Michelsen, Daniel Oduber da Costa Rica e Carlos Perez da Venezuela revelaram ter chegado a acordo com Noriega sobre um plano para a «democratização do Panamá».

Entretanto o presidente da Democracia Cristã panamiana, Ricardo Arias Calderon, pediu em San José «uma condenação clara e decidida» dos países latino-americanos contra Noriega.

Na sequência deste apelo, os ministros dos Negócios Estrangeiros do México, Venezuela, Colômbia, Argentina, Brasil, Peru e Uruguai suspenderam temporariamente o Panamá do «Grupo dos Oito», aguardando o evoluir da situação.

...de contactos com a ETA

...overno espanhol, Javier Solana, ...s contactos com a Eta-Militar, ...o Emiliano Revilla.

...pela Polícia à organização sepa... ter sido ainda reivindicado.

...nistro da Cultura, que falava no ...ho de ministros, disse não haver ...onados com atentados e, por con... do empresário.

...apto de Emiliano Revilla poderia ...comando não controlado pela or...ca, Javier Solano disse que não ...o de que foi perpetrado pela Eta-

...precisamente há uma semana ...cia das tréguas propostas pela or...a e após um mês de ausência de ...disposto a reiniciar os contactos

Estados Unidos

Maioria dos visados desconhece amnistia decretada pela nova lei de imigração

Samantha Spark — IPS

À menos de três meses do cumprimento do prazo dado pelos Estados Unidos, para que os milhões de imigrantes ilegais neste país adiram à nova lei de amnistia, advogados e especialistas em leis de imigração dizem que o programa foi um fracasso total. Ao abrigo desta lei, efectiva a partir de 5 de Maio de 1987, os Estados Unidos oferecem a cidadania aos imigrantes que consigam provar que viviam neste país antes de 1 de Janeiro de 1982 ou que trabalharam como empregados temporários em propriedades agrícolas norte-americanas antes dessa data.

A lei impõe também severas punições para todos aqueles que contratem trabalhadores indocumentados depois de 6 de Novembro de 1986.

Segundo fontes que trabalham com imigrantes, a grande maioria dos imigrantes ilegais deste país ignoraram a oferta de amnistia, seja porque chegaram ao país depois de 1982 e não reúnem condições para serem abrangidos por ela, ou porque não possuem a documentação necessária para provar estarem dentro das condições exigidas pela nova lei.

Segundo estatísticas do governo norte-americano, a última contagem mostra que somente 1 200 000 pessoas, num total de sete milhões de indocumentados que vivem nos Estados Unidos, solicitaram ser abrangidos pela amnistia.

Apesar de 70 por cento dos solicitantes serem mexicanos, um funcionário do governo do México em Washington disse que, entre outros problemas, «a lei em si mesma não é muito clara para os trabalhadores mexicanos que pedem para ser abrangidos pela amnistia».

«A lei não preencheu os objectivos para os quais em princípio foi criada», referiu o funcionário.

Muitos imigrantes são também provenientes do Haiti, El Salvador e outros países da América Central e Caraíbas.

Os refugiados salvadorenhos e guatemaltecos, em particular, são frequentemente excluídos da amnistia devido, sobretudo, ao facto de terem chegado aos Estados Unidos depois de 1982, fugindo às guerras que se intensificaram durante a primeira metade da presente década, disseram alguns observadores.

Em consequência disso, «registou-se um considerável aumento de pessoas à procura de asilo político», como forma de obterem autorizações de trabalho, disse Rey Wingerter, um advogado especializado em leis de emigração de Washington, que trabalha com centro-americanos.

O Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos (INS) diz que antes de 4 de Maio, data em que termina o prazo, 800 mil pessoas solicitarão ser abrangidas pela amnistia, embora os peritos considerem este número demasiado elevado.

A desumanidade da lei

As fontes disseram que outra debilidade da lei de amnistia reside no facto de não prever que as famílias fiquem juntas, nos casos em que nem todos os membros de uma família reúnam condições para ser abrangidos pela lei de amnistia.

Esta omissão «redundará, inevitavelmente, em muitas dificuldades para os milhões de famílias que aqui vivem», disse Gilberto Paul Carrasco, director de imigração para a Conferência Católica dos Estados Unidos (USCC), a sede da Igreja Católica em Washington.

Carrasco criticou o INS como uma instância «dura e sem coração» na sua atitude para com as famílias de imigrantes.

Acrescentou que, sobretudo, «a tragédia desta legislação é que acabaremos por chegar à posição de ter que, essencialmente, evitar a fome da população indocumentada» que não peça para ser abrangida pela amnistia, ou que não reúna as condições para ser contemplada por ela.

Enquanto alguns críticos democratas da actual lei desejam prorrogar por mais um ano a data limite de pedido de amnistia, os funcionários que trabalham com imigrantes disseram à IPS que este passo só por si não é suficiente.

Na opinião destes últimos é necessária uma suavização da lei, por forma a que sejam exigidos menos documentos para solicitar a amnistia, assim como o alargamento da mesma a todos os imigrantes que entraram nos Estados Unidos antes de 6 de Novembro de 1986, data em que o presidente Ronald Reagan assinou a lei.

«Quando trabalhei nos campos de imigrantes, o importante era obter o pagamento pela quantidade de batatas que apanhava e não obter documentação» que provasse que uma pessoa trabalhava, disse Mario Moreno, cônsul associado do Fundo Legal para a Defesa dos Mexicanos — Norte-Americanos (MALDEF), com sede em Washington.

Apesar de existirem sinais mais do que evidentes de que a lei deve ser alterada, a administração do presidente Reagan e a maioria dos legisladores norte-americanos opõem-se à alteração das medidas migratórias deste programa.

«Opomo-nos a qualquer alargamento deste programa», disse Duke Austin, um porta-voz do INS.

«Só porque os críticos querem um programa mais generoso ou uma política mais liberal, isso não significa que esta lei tenha fracassado», argumentou Austin.

Em finais do ano passado o Congresso norte-americano rejeitou duas tentativas dos legisladores democratas para suavizar a lei. A primeira visava proteger mais a família de imigrados e a segunda procurava conter a deportação de refugiados políticos como por exemplo os salvadorenhos.

Os defensores dos direitos dos imigrantes iniciaram uma ofensiva conjunta para convencer os legisladores a aprovarem estas medidas, segundo disse à IPS Lauren McMahon, director do grupo «Resgate», sediado em Los Angeles.

Apesar disso, McMahon e outros estão preocupados que o futuro seja pouco promissor para a maioria dos imigrantes indocumentados dos Estados Unidos.

«Algumas pessoas vão viver cada vez mais à margem da sociedade» disse Wingerter.

Shultz leva iniciativa de paz dos EUA à Jordânia

O secretário de Estado norte-americano George Shultz levou hoje à Jordânia a nova iniciativa de paz dos EUA para o Médio Oriente, esperando obter para ela uma recepção mais simpática do que a reacção colhida ontem em Israel.

Shultz manteve conversações com o príncipe da coroa, Hassan, e o primeiro-ministro jordano, Zeid Al-Rifa'i, no palácio real, devendo depois partir para Damasco, onde se encontrará com o presidente sírio Hafez Al-Assad, antes de regressar a Jerusalém na noite de hoje.

Shultz seguiu para Amã directamente de Israel, onde o primeiro-ministro conservador Yitzhak Shamir e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres, do Partido Trabalhista, lhe deram respostas divergentes acerca das novas propostas da administração Reagan para o Médio Oriente.

Segundo funcionários israelitas, a iniciativa norte-americana envolve uma autonomia interina palestiniana, seguida de conversações sobre uma solução alargada para o conflito entre israelitas e árabes.

Ontem, quatro palestinianos, incluindo um rapaz de 12 anos e uma mulher de 55 anos, foram mortos por soldados israelitas durante manifestações contra a visita de Shultz.

A SEMANA

Segunda-feira, 22

Mais de 200 mortos no Brasil - Prosseguia o mau tempo que desde o fim-de-semana assolou o Rio de Janeiro, tendo provocado mais de 200 mortos e 20 mil desalojados. A pior tempestade jamais registada no Rio levou as autoridades a declararem o estado de «calamidade pública» na cidade, onde avalanches de rochas e lama esmagaram favelas e destruiram 145 avenidas. A situação mantinha-se crítica, sobretudo nas populosas favelas construídas mas encostas que rodeiam a cidade e maioria dos bairros residenciais da classe média estavam completamente inundados.

Terça-feira, 23

Conversações EUA-URSS - Os chefes das diplomacias norte-americana e soviética informaram os seus aliados sobre os resultados das conversações de dois dias entre os EUA e a URSS. Tanto George Shultz como Eduard Shevardnadze, afirmaram que que as conversações de Moscovo se traduziram em progressos no que diz respeito a um acordo de armas nucleares estratégicas e à marcação da agenda para a nova cimeira Reagan-Gorbachev. A URSS anunciou entretanto que iria retirar nos próximos dias os seus mísseis nucleares SS-12 da RDA e da Checoslováquia.

Quarta-feira, 24

Massacre sul-africano em Angola - A aviação e artilharia sul-africanas mataram centenas de pessoas em bombardeamentos no Sul de Angola, segundo a rádio angolana, captada pela BBC. Um comunicado do Ministério angolano dos Negócios Estrangeiros, lido na rádio, dizia que morreram centenas de pessoas, incluindo mulheres, velhos e crianças, que viviam nas áreas bombardeadas. O comunicado disse que o alvo foi Cuito Canavale, palco dos combates que recentemente têm oposto as tropas angolanas e os rebeldes da Unita, apoiados pela África do Sul. Mas Pretória afirmou que este anúncio não passava de «propaganda ruidosa».

Quinta-feira, 25

Crise política no Panamá - O «homem forte do Panamá, general Manuel António Noriega, acusado pelos EUA de envolvimento com traficantes de drogas, foi demitido pelo Presidente Arturo Delvalle, do cargo de chefe das forças armadas. Mas o Parlamento panamiano considerou «inconstitucional» a decisão e destituiu o Presdidente Delvalle, que por sua vez não aceitou esta deliberação. De referir que as forças armadas do Panamá recusaram a demissão de Noriega, o que provocou uma situação tensa naquele país americano.

Sexta-feira, 26

A paz no Médio Oriente - O secretário de Estado norte-americano, George Shultz, que se deslocou ao Médio Oriente numa tentativa para encontrar uma solução de paz para o conflito que opõe Telavive aos palestinianos dos territórios ocupados, encontrou-se com as autoridades israelitas. O ministro dos Negócios Estrangeiros isarelita, Shimon Peres, após o encontro com Shultz, disse que se abriram «novas perspectivas, mas há ainda muito trabalho para fazer». O ministro da Defesa, Ytzhak Rabin, foi da mesma opinião, mas não tem hesitado em reprimir severamente os palestinianos. Foi anunciado que Shultz voltaria a encontrar-se com os israelitas ainda este fim-de-semana.

PONTA ESQUERDA

Havelange e o "Mundial-94"

O presidente da Federação Internacional de Futebol, João Havelange, está a ser pressionado para que o Brasil seja a sede do campeonato mundial de futebol de 1994, afirma o diário «Gazeta desportiva».

O jornal refere que alguns círculos desportivos relacionam a escolha do Brasil como sede do Mundial de 1994 e a vitória de Ricardo Teixeira, genro de Havelange, nas próximas eleições para a presidência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). **Sem dúvida que me deixaria levar pelo coração, no caso de ser eu a decidir. Mas é a Comissão Executiva quem dirige os destinos do futebol mundial,** disse Havelange à «Gazeta».

O Brasil, Estados Unidos e Marrocos são os países candidatos à organização do Mundial de 1994. A FIFA irá escolher o país-sede no dia 30 de Junho na Suíça.

Sobre a sua suposta preferência pela candidatura dos Estados Unidos, João Havelange comentou: **É curioso que todos recordem agora que sou amigo de Henri Kissinger, mas já o era em 1986, quando os Estados Unidos perderem a favor do México a organização do Mundial.**

Havelange reafirmou que **a FIFA vai eleger o país que cumprir todas as exigências mencionadas no «caderno de encargos», e lamentou que o documento enviado pela CBF à FIFA «estivesse cheio de imprecisões».**

O presidente da FIFA salientou ainda a possibilidade de sanções à CBF devido às sucessivas acções dos clubes brasileiros na justiça ordinária, referindo que **quando isto sucede, recordamos que é filiado na FIFA quem quer. Quem não está de acordo com os estatutos da organização tem direito a abandoná-la.**

«A advertência da FIFA não teve o efeito devido, porque há clubes e federações que continuam a accionar a justiça, o que pode ser muito prejudicial para o futebol brasileiro», concluiu Havelange.

Calgary: domínio dos soviéticos

A União Soviética reforçou a sua liderança no quadro de medalhas dos Jogos Olímpicos de Inverno em Calgary ao somar mais uma de ouro, somando agora dez medalhas de ouro, nove de prata e sete de bronze, num total de 26 medalhas conquistadas.

A RDA manteve também o seu 2.º lugar com um total de 17 medalhas, as mesmas que possuía antes da jornada de ontem, e na 3.ª posição encontra-se a Finlândia, também com o mesmo número de medalhas (6), sendo quatro de ouro e duas de bronze. O quarto provisório é o seguinte:

PAÍS	OURO	PRATA	BRONZE
URSS	10	9	7
RDA	7	6	4
Finlândia	4	0	2
Áustria	3	4	2
Suécia	3	0	1
Suíça	3	5	4
RFA	2	3	2
Estados Unidos	2	1	1
Holanda	1	2	2
França	1	0	1
Itália	1	0	2
Noruega	0	3	2
Canadá	0	1	3
Checoslováquia	0	1	2
Jugoslávia	0	2	1
Japão	0	0	1

SINDICATO DA ACTIVIDADE CINEMATOGRÁFICA
Rua D. Pedro V, 60-1.º Esq.º
1200 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Por solicitação da Direcção e nos termos da alínea b) do art.º 35.º dos Estatutos do Sindicato da Actividade Cinematográfica, convoco a Assembleia Geral Extraordinária, com início às **9 horas e 30 minutos do dia 12 Março 88, no cinema Odeon, em Lisboa** e continuação **às 9 horas e 30 minutos do dia 13 Março 88,** no Sindicato dos Trabalhadores de Calçado, Malas e Afins do Distrito do Porto, Rua Formosa, 196-1.º Porto.

1.º – Apresentação da proposta de alterações ao Contrato Colectivo de Trabalho (**tabelas salariais, cláusulas pecuniárias e regalias sociais**).
2.º – Proposta de alteração ao nome e âmbito do Sindicato.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria dos sócios a Assembleia Geral terá início 30 minutos depois com qualquer número.

Lisboa, 1988, Fevereiro, 25
Pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral
O Primeiro-Secretário
(Carlos Manuel Vitória)

DESPORTO

Informação da GNR

VIOLÊNCIA ALASTRA POR CÁ

No último fim-de-semana nas competições desportivas que tiveram lugar em recintos localizados na zona de acção da Guarda Nacional Republicana, foram registados 29 incidentes em jogos de futebol e 1 em jogo de hóquei em patins.

As agressões a árbitros e juízes de linha foram o tipo de incidentes mais verificados (15); seguiram-se o arremesso de objectos (8); três invasões de campo; duas desordens entre jogadores e assistentes e outros assistentes e árbitros que motivaram acções das forças da Guarda presentes para repor a ordem ou evitar confrontos e dois casos de natureza vária.

As forças da GNR intervieram em todos os casos, quer para efeitos de manutenção da ordem pública quer para identificação de (possíveis) intervenientes, com vista à elaboração das respectivas participações às entidades competentes.

Resumo das ocorrências por distritos:

LISBOA

- Alhandra/Mafra adeptos não identificados arremessaram pedras para o interior do recinto.
- Vilar/Vermelha. Após o árbitro ter mostrado cartão vermelho ao massagista d uma das equipas, este tentou agredi-lo.

LEIRIA

- Alcanadas/Sport Clube Bombarrelense. Após marcação de um golo, o delegado de uma das equipas entrou no rectângulo do jogo protestando contra a decisão do árbitro.
- Milagres/Clube Desportivo de Regueira. Árbitro mostrou cartão vermelho a elemento de uma das equipas tendo sido envolvido por jogadores. O árbitro deu o jogo por terminado.
- Sport Escola Bombarrelense/Atlético Clube Cacém. Elemento directivo de uma das equipas manifestou descontentamento pela decisão do árbitro e entrou no recinto do jogo tentando agredir o fiscal de linha. Pedra atirada por espectador não identificado atingiu militar da Guarda provocando ferimentos ligeiros. A Guarda procedeu contra o referido dirigente.

BEJA

- Aldeia dos Reis/Castro Verde. Jogador de uma equipa ao ser expulso tentou agredir o árbitro atirando-lhe com as botas.

ÉVORA

- Desportivo Vimieiro/Desportivo Tourega. Após marcação de uma grande penalidade jogadores e adeptos provocaram alguns incidentes, tendo o fiscal de linha sido agredido sem gravidade.

BRAGA

- Oliveirense/Celoricense: assistente não identificado arremessou areia contra árbitro na altura em que este se dirigia para os balneários após ter terminado o jogo.
- No decorrer do jogo S. Paio Arcos/Soarense, assistente arremessou areia para o interior do recinto. Fiscal de linha foi atingido quando regressava aos balneários por assistente não identificado.
- Aveleda/Prado: verificou-se tentativa de agressão de um treinador. Força da Guarda presente necessitou efectuar disparos para o ar com bala simulada a fim de repor a ordem. Um elemento da força sofreu ferimentos ligeiros.
- Em Merelim, terminado o jogo, assistentes apedrejaram viatura do árbitro. Força presente necessitou usar meios de força para dispersar multidão.

PORTO

- Adeptos de uma das equipas no jogo A.C. Fridão/Rebordosa A.C. arremessaram pedras ao fiscal de linha sendo este atingido sem gravidade.
- No jogo de hóquei em patins Juventude Pacense/A.D. Valongo, viatura da equipa de arbitragem apareceu com pneu furado e pequenas amolgadelas.

VILA REAL

- Juiz de linha oi agredido a pontapé por assistente não identificado no decorrer do jogo S.C. Pinhão/Santa Maria de Penaguião.

VISEU

- Fiscal de linha agredido a pontapé por adeptos de uma das equipas não identificados no jogo de futebol Pedrezes Beira Alta CLUBE/Associação Desportiva Sátão.
- No jogo de futebol entre as equipas do Clube Desportivo Santa Cruzense/União Desportiva Queirã, assistência tentou invadir recinto, sendo impedida pela força da Guarda presente. No final do jogo jogadores e parte da assistência envolveram-se em desordem. Força da GNR presente necessitou de reforços a fim de repor a ordem.
- Um jogador ao recolher aos balneários por expulsão, envolveu-se em desordem com espectadores, resultando confrontos entre assistência do jogo de futebol União Desportiva Cancela/Grupo Desportivo Ferreiros, originando dois feridos ligeiros. O árbitro deu o jogo por terminado aos 33 minutos. Foi apresentada queixa.

AVEIRO

- Assistência ao jogo de futebol Anadia/Académico de Viseu agrediu com pedras e socos equipa de arbitragem sendo esta evacuada em viatura da Guarda.
- Jogo entre equipas do Torreira Praia/S. João Ver, equipa de arbitragem agredida por espectadores não identificados.

COIMBRA

- S. Pedro Alva/Penacova: equipa de arbitragem após terminar o jogo teve de ser evacuada sob escolta da Guarda.
- Força da Guarda presente no jogo Pala/Pinhel evitou agressão da equipa de arbitragem, após o jogo terminar.

●

E vai sendo este, o ritmo semanal dos actos de violência que vão ocorrendo por todo o lado sem que sejam tomadas medidas que visem a sua redução. E talvez valesse a pena que a GNR ou a Federação Portuguesa de Futebol divulgassem o nome dos indivíduos detidos, julgados e qual a pena aplicada para exemplo dos prevaricadores e «advertência» aos que escaparam à mira da autoridade.

Ontem, na AFL

Disciplina esteve em debate

Alves Henriques

Subordinado ao tema «A Disciplina no Futebol» realizou-se ontem, nas instalações da Associação de Futebol de Lisboa, um debate em que participaram algumas dezenas (menos do que as desejáveis) de jovens árbitros – saúde-se a presença dos «veteranos» Henrique Silva, Maximino Afonso e Mário Ribeiro – encontrando-se como prelectores o dr. juiz João Dinis Nunes (presidente do Conselho Jurisdicional da AFL), Rui Bandeira (advogado e árbitro dos quadros regionais), Silveira Ramos (treinador de futebol do CFB em substituição de Marinho Peres), Vítor Correia (dirigente do CA da AFL) e o nosso camarada Vieira de Carvalho (director do jornal «O Árbitro»).

Primeiramente teremos que chamar a atenção dos dirigentes da arbitragem lisboeta, para o facto de na sala onde a sessão decorreu, ter sido retirado (ou estaria encoberto pelas bandeiras?) a foto de Ribeiro dos Reis que como é sabido foi a maior autoridade portuguesa na questão das leis do jogo e mestre reconhecido pela FIFA.

De lamentar (também) a ausência sistemática, neste tipo de colóquios, de árbitros dos quadros principais cuja presença seria estimulante para os recém – chegados à causa. Também teremos que censurar que não assistam, a tão importantes sessões, dirigentes federativos, associativos e clubistas, tanto mais que as questões, normalmente debatidas, se ficam nas relações árbitro-dirigente-treinador pelo que seria saudável alargar o leque de intervenientes e participantes. Fica o desabafo, para que conste.

Causou alguma surpresa a ausência do treinador Marinho Peres, já que, tratando-se dum técnico muito «anotado» nos relatórios dos árbitros e sendo-lhe conhecido um temperamento gerador de alguns conflitos com a arbitragem, poderia, ali, alegar as razões de tais atitudes. Naturalmente que o facto do Beleneses ir jogar a Portimão poderá explicar o que não foi explicado pelos organizadores do debate. Em sua substituição, esteve presente o professor Silveira Ramos e das suas intervenções ficou a convicção de que se trata dum defensor da disciplina e cultivador da boa postura dos atletas, técnicos e dirigentes no futebol. Presença que se saúda.

Em «oposição» estiveram os juristas Rui Bandeira e Dinis Nunes, sobretudo no que respeita ao rigor exigível no cumprimento (em campo) das normas estatuídas nas leis de jogo. Rui Bandeira defende que o árbitro deve usar dum sentimento de tolerância e condescendência, enquanto que o juiz Dinis Nunes se mostrou fiel à nobre missão que desempenha: as leis foram criadas para serem cumpridas e o árbitro como «juiz» deve ser escrupuloso na função.

A questão da falta de um tribunal desportivo mereceu algumas considerações tendo, o juiz Dinis Nunes referido de que para ele funcionar com os existentes nada adiantaria a sua instituição e justificou as razões determinantes do seu raciocínio, que, fundamentalmente, se fincam na inexistência do desejável número de juízes no nosso país.

Pedagogia no desporto, psicologia das multidões, impreparação dos dirigentes, ausência de intervenção didáctica por parte dos treinadores, carência de idoneidade moral de determinados árbitros, falta do conhecimento das leis por parte do público, foram alguns dos temas abordados durante quatro horas de debate.

Uma certeza foi por todos retirada: acabar com a indisciplina e eliminar a violência é tarefa impossível nos campos de futebol, mas existem instrumentos para lhe reduzir as causas. Todos de acordo.

"Nacionais" de futebol: ronda n.º 23

MIRANDA DIAS: ÁRBITRO PARA O FUNCHAL

• *Europeus e Vitórias jogam hoje*

«Europeus» aprontam-se. Na Luz, artistas escutam a voz dos comandos e em Alvalade puxa-se pela «cabedal»

Ao atentarmos na lista dos árbitros escolhidos para os encontros da 23.ª Jornada no «Nacional» da Divisão Principal, não deixa de surpreender que o Conselho de Arbitragem da FPF tenha escolhido Miranda Dias para «coordenador» do importante confronto desta noite no Funchal entre o Marítimo e o Benfica, por se tratar de um árbitro que tem vindo a evidenciar sintomas de algumas insuficiências de ordem diversa.

Bem, mas o nosso voto é de que o «juiz» de Cantanhede possa ter recuperado as qualidades que os seus dirigentes lhe possam reconhecer e demonstra, perante todos nós (porque a RTP nos vai mostrar o espectáculo), que a nomeação não pecou por descuidada.

Entretanto para os restantes encontros temos: **HOJE:** Jorge Coroado dirige o encontro V. Setúbal-V. Guimarães (16 horas) e Fortunato Azevedo estará pelas 17 horas em Alvalade, para «coordenar» o Sporting-Académica. **AMANHÃ** (15 horas): Braga-Penafiel (Ezequiel Feijão — Setúbal); Salgueiros-Rio Ave (Raul Ribeiro — Aveiro); Chaves-Espinho (Sepa Santos — Lisboa); Elvas-Farense (João Simãozinho — Leiria); Portimonense-Belenenses (Rosa Santos — Beja); Covilhã-Boavista (João Rosa — Évora e FC Porto-Varzim (Miranda de Sousa — Porto).

II Divisão

Zona Norte: Fafe - Trofense, João Gonçalves (Viana do Castelo); Felgueiras - Aves, Vítor Correia (Lisboa); Moreirense - Paços de Ferreira, José Silvano, Vila Real; Vizela - Ermesinde, Donato Ramos (Viseu); União de Lamas - Macedo de Cavaleiros, Soares Dias (Porto); Bragança - Lourosa, Alexandre Gonçalves (Porto); Leixões - Famalicão, Carlos Valente (Setúbal); Freamunde - Gil Vicente, Evaristo Carvalho (Viana do Castelo); Marco - Tirsense, José Guímaro (Coimbra); e Lixa - Vianense, Ramiro Santiago (Coimbra).

Zona Centro: Peniche - Oliveira do Bairro, Henrique Santos (Santarém); Académico de Viseu - Guarda, Manuel Nogueira (Porto); União de Leiria - Beira-Mar, Francisco Silva (Faro); União de Santarém - Feirense, Castela Parreira (Leiria); Marialvas - Torriense, Francisco Caroço (Portalegre); União de Coimbra - Mirense, Fernando Ilídio (Porto); Vilafranquense - Almeirim, António Galrinho (Setúbal); Estarreja - Caldas, Pereira da Silva (Braga); Águeda - Marinhense, Amílcar Moreira (Coimbra); e Estrela de Portalegre - Mangualde, Serafim Alvito (Évora).

Zona Sul: Sacavenense - Pescadores, Vitorino Filipe (Faro); Amora - Montijo, Fernando Rodolfo (Lisboa); Barreirense - Esperança de Lagos, Álder Dante (Santarém); Atlético - Silves, José Pratas (Évora); Estrela da Amadora - União da Madeira, Veiga Trigo (Beja); Estoril - Nacional, Bento Marques (Évora); Louletano - Samora, José Garcia (Setúbal); Olhanense - Oriental, António Jorge (Setúbal); Santa Clara - Lusitano dos Açores, Aníbal Pereira (Porto); e Cova da Piedade - Santiago do Cacém, António Rola (Santarém).

III Divisão

Série A: Esposende - Mirandês, Carlos Leite (Porto); Neves - Valdevez, Monteiro Silva (Braga); Santa Maria - Valenciano, Américo Santos (Porto); Limianos - Vinhais, Casimiro Martins (Porto); Joane - Oliveirense, João Mesquita (Porto); Celoricense - Delães, Jesus Almeida (Porto); Mirandela - Amares, Veiga Rodrigues (Viana do Castelo); Monção - Merelinense, Martins Santos (Porto); Ponte da Barca - Valpaços, Armando Malheiro (Porto); e Murça - Vieira, Costa Valente (Viana do Castelo).

Série B: Régua - Lousada, Sérgio Borges (Aveiro); Valonguense - Infesta, Sérgio Miranda (Viana do Castelo); Oliveira do Douro - Amarante, Jorge Rodrigues (Braga); Cinfães - Grijó, Manuel Brás (Vila Real); Esmoriz - Cesarense, Graça Pereira (Braga); Ribeirão - Paivense, Abel Lobo (Porto); Sandinense - Pedrouços, Augusto Santos (Bragança); Paredes - Lamego, Adão Mendes (Braga); São Martinho - Vila Real, Carlos Oliveira (Aveiro); e Leça - Maia, Gonçalo Silva (Braga).

Série C: Tondela - Cairense, Ruivo Coelho (Leiria); Poiares - Oliveirense, Vilar Paraíso (Guarda); Pessegueirense - Ovarense, Isidro Oliveira (Porto); Oliveira do hospital - Luso, Evaristo Faustino (Leiria); Gouveia - Vilanovense, Nogueira Torres (Coimbra); Alba - Seia, Santos Monteiro (Coimbra); Mealhada - Tabuense, Carlos Carvalho (Porto); Oliveirinha - Santacombadense, Vítor Miranda (Porto); Vilar Formoso - Belmonte, Amadeu Pinho (Aveiro); e Anadia - Viseu e Benfica, Elísio Martins (Porto).

Série D: Alcanenense - Portalegrense, Agostinho Santos (Leiria); Fundão - Mirandense, Júlio Miranda (Portalegre); Vieirense - Benfica de Castelo Branco, Ilídio Rodrigues (Setúbal); Alcobaça - Gavionenses, Costa e Silva (Lisboa); Usseira - Nazarenos, Carlos Estriga (Santarém); Paroquial de Fátima - Naval, Fernando Correia (Lisboa); Guiense - Beneditense, Pires Alves (Lisboa); Alcains - Ferrel, Rodrigues da Silva (Guarda); Nisa e Benfica - Marrazes, Bogia Ribeiro (Setúbal); e Sourense - Lousanense, Júlio Mouco (Leiria).

Série E: Lisboa e Olivais - Vialonga, Fernando Rebocho (Setúbal); Fronteirense - Odivelas, Teixeira Correia (Beja); Praiense - Malveira, Mário Sargaço (Leiria); Vitória de Lisboa - Alverca, Mário Leal (Leiria); Futebol Benfica - Eléctrico, Humberto Viegas (Faro); Marinhais - Bombarralense, José Ourives (Évora); Cacém - Campomaiorense, Alberto Rodrigues (Setúbal); Estrela de Vendas Novas - Olivais e Moscavide, Gil Rosa (Setúbal); Sintrense - Quimigal, José Leitão (Santarém); e Santa Iria — Cartaxo, Andrelino Pena (Faro).

Série F: Piense - Montemor, Jacinto Roque (Setúbal); Vasco da Gama - Palmelense, José Serra (Évora); Aljustrelense - Alvorense, Vítor Reis (Lisboa); Lusitano de Évora - Campinense, João Morais (Lisboa); Reguengos de Monsaraz - Imortal, Artur Calado (Portalegre); Lusitano de Vila Real - Sesimbra, Vítor Baptista (Lisboa); Quarteirense - Juventude de Évora, Juvenal Silvestre (Setúbal); Leões de Tavira - Moura, Manuel Amendoeira (Setúbal); Pinhalnovense - Torralta, Aníbal Guerreiro (Lisboa); e Serpa - Seixal, Carlos Sales (Lisboa).

Braga-Penafiel é em Barcelos

Já o havíamos informado mas insistimos: o encontro de amanhã entre o Braga e o Penafiel disputa-se em Barcelos dado o facto do Estádio 1.º de Maio se encontrar interditado.

«Caso-Rijkaard» dá origem a comunicado da FPF

Em consequência de algumas acusações feitas por Jorge Gonçalves, e pelo dr. Dias Ferreira, a propósito da recusa federativa em aceitar a inscrição do holandês Rijkaard na presente temporada, a direcção da FPF emitiu um comunicado esclarecedor dos preceitos jurídicos que determinaram tal decisão afirmando não ser «legítimo, que se atribuam intenções menos claras a quem no processo usou de toda a isenção.

Chicotada no Moreirense

Na sequência de resultados menos positivos, obtidos nas últimas jornadas do campeonato, o Moreirense rescindiu o contrato com o técnico Nelo Barros, ficando provisoriamente a equipa entregue aos cuidados dos jogadores Cartucho e Fernando Carvalho.

Manniche apanhado com «coca»

O antigo futebolista do Benfica, Michael Maniche, aproveitando a pausa do campeonato dinamarquês, deslocou-se aos EUA onde as auutoridades lhe detectaram a posse de cocaína pelo que foi prontamente «convidado» a abandonar o país.

Allison na «corda bamba»

O recente castigo (multa e 50 dias de suspensão) aplicado pelo Conselho de Disciplina ao treinador Allison, terá provocado algum desencanto ao presidente do Vitória de Setúbal, não porque tenha considerado injusto mas porque Fernando Oliveira, considera que o técnico inglês sofre de «defeito de fabrico e a avaliar pelas declarações produzidas pelo líder do executivo do clube sadino, o futuro de Allison no Bonfim não se afigura nada risonho.

Esta tarde em Madrid

Futre na mira de italianos

Um emissário do Juventus estará hoje em Madrid para ver Futre em acção no jogo entre o Atlético de Madrid e o Barcelona.

O «Corriere Dello Sport» vai mais longe, afirmando que o referido emissário tem encontro marcado com um dirigente do clube madrileno **«para saber modalidade e pormenores de uma compra que nas últimas horas tem sido dada como mais que provável».**

O jornal acrescenta que o Atlético de Madrid está a pedir o equivalente a 10 milhões de dólares por Futre, «o que fez arrefecer o entusiasmo de outros clubes italianos nele interessados, à excepção do Juventus».

«Dez milhões de dólares é muito, mas muita é também a necessidade da Juventus de contratar campeões verdadeiros, e Futre pertence a esta categoria» — adianta.

Segundo «Gazzetta Dello Sport», o Roma está à tentar contratar o inglês Lineker e o Alemão Schuster, mas continua interessado em Futre e no uruguaio Francescoli, do Racing Matra de Artur Jorge, que o Juventus também pretende contratar.

Ao mesmo tempo, o «Corriere Dello Sport», faz saber que, no seu encontro de terça-feira com o seu homólogo do

Roma, Pier Paolo Marini, o empresário do Porto, Luciano D'Onofrio, pediu por Rui Barros o equivalente a 350 000 contos, pagáveis em dois anos.

Atalanta: corrida às bilheteiras

Dezoito mil bilhetes foram já vendidos para o encontro de quarta-feira entre o Atalanta e o Sporting, da primeira mão dos quartos de final da Taça dos Vencedores de Taças, que se disputa em Bérgamo, disse um informador do clube.

Recorde-se que o Estádio Municipal de Bérgamo tem capacidade para 35 000 espectadores.

Entretanto, o treinador do Atalanta, Emiliano Mondonico, mostra-se muito preocupado pela lesão contraída, num joelho, pelo seu avançado Oliviero Garlini durante um jogo-treino, na quarta-feira.

Embora a lesão pareça ser menos grave do que a princípio se receava, o médico da equipa manifestou grandes reservas quanto à possibilidade de o jogador alinhar quarta-feira contra o Sporting.

Checoslováquia "apoia" ingleses

A Checoslováquia manifestou junto da União Europeia de Futebol a sua decisão de apoiar o regresso dos clubes ingleses às competições europeias.

Rudolf Bata, secretário-geral da Federação checoslovaca, defendeu que o regresso das equipas inglesas irá valorizar as provas europeias, dando maior competitividade às taças em disputa.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR ANTÓNIO MANUEL PEREIRA, Juiz de Direito da 2.ª Sec. do 9.º Juízo Cível da comarca de Lisboa.

FAZ SABER QUE, por esta Tribunal, correm éditos de TRINTA DIAS, que começarão a contar-se da data da publicação do segundo e último anúncio, citando os Réus – JOAQUIM RAMALHO e mulher MARIA DE LOURDES GUERRA FIGUEIREDO RAMALHO, com última residência conhecida na Rua Vasco da Gama, 40-3.º Esq, Rio de Mouro, Sintra, e actualmente ausentes em parte incerta, para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a Acção Ordinária n.º 2265, que lhes move (e a outros) OTIS, ELEVADORES, Lda., com sede na Rua Centro Cultural, 5-2.º andar em Lisboa, e que em extracto é o seguinte:

a) Ser declarado resolvido o contrato celebrado com os Réus, da instalação do elevador montado no lote n.º 6 do prédio sito na Rua Francisco Andrade em Almada e reconhecido o direito de propriedade da Autora sobre o elevador;

b) Serem condenados os Réus a entregar à Autora o elevador com todos os assessórios;

c) Subsidiariamente serem os Réus condenados a pagar à Autora a quantia de 195 162$00 a que acrescerão juros vincendos à taxa de 28% sobre 105 900$00, custas e procuradoria, como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra à disposição dos citandos na secretaria deste juízo.

Lisboa, 8 de Fevereiro de 1988

O Juiz de Direito,
a) António Manuel Pereira

O Esc. Adjunto,
a) António Lopes Martins

"D.L." 27/2/88 – 2.ª Pub.

Novos rumos em agenda

Hóquei em congresso, andebol em debate

O congresso extraordinário da Federação Portuguesa de Patinagem reúne-se hoje num hotel de Lisboa, com uma extensa ordem de trabalhos.

As eleições para os corpos gerentes até 31 de Dezembro de 1992 nomeadamente para as direcções federativa e do Conselho Central de Arbitragem, e as propostas de alteração da lei das transferências e critérios de classificação de árbitros são alguns dos temas a debater pelos congressistas.

José Castel Branco reúne o consenso para continuar na presidência da direcção até às olimpíadas de Barcelona, tal como Pinho dos Santos, que deverá chefiar o novo Conselho Central de Arbitragem.

Os delegados das 14 associações distritais discutirão ainda alterações de pormenor aos regulamentos gerais federativo e da arbitragem, após o que procederão à análise e votação dos relatórios e contas da Federação referentes a 1987.

Andebol: Federação reúne com clubes

A direcção da Federação Portuguesa de Andebol reúne-se hoje com os principais clubes da primeira divisão e alguns da segunda para discutir o futuro da modalidade face à nova legislação que vai ser aplicada.

Na reunião, que decorrerá num hotel da capital, a Federação pretende passar em revista os últimos acontecimentos na modalidade e propor uma total reestruturação com o apoio dos clubes.

O estabelecimento de contratos desportivos de dois ou três anos, a exigência de cursos de formação aos técnicos, a aplicação do «full time», a técnicos e jogadores, e a criação de um novo estatuto são algumas das propostas que serão apresentadas pela FPA.

A Federação vai ainda propor a criação de três classes para serem aplicadas aos jogadores: a de amadores, não amadores e profissionais.

Uma pequena revista sobre os últimos acontecimentos registados durante o mundial do grupo C, que se realizou em Guimarães, deverá também constar da reunião.

Microscópio

Atletismo: realiza-se amanhã, pelas 9.30 horas, o Grande Prémio em Atletismo da Damaia. Esta prova, que conta já com uma larga tradição, tem a sua realização a cargo da Junta de Freguesia da Damaia e de várias colectividades da freguesia e conta com o apoio da Câmara Municipal da Amadora.

O grande prémio consta de uma prova pedestre para atletas iniciados e juvenis na distância de 3500 metros e de uma outra para juniores, seniores e veteranos com cerca de 7000 metros. As inscrições são gratuitas.

Halterofilismo:

Paulo Duarte (Luso) terminou em 6.º lugar no torneio internacional de Varna em halterofilismo, ao conseguir um total de 265 quilos (120 e 145 quilos nos dois movimentos) na categoria de ligeiros.

A vitória pertenceu ao búlgaro Stefan Topourov, com 335 quilos (147,5 e 187,5),

Os portugueses Jorge Soares (FC Porto) levantou 275 quilos (120 e 155).

Ciclismo

"CORREIO DA MANHÃ" ENTRA NA "CORRIDA"

As 11 equipas profissionais de ciclismo portuguesas foram convidadas a participar no Grande Prémio Correio da Manhã, primeira prova por etapas da temporada, a disputar entre 16 e 19 de Março, foi ontem anunciado na apresentação da prova.

O Grande Prémio CM terá 600 quilómetros, com partida de Vila Nova de Gaia e chegada a Faro, contando duas neutralizações de percurso, entre Coimbra e Leiria e Évora-Beja.

O director da corrida será Francisco Nunes, antigo presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo, e a empresa proprietária do «Correio da Manhã» é a única a patrocinar a prova.

Entre Vila Nova de Gaia e Faro, a corrida terá seis contagens do prémio de montanha (camisola azul «Êxito»), respectivamente em Valbom (3), Vila Franca do Rosário (3), Arrábida (1), Ameixial (3), Cavalos (2) e Alto da Bordeira (1).

Nas metas de montanha haverá prémios monetários para os três primeiros, recebendo o vencedor final 15 contos, o segundo 12 e o terceiro oito mil escudos.

O primeiro da classificação geral individual final recebe 100 contos, seguindo-se prémios de 60, 35, 25, 20, 18, 16, 14, 12, e 10 contos para os seguintes.

O líder da classificação individual recebe ainda dois mil escudos por etapa.

Os cinco primeiros classificados em cada etapa terão também prémios monetários, sendo de 10 contos o valor para o primeiro mas, sempre que a média horária for inferior a 33 km/hora não haverá prémios oficiais.

As 11 equipas profissionais convidadas são o Louletano, Sicasal, Ginásio de Tavira, Centro Ciclista de Tavira, Sangalhos, Lousa, Feirense, Salgueiros, Cantanhede, Garcia Joalheiro, Boavista e a sénior do Sambrazense.

O calendário da prova é o seguinte: **1.ª etapa:** Vila Nova de Gaia-Coimbra (123 km); **2.ª etapa:** Leiria-Loures (150 km); **3.ª etapa:** Vila Nogueira de Azeitão-Évora (140 km) e **4.ª etapa:** Beja-Faro, 187 km.

Participaram na conferência de imprensa Vítor Direito, Carlos Barbosa e Guita Júnior (pela empresa organizadora) e Justiniano Vargues (vice-presidente da FP Ciclismo), sendo notada a ausência de Francisco Nunes (director da prova).

O dr. Vítor Direito referiu a intenção da Presselivre (empresa proprietária do «CM»), salientando que ela se finca no dinamismo da empresa ao realizar uma prova de uma modalidade igualmente dinâmica e fez questão de enaltecer o facto do patrocínio incidir apenas nos títulos da Presselivre.

O nosso companheiro da Antena Um, Justiniano Vargues (em nome da FPC) aludiu à importância do «GP - Correio da Manhã» que terá preenchido «uma lacuna no calendário de provas» e prometeu total colaboração no senttido da sua valorização.

Por último, coube ao jornalista Guita Júnior dar indicações sobre o traçado e demais aspectos de ordem técnica e financeira.

E cá ficamos à espera das primeiras pedaladas da temporada (a nível federativo) com os votos de que «Correio da Manhã/Grande Prémio» venha a figurar no número das grandes «clássicas» da velocipedia portuguesa. Os ingredientes apontam para o êxito que todos desejamos.

Na sua agenda

Hoje

ANDEBOL: prossegue a Taça de Portugal com a realização dos seguintes encontros:

Caramão-Boa Hora, no Pavilhão da Ajuda, às 18 e 30; Ac. Braga-V. Setúbal, no pavilhão Flávio Sá Leite, às 16; Clube TAP-FC Porto, na Luz, às 17 e 15; Passos Manuel-Francisco de Holanda, na Ajuda, às 17; Sporting-Salgueiros, em Alvalade, às 15; Académica de Coimbra-Caselas, no pavilhão universitário, às 17; e Belenenses-Benfica, no Restelo, às 17.

HÓQUEI EM PATINS: depois de se ter realizado mais uma ronda da Taça CERS, regressa o «nacional» com os seguintes confrontos e árbitros: HC Turquel-Sporting (árbitro: Couto Moreira, do Porto); Cucujães-Juventude de Viana (Aníbal Santos, do Porto); Sporting de Tomar-FC Porto (Ludovino Ferreira, do Porto); Parede-Ferpinta (Angélico Nunes, de Lisboa); Paço de Arcos-Sanjoanense (Armelim Ferreira, de Santarém); OC Barcelos-Salesiana (Aníbal Pires, do Porto) e Benfica-Oliveirense (Vítor Belguinha, de Lisboa).

Todos os encontros às 21 horas, com excepção do OC Barcelos-Salesiana (17 e 30) e Benfica-Oliveirense (18 e 30, com transmissão directa pela RTP).

BASQUETEBOL: para o campeonato da I divisão efectuam-se os jogos: FC Porto-Sporting (17.30 horas), Esgueira-Queluz (19) e Imortal-Estrela das Avenidas (21 h). Para o campeonato secundário: Sanjoanense-Sp. Figueirense (17.30), Ginásio Figueirense-Académica (17.30), Conimbricense-Desp. Leça (17.30), União Santarém-Farense (21), Barreirense-Palmeiras (21.30), Atlético-Estoril (17.30), Scalipus-Luso (21.30), C.Quebradense-Algés (17.30) e Quimigal-TAP (21).

ASSOCIAÇAO HUMANITARIA
DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
DA AMADORA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do disposto no Art.º 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária, a reunir na Sede da Associaçao, sita a Rua Elias Garcia, 121 — Amadora, para o proximo dia 04 de Março, pelas 20h30m, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

— **APRECIAR E VOTAR O RELATÓRIO E CONTAS DE GERÊNCIA DE 1987.**

Nao havendo o numero legal de sócios, fica desde já convocada segunda reuniao para o mesmo dia, pelas 21h30m, nos termos do § único do Art.º 24.º, sendo então validas as resoluçoes que vierem a ser tomadas, seja qual for o número de socios presentes.

Amadora, 18 de Fevereiro de 1988

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

António Vasco Alves Marques

EDITORIAL RESISTÊNCIA S.A.

Sede: Av. da Igreja, 4-E., Lisboa
Cap. Social: Esc. 6 000 000$00
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 46318

CONVOCATÓRIA

Nos termos da Lei e do artigo 17.º dos estatutos, convoco os accionistas para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, na Rua das Flores, 59, em Lisboa, no próximo dia 30 de Março de 1988, pelas 18 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1) Alteração do artigo 2.º dos estatutos, que passará a ter a seguinte redacção:

Artigo 2.º

«A sociedade tem por objecto o seguinte: a) edição de revistas periódicas e outras publicações em geral; b) fabrico e comercialização de mobiliário.»

2) Preenchimento de eventuais vagas nos corpos sociais.

3) Quaisquer outros assuntos de interesse para a sociedade.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1988
O Presidente da Mesa
Ass. ilegível

antipol
EMPRESA INDUSTRIAL ANTIPOLUIÇÃO S A

ANTIPOL-EMPRESA INDUSTRIAL ANTIPULUIÇÃO, LD.ª
Sede: Av. da Igreja, 4-E, LISBOA
Cap. Social: Esc. 2 000 000$00
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número 178.

CONVOCATÓRIA

Nos termos da lei e do artigo 16.º dos estatutos, convoco os accionistas para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, na Rua das Flores, 59, em Lisboa, no próximo dia 30 de Março de 1988, pelas 21.30 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1) Alteração do artigo 2.º dos estatutos, que passará a ter a seguinte redacção:

Artigo 2.º

«A sociedade tem por objecto a prestação de serviços nas seguintes áreas e similares: desinfecções e desinfestações de instalações industriais, estabelecimentos e escritórios; assistência às empresas no sector da higiene e segurança no trabalho; exploração e desenvolvimento de zonas florestais; fornecimento de equipamento relacionado com os serviços referidos.»

2) Preenchimento de eventuais vagas nos corpos sociais;

3) Quaisquer outros assuntos de interesse para a sociedade.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1988
O Presidente da Mesa
(Monte Verde, Ld.ª – Representada pelo Dr. João Manuel Nogueira Jordão Cortez Pinto

PRP
AGARRE-SE Á ESTRADA
Veja o estado dos pneus

DL HÁ 20 ANOS

Querem crítica? Cortamos os anúncios!

Neste dia, o «DL» publicava, na 1.ª página, um ofício dirigido à administração do jornal pelo gerente da Cineasso, empresa que na altura explorava sete cinemas da capital. Eis alguns excertos da curiosa peça:

«Não é aceitável que em certas notícias de estreias publicadas no jornal de V. V. Ex.as se desacreditem os espectáculos. A chamada liberdade de Imprensa nada tem de ser invocada ao considerarem-se as relações entre entidades de interesses ligados, como é o caso da Imprensa que carece da publicidade e da indústria que não pode viver sem ela.»

Após a afirmação destas normas deontológicas, o signatário anunciava-nos a anulação da publicidade. Respondia assim o «DL»:

«Se tivermos menos anúncios daremos menos páginas, mas não deixará o leitor de encontrar no jornal aquilo que procura, o que espera de nós, que é, acima de tudo, a independência e a insubmissão a interesses. O que o leitor não encontrará é a hipoteca dessa independência.»

De Gaulle preocupado com a escalada no Vietname

O presidente De Gaulle exprimiu ao conselho de ministros de hoje a sua preocupação pela eventual escalada do conflito vietnamiano e à sua concordância com os meios de a evitar, propostos pelo secretário-geral das Naçõs Unidas, U. Thant, quando disse que bastará cessarem os bombardeamentos do Norte, para encetarem as negociações de paz.

Por outro lado, o governo francês anunciou ter recebido garantias formais do Vietname, de acordo com as quais a suspensão incondicional dos bombardeamentos norte-americanos constituiria um passo «necessário e suficiente» para a abertura de negociações de paz.

O Porto sem luz

Por motivos ignorados à hora em que escrevemos, faltou a energia eléctrica, cerca das 17 e 15, em toda a cidade, afectando estabelecimentos hospitalares, oficiais e particulares. Os transportes colectivos ficaram paralisados.

Os Serviços Municipalizados, às 18 horas, não sabiam ainda informar quando se restabeleceria a energia eléctrica.

Asiáticos tomaram de assalto aviões em Nairobi com destino a Londres

As multidões que se aglomeraram, ontem à tarde, nas entradas do aeroporto de Nairobi e que a Polícia tentou conter lutaram com esta e foi em pleno combate que tomaram, como que de assalto, os aviões em que pretendem chegar a Inglaterra, antes que seja tarde de mais — antes que seja aprovada a lei que, muito provavelmente, entrará em vigor amanhã e lhes fechará as portas do país para o qual possuem passaporte.

Com efeito, até à meia-noite local de ontem levantaram voo de Nairobi 14 aviões completamente cheios de passageiros: 800 asiáticos acossados pelo pavor do desemprego e da expulsão. Entretanto, para as próximas — e últimas — 36 horas, antes da entrada dessa lei em vigor, têm já bilhetes marcados mais 1800 asiáticos.

EFEMÉRIDES

1500 Nasce, em Lisboa, D. João de Castro.

1510 Afonso de Albuquerque conquista Goa, na Índia.

1560 É assinado o tratado de Berwyck entre a Inglaterra e os lordes escoceses, o qual exige a expulsão dos franceses das terras da Escócia.

1666 Morre D. Luísa de Gusmão, mulher do rei D. João IV.

1700 O navegador inglês William Dampier descobre a ilha da Nova Bretanha, no sudoeste do Pacífico.

1754 Morre o primeiro cardeal-patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida.

1844 A República Dominicana torna-se independente.

1861 Ocorre o massacre de Varsóvia, quando as tropas russas disparam sobre a multidão, que se manifestava na capital polaca, contra o domínio imposto pelo czar.

1900 É constituido o Partido Trabalhista Britânico, com Ramsay Macdonald como secretário-geral.

1902 Nasce o escritor norte-americano John Steinbeck.

1932 Nasce a actriz norte-americana Elizabeth Taylor.

1939 A Grã-Bretanha e a França reconhecem o regime do general Francisco Franco, em Espanha.

1950 Morre, em Nova York, Max Beckmann, considerado um dos mestres do expressionismo alemão.

1968 O Parlamento britânico aprova uma lei que visa restringir a entrada de imigrantes de cor no país.

1974 O Governo etíope demite-se na sequência do amotinamento de várias unidades militares, que capturam a cidade de Asmara.

1978 O Egipto restringe os privilégios especiais dos palestianianos que vivem no país, afirmando que irão ser tratados como quaisquer outros árabes estrangeiros residentes no Egipto.

1983 Terminam, em Montechoro, Algarve, os trabalhos do décimo Congresso do PSD, com a eleição de uma direcção colegial (Mota Pinto, Eurico de Melo e Nascimento Rodrigues) e o afastamento de Pinto Balsemão.

1985 O dólar volta a registar uma queda abrupta nos mercados cambiais europeus, deslizando perto de 6 pennings contra o marco. Em Portugal a descida é de quase seis escudos.

1986 O cruzeiro, moeda brasileira que há 40 anos substituira os mil réis, passa a denominar-se «cruzado», equivalendo a mil cruzeiros.

1987 O «Diário da República» publica o Estatuto dos Objectores de Consciência.

EM PORTUGAL

	Máx.	Mín.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	−4	−4	0,0	Limpo
V. Castelo	4	3	0,0	Limpo
Vila Real	−1	−1	0,0	Limpo
Porto	2	2	0,0	Limpo
Coimbra	3	3	0,0	Limpo
C. Carvoeiro	7	7	0,0	Limpo
C. Branco	0	0	0,0	Limpo
Portalegre	1	0	0,0	Limpo
Lisboa	5	5	0,0	P. nub.
Évora	1	0	0,0	Limpo
Beja	1	1	0,0	P. nub.
Faro	6	6	0,0	Limpo
Sagres	4	4	0,0	Limpo
P. Delgada	11	11	0,0	Aguac.
Funchal	14	14	0,0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 11, Porto 11, Faro 13, Ponta Delgada 14, Funchal, 17.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

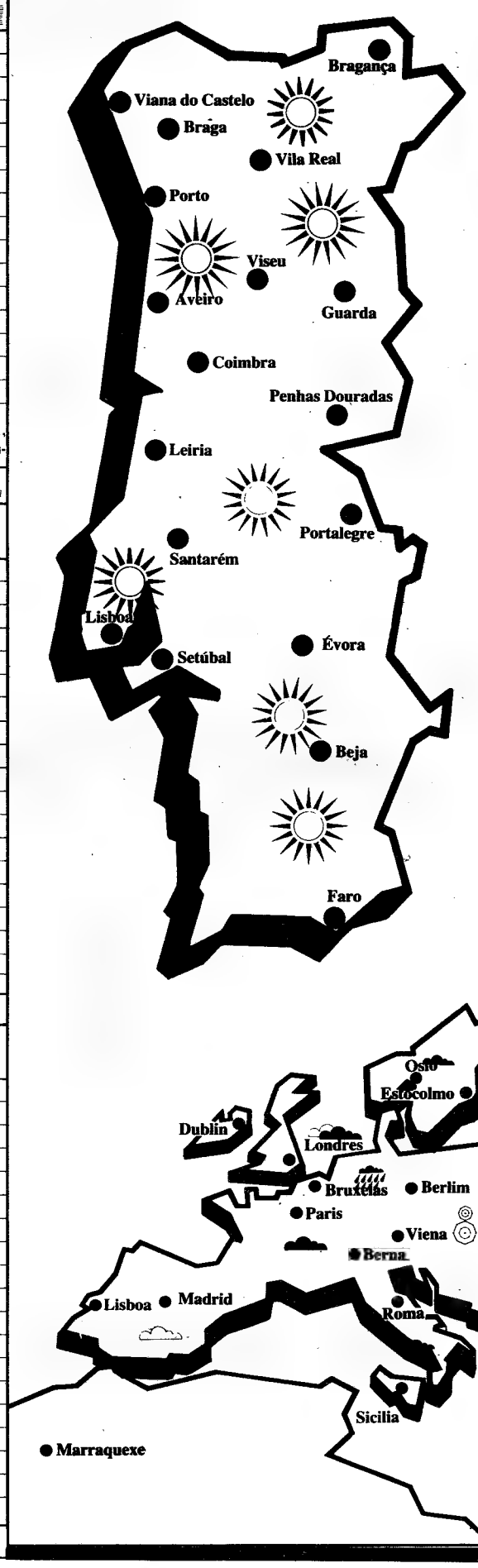
	Min.	Máx.	Às 18 h.
Madrid	1		Limpo
Londres	1	−1	Bruma
Paris	0	0	Neve
Bruxelas	1	0	Neve
Amesterdão	2	1	Chuvisco
Genebra	−1	−2	Bruma
Roma	3	2	Limpo
Oslo	−11	−14	Neve
Copenhaga	1	0	Encob.
Estocolmo	−4	−4	Neblina
Berlim	0	0	Neblina
Viena	0	−1	Neve
Varsóvia	0	0	M. nub.
Atenas	10	9	P. nub.
Moscovo	—	−5	Neve

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	16	25	Nublado
Joanesburgo	16	24	Nublado
Los Angeles	13	28	Nublado
Montreal	−8	−5	Nublado
Nova Deli	11	25	Nublado
Nova Iorque	−3	3	Nublado
R. de Janeiro	19	34	Limpo
S. Francisco	9	18	Chuva
São Paulo	19	31	Nublado
Tóquio	3	6	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Regiões do Norte — Céu pouco nublado temporariamente muito nublado em Trás-os-Montes com possibilidade de aguaceiros de neve. Vento moderado de nordeste, por vezes forte e descida da temperatura. Mar de pequena vaga a cavado e ondulação noroeste com 2 metros.

Regiões do Centro — Céu geralmente pouco nublado. Vento moderado, por vezes forte de nordeste e descida da temperatura.

Regiões do Sul — Céu geralmente pouco nublado. Vento de nordeste moderado,por vezes forte e descida da temperatura. Mar de pequena vaga a cavadocom ondulação noroeste de 2 metros na costa Ocidental e ondulação sueste também com 2 metros na costa Sul.

Nos Açores:

Grupo Ocidental, Central e Oriental — Céu geralmente pouco nublado. Vento muito fresco a forte de Leste. Pequena descida da temperatura.

Estado do Mar: Mar grosso. Ondulação de noroeste de quatro metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado, por vezes forte de nordeste. Possibilidade de aguaceiros, na vertente Norte. Descida da temperatura.

Estado do mar: Costa Norte: Mar de cavado. Ondulação de nordeste de três metros. *Costa Sul:* Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de sueste de um metro.

AMANHÃ

Céu pouco nublado temporariamente muito nublado com possibilidade de aguaceiros de neve nas terras altas.Vento moderado, por vezes forte, de nordeste e geada nos locais abrigados.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
		05.50	1,9 m
12.09	3,1 m	17.58	1,9 m

Amanhã

00.35	3,4 m	06.48	1,7 m
13.06	3,3 m	18.48	1,7 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

A gente passa por ali tantas vezes, no sobe e desce, no «bebe-se», às vezes, o «come-se» mais raramente. É uma área da cidade atingida pelas suas características de ponto de passagem, de embarque/desembarque, mas também um certo desprestígio que tem a ver com muitos outros factores. Um deles, com certeza, no que se refere a restaurantes e lugares de mesas postas em geral, é a falta de qualidade que se generalizou. O Cais do Sodré, propriamente dito, deste ponto de vista, oferece poucos ou nenhuns atractivos...

QUEM CAI(S) DO SODRÉ ABAIXO?

Rogério Vidigal

De um lado confluem as legiões diárias de viajantes (sub) urbanos que embarcam na linha de Cascais. Pelo Tejo desaguam na cidade, apressados, muitos milhares que viajam a partir de Cacilhas. Pela Rua do Alecrim sobe–se ao encontro da capital em direcção a um dos seus corações: o Chiado. Em todo o caso, estamos perante artérias, cais, locais de desencontro. Cais do Sodré, em suma.

Vão 20 anos e valia a pena uma descida pela antiga Rua do Conde, actual do Alecrim, com vista a um jantar no Porto de Abrigo. Não podemos esquecer que foi numa noite assim que pela primeira vez tivemos o prazer do encontro com José Saramago. E valeu a pena pelas duas razões.

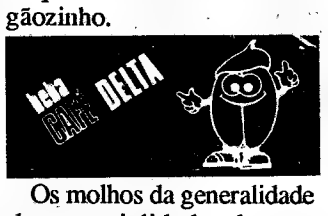
Para trás ficaram já, muito para trás, histórias de guerra relacionadas com antigos cafés/restaurantes, abrigo de espiões e local de encontro para muitos intelectuais, apenas pela diversão.

Próximo, sempre, nestes tempos que vivemos, a característica principal da zona: os seus bares, os marinheiros que vêm com as marés... «e vão com as marinheiras», como diz um amigo nosso.

Restaurantes nunca foram muitos, mesmo atendendo a algumas tascas nada pretenciosas. Em tempos não deslustrava uma visita ao restaurante Corpo Santo. Abriu depois um Porto Novo, mais travestido de cervejaria.

A pouco e pouco, mesmo contando o que abria aqui e acolá, o nível geral foi baixando. O Porto de Abrigo, temo–lo testado não de forma sistemática mas com desânimo cada vez maior. Por um lado, os empregados olham os clientes quase como intrusos. Frequentemente tentam impingir–lhes uma mesa nem sequer por razões plausíveis.

Mas a qualidade da comida, essa, foi descendo. As velhas «vieiras» caíram cada vez mais numa massa, por vezes bem temperada, mas que nada tem a ver com o bivalve que lhes deu o nome — para isso lá está o berbigãozinho.

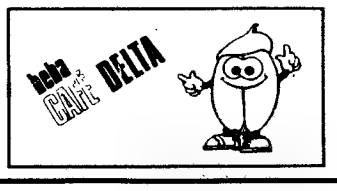


Os molhos da generalidade das especialidades da casa são cada vez mais apressados. Assim acontece com o polvo «amargarinado», com o coelho bravo, o antigamente consagrado «pato com molho de azeitonas». A açorda, cada vez menos tal. Desculpem. E os preços nem sequer são convidativos...

Continuemos o périplo, rápido, sem conflitos com uma população heterogénea e pouco exigente — daí talvez o facto de os restaurantes não se sentirem obrigados a grandes requintes. O tal Porto Novo, nunca teve mais pretensões do que as de um misto de restaurante e cervejaria. Mas os seus mariscos não envergonhavam. Hoje, mesmo os mariscos correspondem pouco, já, aos primeiros tempos de porta aberta. Apesar de algumas surpresas pela positiva, contraditadas por uma casa desagradável.

Mais à frente, já a caminho da Rua do Arsenal, um restaurante relativamente novo mas sem grande coisa de recomendável e sem nome (confessamos a dificuldade...) muito reconhecível — parece ser English Bar.

O tal Corpo Santo, degenerou e as nossas últimas experiências foram uma desilusão quase total. Parece



que passou por ali um vento desmoralizador: a sala do primeiro andar, que nem sequer era desagradável, é uma desolação.

Salva–se a Cervejaria Alemã, já a sair do Cais do Sodré, na rampa da Rua do Alecrim. Um bar recentemente instalado junto à estação dos barcos para Cacilhas é uma agressão pela sua arquitectura, um anacronismo quanto a funcionamento. Um paradoxo à beira do Tejo. Uma oportunidade perdida, como dizem os políticos a respeito do Governo de cada um dos outros.

Ora esta zona tem uma história.

Ramalho Ortigão, em «Praias de Portugal», escreve assim, embora não se referindo propriamente a restaurantes: «Se queres dar, leitor, o mais belo dos passeios permitido ao habitante de Lisboa, faze o que eu ontem fiz».

E, então, o escritor aconselhava a levantar cedo e a que o leitor fosse tomar o vapor ao Cais do Sodré, para um passeio no Tejo. Mas, antes do embarque, Ortigão recordava que «entramos no Café Grego e fazemo–nos servir uma chávena de leite ou chá preto».

Já ao largo, no rio, escreve ele: «Lá está o Grande Hotel Central, com a sua casa de banhos e o seu restaurante francês. Mais acima, a bandeira inglesa tremula na larga varanda do Bragance Hotel».

Por seu turno, João Paulo Freire «Mário», em «Minudências Lisboetas», escreve: «A Praça do Duque da Terceira é ainda, foi-o quando era o largo do Cais do Sodré, já o era quando se chamava dos Remolares, o poiso predilecto de marujos e marítimos, capitães e pilotos, descarregadores e caraeiros. Gente do mar».

O contraste está aqui feito com a actual população de passantes.

Bulhão Pato, nas «Memórias», tomo I, escreve que em 1883, as três casas de pasto principais na baixa lisboeta eram o Chapellier, na Rua do Ouro; o João da Mata, ao Cais do Sodré, e o

Simão, no Largo do Pelourinho.

Quanto ao Simão, elucida Bulhão Pato, era italiano, veio para Portugal como cozinheiro do marquês de Nisa e estabeleceu–se primeiro na Rua do Crucifixo. Transferiu–se, depois, para o Corpo Santo, «no primeiro andar do prédio que faz esquina para a Rua do Arsenal», «onde hoje está um alfaiate».

E, garante-o o conhecido gastrónomo, «esses jantares, a cruzado novo — 480 réis — eram magníficos! Simão, como homem de tacto, reunira à cozinha italiana a francesa e a portuguesa. A primeira parte do jantar era portuguesa; o soberbo e delicioso cozido. Depois, grande profusão de pratos, onde primavam os italianos. O vinho de pasto, branco e tinto, à descrição!».

Foi–se, foram–se, restam as experiências que vamos fazendo, levando–nos a lamentar que quem por aqui quiser comer se arrisque a cair do Sodré abaixo. E paga–se!

A RECEITA DA SEMANA

Patrocínio GALPgás
uma chama mais viva

Rins com molho "madeira"

Desculpem-nos um tom diferente e esta nota na receita desta semana. É que há coisas tão simples e afinal tão distantes! Só ninguém as faz porque não quer e está na mira do lucro e da facilidade...

Ingredientes: 750 gramas de rins; 50 gramas de banha; uma colher de farinha; mais 50 gramas de banha; dois decilitros de caldo de carne; um decilitro de vinho da Madeira; salsa picada; noz moscada; pimenta; quatro colheres de sopa de natas.

Confecção: preparam-se os rins, cortam-se em bocados pequenos, temperam-se com sal e pimenta e o que os rins pedem a cada um de nós. Aquecem-se os primeiros 50 gramas de banha numa frigideira e salteiam-se os bocadinhos de rins numa frigideira sobre lume forte, deixando-os caramelizar. Tiram-se os rins para um recipiente que se conservará quente e na frigideira deita-se a colher de sopa de farinha, deixando alourar um pouco. Acrescenta-se o resto da banha e o caldo de carne, para ferver 15 minutos. Quando o molho espessar, adiciona-se o vinho da Madeira, a salsa picada, a noz moscada e a pimenta. Introduzem-se os rins no molho assim preparado, deixa-se aquecer e, já fora do lume, quase a ir à mesa, juntam-se as quatro colheres de natas.

uma chama mais viva
GALPgás

A Madeira em Lisboa
Ilha da Madeira Center
• RESTAURANTE TÍPICO • BAR TÍPICO • BORDADOS COM SELO DE GARANTIA
• FOLCLORE • TODOS OS DIAS A GASTRONOMIA DA ILHA • TODOS OS MESES
O SORTEIO DE UMA VIAGEM PARA DUAS PESSOAS À ILHA DA MADEIRA
RESERVAS PELO TELEFONE 32 42 72
AVENIDA DA LIBERDADE, 38 — P. RUA DE S. JOSÉ, 35
CENTRO COMERCIAL LIBERSIL — LISBOA
DE: O MADEIRENSE

CRÍTICA

MARINHEIRO DE ÁGUA DOCE

Carlos Porto

O MARINHEIRO, **de Fernando Pessoa.** ENCENAÇÃO/CENOGRAFIA: **Fernando Costa.** Figurinos: **Isabel Barbiere.** Interpretação: **Odete Correia, Rosário Rocha, La Salette Álvaro. Grupo** Caixa de Pandora. **Casa do Infante/13-02-1988.**

Pois é: o Fernando Pessoa está aí. Já lá vão os 100. Pelos vistos, continuamos a não saber apoiar os nossos artistas quando vivos (e então é que era), e agora nem depois de mortos. Por isso: alguém sabe o que se vai passar em matéria de comemorações pessoanas? Oiço dizer que nem comissão há? Mas é possível — nem sequer uma comissãozinha?

Não sei se foi ou não comemorativo este espectáculo de um grupo portuense, o Caixa de Pândora, seja como for, trata-se de um espectáculo suficientemente interessante para passar por um texto que o uso tornou demasiado evidente, mas que tem, claro, a inconfundível e genial marca pessoana. Seria mesmo de discutir com o Álvaro de Campos sobre aquela tirada demagógica dos «mais ágeis e astutos que se sentem com sono e brutos», embora se deva reconhecer que às vezes apetece perguntar, como ele, por que estas «senhoras estão a falar ainda?»

Aproveitando a bela austera sala da Casa da Infante, o encenador e coreógrafo Fernando Costa prolongou a escada numa espécia de palco que evoca, como escreveu certeiramente Agostinho de Castro no «Comércio do Porto», um promontório que irrompe no mar.

Panejamentos brancos, harmonizados com os figurinos bem inventados por Isabel Barbieri, bonitas marcações geometrizadas, um trabalho vocal que revela por parte das três intérpretes uma limpidez, uma segurança a ter em conta, todos estes elementos contribuem para os resultados obtidos.

Pode dizer-se que a interpretação precisava de mais intensidade, que esta peça estática exigia uma outra dinâmica interior, permitindo um jogo cénico mais rico como demonstrou Luís Aguilar com o Teatro Laboratório de Faro («DL«/1-06-84).

Trata-se, no entanto, de um espectáculo limpo, bem organizado, com três intérpretes cuja carreira valerá a pena seguir.

É um espectáculo que não envergonha, longe disso, a teatrografia de Fernando Pessoa, que, certamente, vai multiplicar-se em 1988.

As sombras

Le Montreur, **de Andrée Chedid.** Encenação: **Daniel Beauron.** Interpretação: **Elisabeth Issio Ribeiro, João Pedro Aido, Cláudia Sousa Pereira, Albino Cunha, Gérard Sarrouy.** Vozes: **Anne Pradines, Daniel Beauron e Marie-Agnès Then.** Figurinos: **Marie-Agnès Then.** Marionetas: **GEF. Grupo** Atelier-Théâtre de L'Institut Franco-Portugais. **Estreia: Auditório Philippe Fridman/18-02-1988.**

Foi uma estreia em Portugal esta de Andrée Chedid, romancista, poetisa, dramaturga de língua francesa. Nasceu no Cairo em 1925, mas a sua família é de origem libanesa. Passou parte da sua juventude no Líbano mas vive em Paris desde o fim da guerra. Alguns dos seus romances foram adaptados ao cinema pelo conhecido realizador egípcio Yussef Chahine. É autora de três textos dramáticos, «Bérénice d'Egypte», «Nombre» e «Le Montreur».

Esta terceira peça foi agora revelada em francês pelo grupo L'Atelier-Théâtre de L'IEP que apresentara anteriormente uma encenação do «Ubu Roi», de Alfred Jarry (Junho/1987).

«Le Montreur» é a história de um marionetista, melhor, de um mostrador de sombras e de bonecos. Esta história, que lembra alguns textos dramáticos de Romeu Correia, no entanto, funciona como uma metáfora. O manipulador manipulado pode ver visto como Deus e as suas sombras, os seus bonecos, pobres criaturas humanas que andam pela terra a amar e a sofrer.

A peça vive muito da linguagem por vezes sumptuosa, de André Chedid, vive mais da palavra, por vezes em monólogos **off** aos quais Anne Marie Pradines emprestou a liquidez da sua voz, do que das suas razões dramáticas e dramatúrgicas que me pareceram insuficientes.

Trata-se, de resto, de um espectáculo de amadores que não o escondem, amadores que tratam cuidadosamente as palavras que lhes compete pronunciar, o que nem sempre acontece no nosso teatro no qual muitas vezes a palavra é um valor insuficientemente tratado.

Para resultar, este espectáculo precisaria de uma montagem mais imaginativa, mais próxima da poética do texto, ao qual não chega a corresponder. Apesar da procura das equivalências de expressão através das marionetas utilizadas.

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO

TENNESSEE WILLIAMS

bruscamente no Verão passado ...

«... um trabalho honesto, rigoroso, aprimorado em pormenor»
Fernando Midões — DP

Sub. SEC

Reservas pelo Telefone 87 56 26

Horário: Terça a Sábado às 21.30 h. • **Matinées:** Sábado e Domingo às 16.00 h.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
PRAÇA DE ESPANHA
T. 726 08 18

TERÇA A SÁBADO AS 21.30H
DOMINGOS SO AS 16 H

O DESTINO MORREU DE REPENTE!

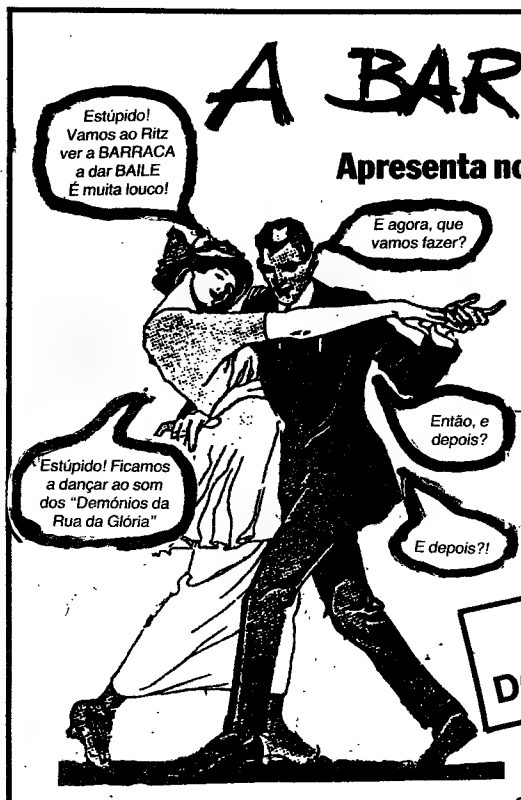
★ TEXTO - ALVES REDOL
★ MUSICA - CARLOS MENDES
★ ENCENAÇÃO JOÃO MOTA
★ COREOGRAFIA - CRISTINA GRAÇA

SOB S.E.C. M.12 A

ABEL NEVES · ABILIO APOLINARIO · ALFREDO BRISSOS · ALMENO GONÇALVES · CARLOS DELGADO · CARLOS PAULO · CECILIA SOUSA · CONCEIÇAO CABRITA · CUCHA CARVALHEIRO · JOAO MOTA · JORGE LOUREIRO · MANUELA COUTO · PAULO FERREIRA · QUIM F SILVA · VITOR SOARES E OS ALUNOS DA ESCOLA DE TEATRO DA COMUNA · ALEXANDRE LOPES
APOIOS · ANTONIO REDOL · F. GULBENKIAN · IBA · HONDA · SAMSUNG · TECNI · LASER · ANTENA 1 · RADIO COMERCIAL · CORREIO DA MANHÃ · DIARIO POPULAR · PUBLIPROJORNAL E OS HERDEIROS DE ALVES REDOL

A BARRACA

Apresenta no RITZ CLUB



Rua da Glória, 57
Reservas: Telf. 32 51 40

O BAILE

a partir da ideia de J.C. Penchenat e do filme de Ettore Scola

3.ª A SÁB. ÀS 21.30 H
DOMINGO ÀS 16 E 21.30 H

Com: Maria do Céu Guerra, Maria João Luís, Paula Sousa, Teresa Faria, António Cardoso, Luís Tomar, Vítor Torres
e
Leonor Alcácer, Margarida Barão, Marta Tereno, João Carneiro, José Oliveira, Miguel Rodrigues, Paulo Oom

Guião e encenação — Hélder Costa

A seguir ao espectáculo, dance durante a noite, com "Os Demónios da Rua da Glória"

AGARRE-SE Á ESTRADA
Veja o estado dos pneus

PRP
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3

PROFISSÃO DOMÉSTICO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

DEBAIXO D'OLHO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club

SÓ SE MORRE DUAS VEZES
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 1

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

SÓ SE MORRE DUAS VEZES
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

GENTE GIRA N.º 3
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 4

POLÍCIAS DA PESADA
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

ROMANCE NO RIO
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 6

DEBAIXO D'OLHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Ávila

— T. 539930

JOVENS AMIZADES
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Berna

— T. 776098

POTÊNCIA MÁXIMA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

— Cher e Dennis Quaid juntos no «triller» de Peter Yates «Sob Suspeita», em exibição no Quarteto.

Capitólio

— T. 372358

A JOGATANA SEXUAL
(Porno)
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e 23.00 h

Castil

T. 530194

POTÊNCIA MÁXIMA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cinebolso

SEXO EM FAMÍLIA
Porno
(Int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CONSULTÓRIO SEXUAL
(maiores 18 anos)
23.30 h

Cine Camões

T. 324194

AMIZADE INDESTRUTÍVEL
(n/acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

OFICIAL E CAVALHEIRO
(n/acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
HERÓIS E AMANTES
(n/acons. men. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Anusha

FORÇA DELTA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O SEGREDO DE UM SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00 e 21.45 h

City Cine

— T. 549999

GENTE GIRA – N.º 3
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Condes

— T. 322523

A COLINA DOS HERÓIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

GENTE GIRA 3
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

ISHTAR
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

PACTO FATAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Sala 2

TRINITÁ, COW-BOY INSOLENTE
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

GENTE GIRA N.º3
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

ENCONTROS IMEDIATOS DO 3.º GRAU
(n/acons. men. 13 anos)

Gemini

— T. 734009

A LEI DO REITOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

Sala 1

A BONECA MECÂNICA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

WALL STREET
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Império

— T. 555134

GENTE GIRA N.º 3
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 18.30, 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

A COLINA DOS HERÓIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.15, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

WALL STREET
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

WALL STREET
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.45 h

Sala 3

POTÊNCIA MÁXIMA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

AVENTURAS FORA DE HORAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

SLABE LADY – O DOMINADOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

EM DALAS VALE TUDO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe

— T. 821933

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(maiores 16 anos)
14.00 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

A PANTERA DOS SETE MARES
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

O DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h
Fantasporto/88
HELL RAISER
(maiores 16 anos)
00.45 h

Sala 2

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h
Fantasporto/88
CRITTERS
(maiores 16 anos)
00.45 h

Sala 3

AS ASAS DO DESEJO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Fantasporto/88
STEREO
(maiores 16 anos)
24.00 h

Sala 4

SOB SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Fantasporto/88
THE POINTSRAN
Leg. inglês
(maiores 16 anos)
24.00 h

Roma

T. 889192

A LEI DO REITOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

O PERFUME DO AMOR PROIBIDO
(maiores 16 anos)
15.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

BIGFOOT E OS SEUS AMIGOS
(maiores 6 anos)
14.30, 16.40, 19.00 e 21.45 h

Sala 3

O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
14.15, 17.45 e 21.00 h

7.ª Arte

— T. 730715

MICRO-HERÓI
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Star

— T. 804210

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

TAL PAI, TAL FILHO
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

PROFISSÃO: DOMÉSTICO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

A FORÇA DELTA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

A LEI DO REITOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «O Comando», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).
AMADORA — Cinestúdio Lido — «O Caça Polícias II», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
AMADORA — Babilónia — «Academia de Férias», às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.45 h (maiores de 16 anos)
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Romance no Rio», às 15.30 h (maiores 12 anos).
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Romance no Rio», às 15.00 e 21.30 h.
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «A Seita do Mal», às 15.30, 18.00 e 21.30 h (maiores 18 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Jardins de Pedra», às 18.15 e 21.15 h (maiores 12 anos).
ALGÉS — Cinema 2000 — «As Bruxas de Eastwick», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Robcoop — O Polícia do Futuro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Debaixo d'Olho», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Pacto Fatal», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «A Colina dos Heróis», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)
Sala 2 — «Wall Street», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «O Sicialiano», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Wall Street», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «O Último Imperador», às 15.30, 19.00, 21.45 e 24.00 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

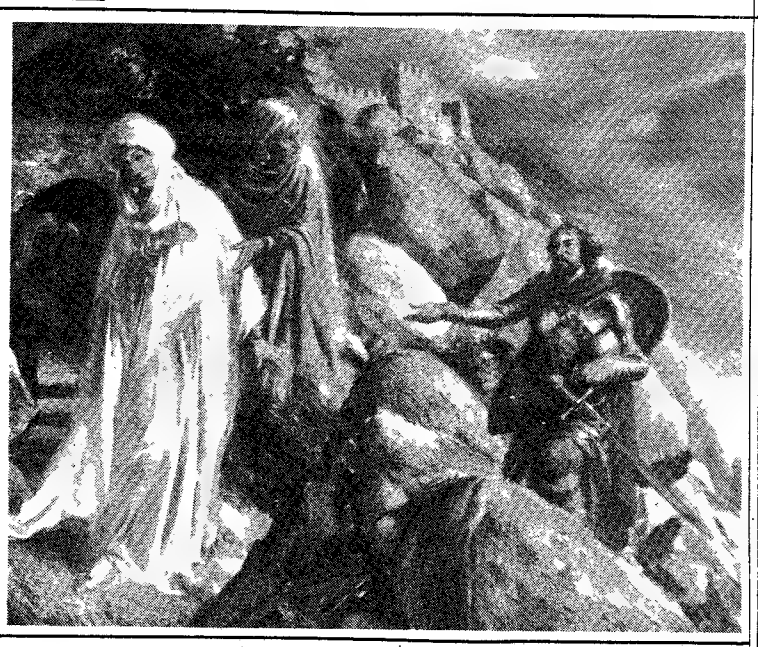
ALMADA — Academia — «O Último Instantâneo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
ALMADA — Cinestúdio Almada — «Depois da Meia-Noite», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
ALMADA — Incrível Almadense — «Cocoon, Aventura nos corais perdidos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Depois da Meia-Noite», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Pacto Fatal», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos).
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Grande Assalto», às 15.00 e 21.15 h (maiores 16 anos).

CARLOS ALBERTO SANTOS NO ESCORIAL

Na Sala de Arte do Restaurante Escorial (R. das Portas de Santo Antão, 47) encontra-se patente até ao próximo dia 29 uma exposição de pintura de Carlos Alberto Santos, um artista decididamente virado para os temas históricos.

Desde 1970 (Sociedade Nacional de Belas Artes) que Carlos Alberto Santos expõe individualmente e de então para cá as suas obras puderam ser apreciadas em quase três dezenas de locais, no país e no estrangeiro. Também em colectivas, e comemorações militares diversas, a arte de Carlos Alberto Santos ocupa sempre lugar de relevo.

Como escreveu Jaime Ferreira para o catálogo desta exposição do Escorial, «Agora que o século XX está quase a findar, Portugal possui um artista de temas históricos cujo nome está a afirmar-se. É o lisbonense Carlos Alberto Santos, que tendo andado muitos anos «perdido» na ilustração de revistas e livros, na literatura aos quadradinhos e nos populares cromos que entusiasmam a juventude coleccionadora, é o único que actualmente se debruça sobre a tela e o cavalete para, com a sua cultura e muito estudo, fazer quadros da História e da Lenda que nos obrigam a recordações belas das páginas pátrias (...) Em verdade, os quadros de Alberto Santos são obras vivas, palpitantes, parecendo que um sopro divino lhe deu seiva e sangue transformado em tintas».



EXPOSIÇÕES

GALERIA RISCO (R. Silva Magalhães-Tomar): até 4 de Março, uma exposição de Registos de Maria de Lurdes Sousa Correia.

GALERIA VIRAGEM (Cascais): até 17 de Março, das 15 às 19 horas, a exposição «Ver a Natureza», uma colectiva com trabalhos de 24 dos nossos artistas mais cotados. No dia da inauguração às 18,30 e nos dias 4, 5, 11 e 12 às 21,30, o espectáculo experimental do Grupo Mandrágora intitulado «Para Além do Horizonte».

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 15 de Abril, a exposição «Brinquedos Caboverdianos», brinquedos manufacturados pelas crianças de Cabo Verde em barro, madeira, arame e lata.

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 6 de Março, Tapeçarias de Helena Sá e Dulce Farinha.

MUSEU DE ARTE ANTIGA: exposição de Pintura «As Imagens da escrita» (Paineis de Nuno Gonçalves) de João Vieira.

MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira-Restelo): a exposição «Timor de Ruy Cinatti».

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): a exposição «Fernando Lanhas 1943-1988».

CENTRO UNESCO DO PORTO (R. José Falcão, 100): até 27 de Fevereiro, pintura de D´Anestis e fotografia de Verónica Pércia. De segunda a sexta das 10 às 12 e das 14,30 às 18,30, sábados das 15 às 18.

CASA DA CULTURA (Caldas da Rainha): até 28 de Fevereiro, a exposição «Lenços de Namorados» ou «Lenços de Pedidos», elaborada pela Casa Municipal de Vila Verde (Braga).

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 22 de Março, pintura de Domingos Rebelo, patente de segunda a sábado das 10 às 19.

GULBENKIAN (galeria de exposições temporárias-piso 0): Pintura de António Dacosta.

MERIDIEN LISBOA: até 6 de Março, aguarelas de Edgar Silva. Patente no foyer do 2º andar, diariamente das 9 às 23 horas.

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA (R. do Salitre, 146): exposição de desenhos de «personagens ilustres», da autoria de Tullio Pericoli.

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52): até 26 de Março, pintura de Ivo, patente de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19.

GALERIA EG (Porto): Pintura de Isabel Laginhas, João Anta e Paulo Cardoso.

CHAMUSCA (galeria municipal): até 28 de Fevereiro, patente das 14 às 18 horas, a 2ª exposição de trabalhos executados pelos estagiários do 1º Curso de Cerâmica Artística, promovido pelo Centro de Formação Profissional de Alverca em colaboração com a Câmara Municipal da Chamusca.

MATOSINHOS (Associação Aurora da Liberdade): exposição de pintura de Luisa Guerra até 4 de Março.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século): exposição colectiva dos artistas da galeria, patente até 5 de Março.

GULBENKIAN (exposições temporárias): a exposição «Projectio» da artista brasileira Regina Silveira.

MUSEU DE AVEIRO: organizada pela Fundação Gulbenkian, a exposição itinerante «Gravuras da Colecção Gulbenkian», até 6 de Março.

CASA-MUSEU ÁLVARO DE CAMPOS (Tavira): até 28 de Fevereiro, exposição de fotografias de Manuela Portelinha intitulada «À Margem».

GALERIA R 75 (R. Castilho, 75-C): até 4 de Março, Desenho de Albertina de Sousa.

CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA (L. Trindade Coelho, 21): Pintura de Carlos Canhão.

GALERIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO (Braga): até 9 de Março, duas exposições - fotografias de Manuel Magalhães e tapeçarias de Maria Antónia Santos.

ALMADA (átrio da Câmara Municipal): «A Cor que a Cidade tem», uma exposição de fotografias sobre diversos aspectos do quotidiano da cidade, da autoria de Nuno Avelar Pinheiro.

GULBENKIAN (galeria das exposições temporárias): duas exposições: «retrospectiva da obra artística e literária de Aureliano Lima» e «Escavações do aldeamento português em Ayutthaya - Tailândia».

GULBENKIAN (zona dos congressos, piso 01): exposição de pintura (óleos, guaches e carvões) comemorativa dos 150 anos do nascimento de Teresa de Saldanha. Paralelamente, realiza-se um ciclo de conferências.

GULBENKIAN (CAM): exposição de Gravura Brasileira.

CENTRO CULTURAL DE SANTARÉM: até 4 de Março, exposição de fotografia de Sérgio Eloy.

POUSADA DO CASTELO DE PALMELA: até 29 de Fevereito, pintura e desenho de João Orvalho.

PAREDE (R. Elias Garcia, 43): até 27 de Fevereiro, aguarelas de Augusto Grácio. De terça a sexta das 17,30 às 20, sábados e domingos das 15 às 20.

CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS (R. Castro Matoso, 18-Coimbra): até 29 de Fevereiro, as exposições: pintura de Avelino Sá «O Espaço da Matéria»; fotografias de Clara Azevedo «Deus, Pátria, Dollar»; «Pinturas» de Paulo Frade.

GALERIA ATELIER E.C. (Várzea de Colares): até 28 de Fevereiro, pintura de Elizabeth Brophy e Terry Brophy. Patente às quartas das 16 às 19, sextas, sábados, domingos e feriados das 11,30 às 21 horas.

GALERIA DO TEATRO MIRITA CASIMIRO (Monte Estoril): até 11 de Março, pintura da artista brasileira Cláudia Lima, organizada pela Embaixada do Brasil com o apoio da Câmara Municipal de Cascais.

GALERIA A JANELA VERDE (R. do Olival, 9): até 25 de Fevereiro, aguarelas de Catarina Castro Freire, João Ayres, John O´Connor e José de Freitas Cruz. De segunda a sexta das 14 às 20, excepto feriados.

INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 12 de Março, de segunda a sábado das 15 às 20, pinturas recentes de Joaquim Baltazar

CLUBE CINQUENTA (R. S. Mamede ao Caldas, 9-1º): atè 9 de Março, de terça a sexta das 17 às 20 e aos sábados das 15 às 20, patente uma exposição de pintura e desenho da autoria de José Augusto

CENTRO CULTURAL S. LOURENÇO (Almancil): até 18 de Março, pintura e desenhos de Ward Janssen. Em exposição permanente, trabalhos de Manuel Baptista, João Cutileiro, Günter Grass, José de Guimarães, Jules Heyndels, Jorge Mealha, Susan J.

RESTAURANTE ESCORIAL (sala de arte-R. das Portas de Santo Antão, 47): até 29 de Fevereiro, pintura de Carlos Alberto Santos.

GALERIA NASONI (R. Galeria de Paris, 80-Porto): Duas exposições de pintura patentes das 10 às 12,30 e das 15 às 19,30: de Domingos Pinho, «trabalhos recentes» e, na Sala Atlântica, de Julien Chaves.

MÓDULO (Av. da Boavista, 854-Porto): até 17 de Março, pintura de Manuel Botelho patente de segunda a sábado das 16 às 20 horas.

GALERIA DA LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 19 de Março, pintura de Vieira Baptista com o título «O Trapo Vermelho». De segunda a sábado das 12 às 23 horas.

GALERIA DE ARTE CAPITEL (Leiria): até 29 de Fevereiro, exposição de Pintura do casal brasileiro Maria Alcina e Jomalveira. De segunda a sábado das 10 às 13 e das 15 às 19, domingo dia 21 das 16 às 19.

MÚSICA

MUSEU JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): hoje às 18 horas, recital de piano por Tania Achot. Colaboração do Instituto Português do Património Cultural e da Fundação Gulbenkian.

TEATRO S. LUÍS: às 17 horas de amanhã, domingo, prosseguem os enontros musicais Nestlé com o Trio Da VInci a interpretar obras de Mozart, Beethoven e Brahms.

PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ: domingo dia 28 às 17,30, na Sala do Trono, o 4º concerto do ciclo «Romantismo e Pós-Romantismo na Música para Cordas», pela Orquestra de Câmara La Folia sob a direcção do mestro Miguel Graça Moura.

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra): às 16 horas recital de piano por Ney Salgado, interpretando Ravel, Villa-Lobos, Cláudio Santoro e Franz Lizt.

LIVROS

LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): hoje às 17,30, uma sessão-debate sobre a obra «A Colina de Cristal» do escritor Baptista-Bastos, com a presença do autor e de David Mourão-Ferreira.

TEATRO

CALDAS DA RAINHA (Casa da Cultura): domingo 28, às 21,30, o espectáculo teatral «Deus os Fez... Deus os Juntou», baseado em quatro divertidos contos de Anton Tchékov. Com Mário Viegas, Manuela de Freitas, Juvenal Garcês e Adélia Loureiro. Encenação de Mário Viegas e direcção técnica de Francisco Grave

CINEMA

FORUM PICOAS: às 19 e 22 horas, «Encontros Imediatos do Terceiro Grau» de Steven Spielberg.

CINEMATECA PORTUGUESA: às 15,30 Ciclo Artes Plásticas Através do Cinema; às 18,30 Ciclo Souleyman Cissé com «O Vento»/1982; às 21,30, no âmbito do ciclo anterior, o filme «Luz»/ 1985-7.

ESPECTACULAR

Andei, andei até que fiz alto na Rádio Comercial onde se falava de baptismo. Era uma senhora, de linguagem fácil e pensamento fluente. Talvez até fluente de mais. Não tenho nada contra os programas religiosos, sejam eles católicos, luteranos, baptistas, etc., etc. Falem. Desabafem. Proselitizem. Ou há moralidade... Mas ao menos que o façam com um mínimo de inteligência e de bom senso. Caso contrário, trazem prejuízo às ideias que querem defender. Quando se fala no baptismo, não se pode dizer que os pais têm o direito de o impor aos filhos como lhe impõem, por exemplo, uma nacionalidade e uma condição social. Não se pode deixar de legitimá-lo quanto mais não seja para satisfazer os avós, os tios e os amigos que desse modo se sentirão mais felizes... Só abusando da ingenuidade intelectual do ouvinte se pode dizer na mesma altura que «o amor de Deus é infinito e eterno»; que Deus não obiga ninguém a ir ter com Ele; e que «Deus deixa bem claro para quem o quiser entender que sem Ele ou contra Ele», estamos entreg à bicharada. Mais: «Deus previne que quem não crer na su obra de salvação em Cristo, esse será condenado». Não. Palestras deste jaez n contribuem para um diálogo proveitoso. Aí estará uma coisa de que Deus, com certeza, não gostará nada.

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE (Sábado) — AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **BAIXA: Americana**, C. de Santana, 1-3 (T. 863984); **CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL: Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Veral**, R. Morais Soares, 109-111 (T. 821732); **ESCOLA POLITÉCNICA - SÃO BENTO: São Marçal**, R. de São Marçal, 100-102 (T. 325318); **ESTADOS UNIDOS - À CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39: Celta**, R. Moura Girão. 3-B (T. 890621); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **MADRE DE DEUS: Romana**, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **PRAZERES: União**, R. Saraiva de Carvalho, 145-F (T. 663643); **REGO: Prates e Mota**, R. da Beneficência, 91-93 (T. 773728); **SALDANHA: Avenidas**, Av. da República, 27-A (T. 533688); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Santo António**, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

PERMANENTE (Domingo) — ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA - BAIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel**, P. Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA: Oliveira**, R. da Prata, 240 (T. 878415); **BELÉM - ALTINHO: Gomes, Sucursal**, R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, 5-A (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890); **LAPA: Central da Lapa**, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro**, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **MADRE DE DEUS: Madre de Deus**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres**, Av. Luís Bivar, 69-71 (T. 547213); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

Outra Banda — ALMADA: Pragal, R. Dt.ª Pragal, 58 (T. 2767126). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Vale de Milhaços. Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, R. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243729). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9-A (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; **Mira**, P. Jorge Afonso (T. 20427). Permanente; **Oliveira**, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 2191697). Permanente; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Até às 22 horas; **Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T. 4744161). Permanente; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950905). Permanente; **Albergaria**, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 926194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2519670). Permanente.

Porto — DE DIA E TODA A NOITE — FERREIRA, P. D. Afonso V, 55-B, à Marechal Gomes da Costa; **AMEAL**, R. do Ameal, 1227; **DA CRUZ**, R. Costa Cabral, 1082, ao Conde Ferreira; **SÃO LÁZARO**, Av. Rodrigues de Freitas, 297; **PARENTE**, R. das Flores, 114.

Coimbra — BARROS, Eiras (T. 31643); **ADRIANA**, P. da República, 20-22 (T. 23609).

DL CINEMA

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Laura Alves

R. da Palma, 253 — Tel. 86 47 56

De 3.ª a domingo, às 21.30; sábado, domingo e feriados, às 16.00 e 21.30; sábado, domingo e véspera de feriado, às 21.30 e 23.30.

«O NOSSO AMOR É LISBOA», de Paco Gonzalez. Interpretação de Paco Gonzalez, Mário Rainho, Ermelinda Lopes, entre outros. Atracção do fado, Maria Portugal.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00

«CHEIRA A LISBOA», de César de Oliveira, Henrique Santana e Gonçalve Preto. Música de Ferrer Trindade, Jorge Machado e Casal Ribeiro. Interpretação de Carlos Miguel, Natalina José e Joel Branco, entre outros.

Casa da Comédia

R. S. Francisco Borba, 22-24 — Tel. 60 72 99 / 67 74 81

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«NOITES DE ANTO», de Mário Cláudio. Música de João Paulo Soares. Um espectáculo de Filipe la Féria.

Ritz Clube

R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40

de 3.ª a domingo, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30

«O BAILE». Pelo Grupo de Teatro «A Barraca». Encenação de Hélder Costa, Interpretação de Maria do Céu Guerra, Maria João Luís, Paula de Sousa, Maria Teresa Faria, Leonor Alcácer, Marta Tereno, Margarida Barão, João Maria Pinto, António Cardoso, Luís Tomar, Vítor Torres, Paulo Oom e Miguel Rodrigues.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Às 20.30 e 23.00

«FESTA NO PARQUE», texto e melodias de José Viana. Intérpretes: Dulce Guimarães, Camacho Costa Carlos Areia, Dora Leal e José Viana e ainda a cantora de jazz Maria Viana.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

Sáb. e Dom. às 11 horas

«O Leão Encantado», de Lauro Olmo. Trad., e cenários de Blanco Gil.

Fig. de António Filipe.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«O DESTINO MORREU DE REPENTE», de Alves Redol. Adaptação, dramaturgia e encenação: João Mota. Música: Carlos Mendes. Figurinos: Carlos Paulo. Coreografia: Cristina Graça. Ilusion.: José Vilhena. Intérpretes: Abel Neves, Almeno Gonçalves, Alfredo Brisso, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Cucha Carvalheiro e João Mota, etc.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Sala Garrett

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00

«O BICHO» e **«O TEMPO FEMININO»** da **«TRILOGIA PORTUGUESA»**, de Miguel Rovisco. Encenação de Norberto Barroca. Interpretação de Rogério Paulo, Igor Sampaio, Irene Isidro, António Anjos, Luís Bandeira, Ruy de Matos, Madalena Braga, João de Carvalho, Carlos Pimenta, Fernanda Alves,

Sala Gil Vicente

De terça a sábado, às 22.00; domingos, às 16.30

«TRILOGIA PORTUGUESA (III)», de Miguel Rovisco. Encenação: Norberto Barroca. Cenários e figurinos: José Costa Reis. Música: Paulino Garcia.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo, ao Cruzeiro — Tel. 287 03 20

De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«O BALCÃO», de Jean Genet. Pelo **Teatro Experimental de Cascais**. Encenação: Carlos Avilez.

Teatro da Cantina Velha

Cidade universitária, junto à reitoria

De 3.ª a Sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30

«A ESPUMA DOS DIAS», de Boris Vian. Pelo Ibis — Teatro Universitário. Encenação de Paulo Filipe. Interpretação de Alberto Gomes, Élio Correia, Isabel Carlos, Jorge Ferraz, Mário Carneiro e Sílvia Brito.

Teatro da Graça

Trav.ª de S. Vicente, 11 Tel. 875626

De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«BRUSCAMENTE NO VERÃO PASSADO», de Tennessee Williams. Pelo **Teatro Hoje**. Tradução: Manuel João Gomes, Encenação: Carlos Fernando. Cenários: Dalton Salem Asseff. Música: Sei Miguel.

Vasco Santana

Av. da República, na Feira Popular — Tel. 76 86 09

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«AS DUAS CARTAS», de Júlio Diniz. Pela Companhia Teatro Estúdio de Lisboa. Encenação de Luzia Maria Martins. Interpretação de Manue l Mendonça, Carlos Vieira, Helena Félix, Luísa Ortigoso Maria Dulce, António Machado, Vera Azevedo, Carlos Santos e José Brás.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

6.ªs, ás 21.30; sábados, às 16.00 e 21.30; domingos, às 16.00

M**«A DAMA DO MAXIM'S»**, de George Feydeau. Encenação de João Lourenço. Com: Irene Cruz, Canto e Castro, Fernanda Montemor e Joaquim Rosa.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 2 25 50

De 3.ª a 5.ª, às 21.30; 6.ª e sábado, às 20.30; domingo, às 16.00 e 21.30

Preço: de 250$00 a 1200$00

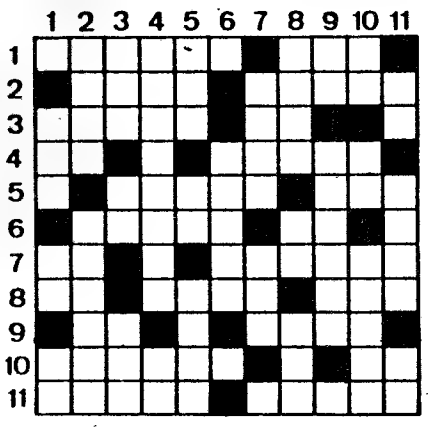
«TOMA LÁ REVISTA», de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Delfina Cruz, Carlos Cunha, Marina Mota, Fernando Mendes e Leonor Edwiges.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17269

HORIZONTAIS:

1 Aquele que trabalha em louça de barro. Pronome relativo.
2 Elevação da voz ou do tom. Tocas.
3 Amuletos. Interjeição brasileira.
4 Carta de jogar. Patrona da ilha de Malta.
5 Unidade principal das medidas de comprimento. Artéria.
6 Saltar. Cálcio (s.q).
7 Interjeição que exprime admiração. Arreda!
8 Manganês (s.q). Serra de Portugal. Tanto.
9 Idem. Zunam.
10 Acudo. Platina (s.q).
11 Alcorão. Irmão de Moisés.



VERTICAIS:

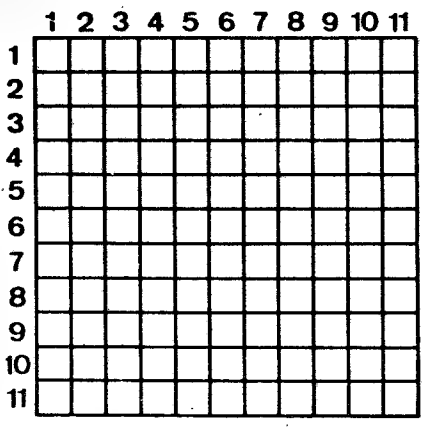
1 Executa. Artigo indefinido. Antes de Cristo.
2 O mesmo que penol. Vaso de noite.
3 Unidade de trabalho. Mulo. Mágoa.
4 Diz-se dos monstros duplos em que cada indivíduo está completamente desenvolvido e possui todos os órgãos necessários à vida. Batráquio
5 Rente. O mesmo que até. Líquido que se separa do leite e do sangue depois de coagulados.
6 Cidade de França.
7 Sem tardança (Bras). Executa. Artigo definido.
8 Espécie de inambu. Aqui. Agora.
9 Pátria de Abraão. Velhaco (pop).
10 Duas vogais desiguais. Ouro (s.q). Prensa de penteeiro.
11 Pronome reflexo. Grande cão de fila. Porco.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 094

HORIZONTAIS:

1 Folha de videira. Mercado.
2 Governantas. Senhoras.
3 Bigorna de aço sem hastes. Espinho. Agarrei.
4 Clima. Suporto. Alumínio (s.q).
5 Grande sábio. Gruta.
6 Base aérea portuguesa. Quinhentos e um em romano.
7 Mulheres. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.
8 Estavas. Bolsa.
9 Raer. Fluido aeriforme. Em as.
10 Xaile das mulheres índias e persas.
11 Género de batráquios cujo tipo é o sapo-parteiro. Esmonca.



VERTICAIS:

1 Pés de animais. Corta com serra.
2 Estimara. Medida de superfície.
3 Chefe etíope. Flutuarei.
4 Reis. Bebedeiras.
5 Frentes. Cidade do Sudão Francês, na margem do Níger.
6 Transpira. Bário (s.q).
7 Estima.
8 Reis. Vagas. Abreviatura de Santíssimo.
9 Arara. Líquido aquoso que contém poucos princípios medicamentosos e que serve de bebida aos doentes (pl).
10 Unir pelo casamento. Aquele que foi vítima da sua própria ambição. Pessoa muito parecida com outra.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17268**

HORIZONTAIS:

1 CORAÇÃO. Dar.
2 Arica. Anata.
3 Pã. Osa. Amem.
4 Fr. Oaio.
5 Amargar.
6 Abé. Lumiar.
7 Fi. NB. Man.
8 Rastejaras.
9 Ásia. Irene.
10 Arma. Cela.
11 Oiras. Se. Ou.

VERTICAIS:

1 Capsa. FRACO.
2 Ora. Maias.
3 Ri. FAB. Siar.
4 Acorrentara.
5 Cãs. Be. MS.
6 Atol. Jiá.
7 Ao. Rumar.
8 NÃO. MERECE.
9 DAMA. Inane.
10 Ateima. Selo.
11 Ramo. Rh. Au.

PROVÉRBIO: Coração fraco não merece dama.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 093**

HORIZONTAIS:

1 Mãos. Tias.
2 Arroz. Peixe.
3 Ma. Aa. Rm. Im.
4 Amor. Lê.
5 Med. Mia. Saa.
6 Sigo. Cair.
7 Ordeiro.
8 Am. Aoros. Vê.
9 Liam. Irar.
10 Sacas. Anosa.
11 Asara. Calos.

VERTICAIS:

1 Mamam. Valsa.
2 Arames. Mias.
3 Or. Ódio. Aca.
4 Soar. Gramar.
5 Za. Modo. Sá.
6 Bi. Era.
7 Pr. Acio. AC.
8 Teme. Arsina.
9 Il. Sio. Rol.
10 Axilar. Vaso.
11 Sêmea. Beras.

Rádio

Antena Um
16.00: Vivósábado; **19.00**: Actual; **20.00**: Sábado suave; **23.00**: Música portuguesa; **23.30**: Tempo de teatro. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo
15.40: Música portuguesa; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Uma hora, com Henry Purcell; **18.00**: Momento de sonata; **18.40**: Música de câmara; **19.30**: Música sinfónica; **20.13**: «Fantasia Elegíaca», de Fernando Sor; **20.40**: Obras, para piano, de Domenico Scarlatti; **21.00**: Ângulos e reflexos; **22.00**: Música e músicos portugueses; **22.30**: Música vocal e instrumental; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.50**: Concerto nocturno; **01.50**: Último andamento; **02.05**: Disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)
15.00: Fim-de-semana; **19.00**: Quando o telefone toca; **20.00**: Genérico; **21.00**: Fim-de-semana; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Música portuguesa; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)
16.00: Lança-chamas; **18.00**: Top do TNT; **19.00**: Música da América; **20.00**: Luso-clube; **22.00**: Regresso ao futuro; **00.00**: Um toque de classe; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM
14.00: Frente desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: A hora dos clássicos; **20.00**: Amanhã é domingo; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Vozes na música; **22.00**: Encontros; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo
14.00: Fábrica de música; **17.00**: Três peças; **19.00**: Colar de pérolas; **21.00**: Agenda rock; **22.00**: Os amigos de Alex; **23.58**: Boa noite à vida.

Voz do Alentejo
15.00: Largo da Sé; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Especial.

Voz do Alto Tâmega
12.00: Varandas transmontanas; **19.00**: Sintonia vesperal.

Voz do Minho
15.00: Tarde desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Pedras vivas.

Voz de Lisboa
15.00: Clube fim-de-semana; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sombra/sol; **19.00**: Bric-à-brac; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Certo, nas horas incertas.

Voz do Porto
14.00: Frente desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Discos pedidos; **20.00**: Porto franco; **21.00**: Mercado da Ribeira.

SÁBADO TELEVISÃO

RTP

14.00 - Parlamento
14.30 - Sobe e Desce
15.40 - Sessão da Tarde
«Amor em Terra Estranha»

17.25 - Desenhos Animados
«Os Filhos da Pantera Cor de Rosa

17.45 - Quem Cala Consente
4º Programa

18.10 - Vivamúsica
19.05 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.00 - Boletim Meteorológico
21.20 - Cobardias
6º Episódio: Acontece que Vicente de Sá Gaspar — o filho de Afonso e da «outra» — é ambicioso. Já conhece Pomme; sabe pelo pai qual a situação dos negócios da família Aguilar, mas deseja mais: deseja conhecer a mulher que embora indirectamente, desgraçou (?) a vida do seu pai. Talvez através de Francisca ele consiga um bom emprego...

22.20 - Espectáculo
«Ibiza/92»: Imagine-se o mais exótico e executivo enquadramento ao ar livre, mais uma noite de Verão numa ilha paradisíaca do Mediterrâneo, e um concero de «pop» e de «rock».

23.25 - Cinema da Meia-Noite
«Exorcista II - O Herege»: O Padre Philip Lamont enfreta uma missão delicada, capaz de desafiar a sua prórpia fé: investigar o caso do Padre Nerrin que morreu ao exorcitar o demónio Pazuzu do corpo da jovem Regan MacNeil. Regan é agora uma adolescente aparentemente normal, embora continue a ser observada por um psiquiatra, a drª Gene Tuskin. Numa sessão de hipnose a que Lamont assiste algo vem, no entanto, perturbar as certezas que todos pareciam partilhar: Regan é vilentemente assombrada por uma visão inesperada do seu próprio exorcismo.
Interpretação: Linda Fletcher, Richard Burton, Louise Fletcher, Max Von Sydow, Kitty Winn, Paul Henreid.
Realização: John Boorman

RTP 2

15.35 - Desenhos Animados
«Godzila»

16.00 - Troféu
20.00 - Som da Surpresa
Transmissão do video de um concerto do «Sexteto de Chick Corea», realizado na Califórnia, em 1980. Primeira apresentação das rubrica «Melhores Discos de Jazz» de 1987.

«Exorcista II - O Herege» em Cinema da Meia Noite, no 1º canal às 23.25

21.00 - Uma Boa Ideia
2º Programa

21.25 - Futebol

Amanhã o último Programa de «Eu Show Nico no 1º canal às 20.40

23.15 - Concordo... Ou Talvez Não
Tema: A Droga

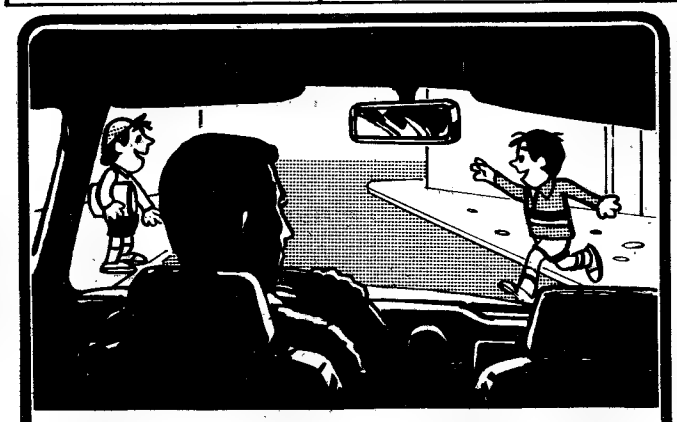
AMANHÃ

RTP-1

09.01 - Juventude e Família
11.15 - Eucaristia Dominical
12.05 - 70 X 7
12.30 - TV Rural
13.00 - Jornal de Domingo
13.10 - Pequenas e Médias Empresas
13.40 - Casa de Irene
14.00 - A Sombra do Monte Fuji
15.05 - Primeira Matinée
«Casamento Real»
16.50 - Clube Amigos Disney
19.05 - Um Anjo na Terra
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - Boletim Meteorologico
20.40 - Eu Show Nico
21.30 - Pais e Filhos
22.45 - Domingo Desportivo

RTP-2

09.01 - Music Box
10.00 - Troféu
12.30 - A Infância antes dos 5 Anos
13.00 - Music Box Especial
14.00 - Caminhos
14.25 - Novos Horizontes
15.00 - Troféu
17.00 - A Cura em Causa
17.55 - 5ª Dimensão
18.50 - Piano Bar
20.00 - Quem Sai aos Seus...
20.30 - Artes e Letras
21.20 - Cine-Clube
«A Mulher Fantiche»



AOS CONDUTORES

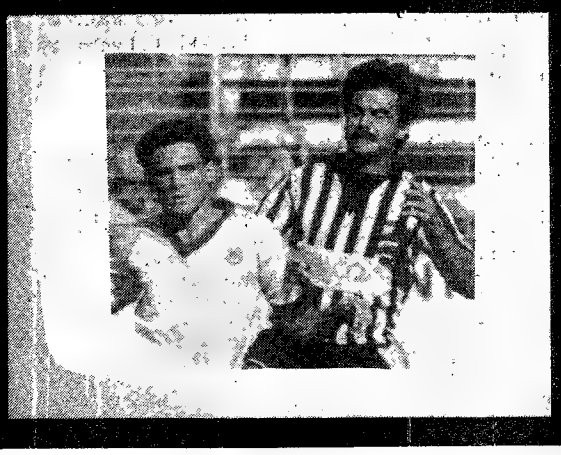
"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1
21.05 - Cobardias

RTP 2
22.25 - Concordo ou Talvez Não



GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/ 5 — 32 02 71/ 2/ 3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/ 2/ 3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

Um «Bocing 727» com 15 tripulantes a bordo, propriedade da companhia aérea «Talya», com sede em Istambul, despenhou-se hoje numa região montanhosa do norte de Chipre, anunciou a polícia. O avião, que não transportava passageiros, embateu contra uma zona de picos da montanha, situada 30 quilómetros a leste do porto de Kyrenia, na república secessionista turca do norte do Chipre. As autoridades indicaram que as equipas de socorro estavam a acorrer ao local do acidente, nas proximidades do pico de Bufavento, situado a 950 metros de altitude.

NO SEIO DA MODERNIDADE

DALILA,

MANEQUIM

«**Muito profissional**», diz-se de Dalila. Como manequim, profissão que desempenhou, com brio, durante onze anos, disputavam-na. As roupas no seu corpo esguio adquiriam, fosse qual fosse o autor, uma refinada elegância. Fora da «passerelle» mantém a postura hirta, costas direitas, cabeça erguida, pisando o solo como uma rainha.

«Já em casa, quando me punha descontraída me corrigiam a posição». O em casa, nessa altura, era **Sá da Bandeira,** onde nasceu e viveu até 10 de Outubro de 1973, dia da sua chegada a Lisboa. Pela primeira vez no «continente», lembra-se que passou «um frio de morrer». Mas sobreviveu: ao clima e ao «Out of Africa».

Dalila Martins, 36 anos, vinha com o bacharelato em Filologia Românica, ingressando na Faculdade de Letras, para concluir a licenciatura. Alojou-se num lar de freiras, o que não a impediu de se envolver nos movimentos estudantis que contestavam o regime. A sua simpatia, em termos políticos, ia para os trotskistas. «Os que tinham coragem de se manifestar eram de extrema esquerda que, na universidade, se converteu quase em moda.

«Depois do 25 de Abril, como já não havia necessidade de lutar acalmei...»

De lado os activismos, dispôs-se a intervir na ocasião das presidenciais a favor de Lourdes Pintasilgo e, mais tarde, de Mário Soares.

Voltemos ao tempo de África, terra eleita pelo pai que foi para lá muito jovem, «meteu-se na política, o que lhe trouxe problemas profissionais, recordo-me da minha mãe dizer... o Armando nunca mais toma juízo». Apoiante de **Humberto Delgado,** atrevimento intolerável, e muito menos a um chefe de secretaria do Liceu Diogo Cão. Arredado de Portugal, voltou ao território na data do casamento da filha. «Isto não é terra para se viver», a nostalgia de África fê-lo partir rapidamente, sem imaginar o fim trágico que ali o esperava. Acabou assassinado pelos inimigos do MPLA, provavelmente pelos homens de Savimbi ou de Daniel Chipenda. Dalila não adianta muito sobre esta morte, é assunto doloroso.

Fala-me, no entanto, da infância, do liceu, onde era aluna de **quadro de honra,** das incursões ao mato, das caçadas, dos magníficos declínios dos dias, do silêncio na selva, dos animais selvagens que iam beber ao lusco-fusco. «Uma sensação inesquecível, esses fins-de-semana com o meu pai em plena natureza». Das memórias de Dalila sobressaem ainda as reuniões em casa dos amigos da família, círculo restrito, espécie de saraus culturais que para uma adolescente resultavam «numa tremenda seca». Os ecos da guerra esbatiam-se na aparente calma de Sá da Bandeira, embora algumas pessoas, caso do pai de Dalila, escutassem secretamente a BBC e as rádios Moscovo e Brazaville. «Um dia, na escola, a professora perguntou-nos que emissoras ouvíamos e eu, ingenuamente, contei a verdade.»

Menina prendada aprendia a bordar, a fazer «crochet» e culinária, dotes que hoje considera de grande conveniência: «vou ensinar os meus filhos, dois rapazes, a coser baínhas, a pregar botões, a cozinhar, de modo a serem independentes». Até aos 21 anos, foi profundamente católica, comungava todos os domingos, «lá, as igrejas enchiam-se e rezava-se diariamente o terço». «Depois sobrevieram as dúvidas, «tudo me parecia um papaguear», época em que se interrogava sobre o significado da vida, resolveu estudar as religiões. «De todas as religiões, a que mais me fascinava era o budismo». Então aderiu à macrobiótica, levando aquilo tão à risca que, numas férias, convenceu a cozinheira de um pequeno hotel a confeccionar-lhe receitas especiais. Mas, apercebendo-se do fanatismo em que caíra, de um momento para o outro, cortou radicalmente com esse limite à sua liberdade.

Crises existenciais? «De vez em quando sinto-me angustiada sem perceber porquê, não penso no futuro, vivo o imediato ainda que de um modo consequente. Há uma estrela que me guia, as coisas surgem-me sem que eu as deseje... é como o fluxo de um rio. Com enxorradas ou caudal fraco de água, será sempre o mesmo rio. Convencida de que a felicidade se encontra nas coisas simples, navega no remanso de uma felicidade possível, «sou feliz à minha maneira, estou bem na minha pele e gosto de viver, encaro a vida pelo lado mais positivo». Um cintilante brilho fica a pairar, por segundos nos seus olhos castanhos, confirmando a carga de optimismo que a inunda.

Porquê a profissão de manequim? Por acaso, jamais acalentara tal projecto. Para se libertar dos quilos a mais, após a maternidade, matriculou-se num curso em que se destacou com altos louvores. «Verifiquei que ganhava o dobro do ordenado de professora e pronto, profissionalizei-me.» Assim mesmo, sem especulações nem teorias de ordem vocacional. Antes, porém, trabalhara, como recepcionista, no Ministério do Ultramar, emprego arranjado pelas freiras do lar, e mais tarde, após o 25 de Abril, no gabinete do socialista **Almeida Santos.** Enquanto manequim, não obstante defender que «o mal mora em nós próprios e não nos outros», viu-se rodeada de um clima de inveja. «Afectou-me, não nego, por outro lado não liguei grande importância porque a inveja não vinha das colegas que eu achava óptimas profissionalmente.»

Dalila Martins pôs ponto final na carreira, só em situações excepcionais se propõe participar, «com a Manuela Gonçalves ou algum estilista novo que aprecie». Agora, é a encarregada das Relações Públicas da «**Parfois**», de cuja imagem de marca, ela cuida com tacto e talento. «Para mim um manequim, para além das medidas regulamentares, deve ser inteligente e culto, capaz de transmitir uma mensagem. E, sobretudo, não se armar em vedeta porque isso destrói qualquer pessoa. A beleza está na afirmação da personalidade, na força interior, as feições mais ou menos correctas não importam.»

Beleza como a de **Sam Sheppard,** um dos seus escritores e actores preferidos, ou como a de **Jessica Lange,** que excluindo o físico possuem algo de sedutor. «Impressiona-me o fraccionamento da realidade na escrita de Sam Sheppard. Eu funciono muito por curtos-circuitos no pensamento, depois retomo os fios e reconstruo.» Ainda sobre a beleza sublinha que nunca se achou uma beldade, tendo recusado, em Angola, o convite para participar num concurso de misses, «não critico, mas não tem nada a ver comigo». Feminista? «Não exactamente, embora julgue que as mulheres são mais sensíveis e complicam menos as coisas. Bem... os homens vão ficar furiosos.» Liberdade? «Um casal, na relação a dois, não deve partilhar a mesma estrada, deve caminhar por estradas paralelas. Daí que me paareça adequada a palavra companheiro. Um companheiro de viagem.»

Dalila, um metro e setenta e três de mulher - mulher. De gente.

Lourdes Féria

Morreu Memphs Slim

O cantor e pianista norte-americano de blues Memphis Slim morreu aos 72 anos no Hospital Necker, de Paris, na quarta-feira, anunciou ontem a sua família.

Não foi revelada a causa da morte de Memphis Slim, de seu verdadeiro nome Peter Chatman, nascido a 3 de Setembro de 1915 em Memphis, Tenessee, e exilado na Europa desde 1961. Slim deixa viúva e uma filha, Nathalie.

O autor de «Every Day I Have the Blues», popularizado pela orquestra de Count Basie, será sepultado na próxima semana na sua terra natal depois de uma vigília aberta ao público no Hospital Necker, na segunda-feira, disse a família.

Foi baptizado Memphis Slim pelo produtor Lester Melrose, quando se mudou em 1937 para Chicago, depois de actuar nos bares e clubes de dança do Sul dos Estados Unidos.

Entre 1944-45 dirigiu The House Rockers, uma banda de blues, e em 1959 formou uma dupla com Willie Dixon, baixo, que obteve grande êxito no festival de Newport e atravessou o Atlântico para se exibir na Europa.

A partir de 1961, Memphis Slim fixou-se na Europa, principalmente em Paris, onde actuava com frequência na cave Les Trois Mallets, no bairro latino, e na televisão francesa.

«Até aos anos 70, Memphis Slim representou os blues para os europeus», disse Mike Zwerin, um autor de música de jazz e blues radicado em Paris. «Era o único homem dos blues que eles jamais viram», «um dos puros», que «levou os blues ao resto do Mundo».

Para o diário francês «Le Monde», a música de Memphis Slim esteve sempre impregnada de «potente expressividade e irresistível subtileza».

Autor de «Wish me Well», «Mother Earth», e «Beer-Driking Woman», Memphis Slim gravou pelo menos 40 álbuns durante a sua carreira, entre eles «Raining the Blues» e «The Bluesman».

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 343

"Quem vai de comboio não abraça a árvore que passa"

O Ser e o Estar em *Psiché* de Fernando Campos

Um homem chamado Fernando Campos decide-se a narrar a história da sua família. Terá como limite, na sua pesquisa retrospectiva, o avô Silva Lisboa e como suporte os seus álbuns e um diário de nove volumes. A autora deste é Raquel, sua tia.

Ao folhear os documentos que Fernanda, sua mãe e irmã de Raquel, coloca à sua disposição, sente-se Fernando Campos como um demiurgo. E, por isso, quando observa a fotografia do casamento de Fernanda com Alberto Campos, nos diz: «Do casal, que cheio de esperança une os seus destinos e se deixa cerimoniaticamente fotografar à porta da Candelária, eu posso dizer: desta união virei eu a nascer daqui a pouco mais de cinco anos..., vou assistir, um dia que lá vem muito longe e que já lá vai muito longe, ao último suspiro de meu pai, quando ele for velho..., ainda conservo aqui a meu lado, com seus oitenta e tanto anos bem conservados e afáveis, esta noiva tão bonita, a única de todos eles que está viva e pode ler estas linhas que certamente a comoveram... Passado e futuro, tudo posso ver, como um deus momentâneo, efémero, mortal, para trás e para a frente em relação à data desta fotografia.»

E, como um demiurgo, conta-nos esta apaixonante história de uma família onde o exercício da arte acentuou a poética e prosaica captação da existência. Fá-lo baralhando o tempo, o que não enfraquece a força da escrita que sentimos como o produto de genial quiromante.

A partir da morte de Silva Lisboa se tece a trama real e ficcionada da sua família. E é assim que nos confrontamos com o seu neto, o narrador, a tomar conhecimento de uma tal Ana Luísa, filha ilegítima do seu avô que no funeral se apresentou. Com a tragédia de Silva Lisboa, também ele ignoto da identidade de seu pai até ao momento em que a mãe lho revela. Cito: «Quem tinha morrido? perguntava. Ela respondia, evasiva, que havia sido um senhor muito importante da cidade. (...) Alguém, ao lado, explicava, em voz baixa, que não haveria mais família para ali ser sepultada (...).» E: «Não se notaria tanto que, do seu lado, fossem só ele e a mãe!... Uma vez apenas na vida os dois noivos falaram do assunto: quando não mais lhe era possível, a ele, esconder de Albertina o teor do seu assento de baptismo. Depois foi o silêncio, uma combinação táctica de fingir que a desagradável e arreliante matéria não existia.»

De boticário, Silva Lisboa passa à transfiguração do palco. Ele não é uma pessoa. É um personagem e, só enquanto tal, poderá respirar a vida em toda a sua plenitude.

Inquieto, marcado pelo seu baptismo, Silva Lisboa vagabundeia pelo País. A todos os sítios leva o seu reportório artístico. Um pouco de fantasia. Do sonho que ele próprio necessita na fuga, constante, de Lisboa. Cito: «Voltava a Lisboa periodicamente. Tinha lá a mãe, o único laço de sangue a que se encontrava preso. Contos largos por mor de quê escolhera essa vida.»

Nada possui Silva Lisboa e, contudo, esse nada incomoda-o quando, por causa de um ramo de violetas recebido em Leiria, se vê a amar a elegante espectadora que lho atirara. Sufoca-o porque sabe o quanto os actores são desprezados. Porque... E, porém, prossegue. Faz rir as pessoas. É essa a sua missão. Cito: «E a pequenez da sua ronda pelos insignificantes centros de recriação do País aparecia-lhe agora como uma mancha negra a tingir-lhe a existência.» Ou: «Estranha coisa o teatro. 'Fingir outras vidas, quando a sua o reclama aos gritos.' O rir e o chorar dissecados até à mais minuciosa contracção muscular. (...) Aplausos do público que ri. Força os músculos da face. Pesam-lhe como chumbo para baixo, para o ricto da dor. É preciso que se arqueim para cima... num sorriso!... Os olhos não obedecem. Dois rios de água escorrem-lhe silenciosos de cada lado do nariz e vão alargar-se nos lábios que riem. A assistência julga ser mais uma derradeira facécia do cómico e explode em gargalhadas matraqueadas.»

Estava traçado o destino de Silva Lisboa e reencontrará a jovem das violetas numa actuação em Lisboa. Com ela casará. Levará no seu incessante deambular

pelo País e Brasil. Tal como às filhas Raquel e Fernanda.

Vivem uma vida de sonho onde o pesadelo se manifesta. Subtil. Óbvio quando, uma vez casada, Raquel fala do seu psiché «de mogno maciço». Quando Fernanda afirma a Raquel que, quem como elas salta de terra para terra, não pode afeiçoar-se àqueles a quem por pouco tempo se reúne. Como se neles o fluir fosse mais acelerado do que nos outros. E o efémero, o corpo estratificado nos seus gestos. Daí o dizer Silva Lisboa: «Não sabia onde tinha lido que era dos gregos comparar a vida a um rio. Águas que não mais voltam atrás.» Daí a afirmação de Fernanda: «Quem vai de comboio não abraça a árvore que passa.»

O tempo e a sua brevidade são presenças em Silva Lisboa, Albertina, Raquel e Fernanda. Donde que o narrador sobre eles se detenha. Se debruce sobre o *Ser* e o *Estar*. A *Aparência* e a *Essência,* universos vivenciais por onde se passa com indiferença. O que não pode suceder a um actor. A quem o conta. Recria. Cito: «Viajar de barco era como se apenas o rio da vida se movesse por baixo. Tudo o mais, parado, inerte, numa sensação de imortalidade! Os próprios objectos usuais dos beliches, tantos dias manipulados, se familiarizavam e tornavam companheiros dessa efémera eternidade, desse vogar intangivelmente nas asas do tempo. Ali era-se, no comboio estava-se. Ser e estar! O estar, paragem momentânea, implica o devir, a mudança para o que viria a seguir. O ser era a inércia, que só desnudava sob o impulso, o empurrão de uma força externa...» E: «— Então sou eu a cor! Sou eu a essência da cor! Sou a essência do rosa, do violeta, do carmim, do azul celeste! Em vez da aparência da essência, sou a essência da aparência! — exclamava brincando.»

Há nesta escrita, sempre, uma vocação filosofante que muito anda ligada à antiguidade grega. À sua crença no Destino, à observância de premonições. Como se Silva Campos (leiam-se as páginas 31, 32 e 108 e 113) e Fernanda (leiam-se as páginas 209 e 210) fossem as pístias consultadas pelos gregos. E que nós tão bem conhecemos da História, de textos literários onde o mito de Narciso se ergue magistralmente. Se enquadra perfeitamente na trama deste «Psiché».

Tragédia e comédia *são* neste livro. Não espelha ele o real? A vida (Maria de Melo e Bragança é um bom exemplo) em todas as suas metamorfoses? Não as encarna Silva Lisboa, o actor? Não as sentem os seus familiares? Sim! Por isso, o psiché é tão importante para Raquel. Ele afigura-se-lhe (como estava errada, pensará muito depois) a estabilidade. A solidez. A negação do vertiginoso devir. Por isso, no psiché coloca, o narrador, uma borboleta e, socorrendo-se da Grécia antiga, afirma: «No espelho do psiché vem pousar uma borboleta. (...) psique, respiro, hálito, palpitação, sopro de vida, latejo que anima apetites e solicitações do corpo... (...) O animal que não morre, que se desnuda, transforma (...) Não tinha sido também ele tudo isso?»

«Psiché» de Fernando Campos afigura-se-me um livro onde a beleza (leia-se todo o terceiro capítulo) da palavra nos retém deslumbrados. Enfeitiçados sem perdermos a tristeza do que comunica... — Edições Difel

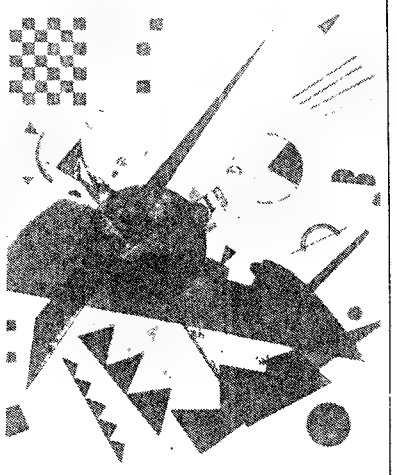
Ana Paula Portugal

Inéditos da Biblioteca Nacional

Pág. 3

Entrevista com o poeta António José Forte

Pág. 7



Estudo sobre Kandinsky e Schoenberg

• Nas primeiras sete décadas da primeira pintura abstracta

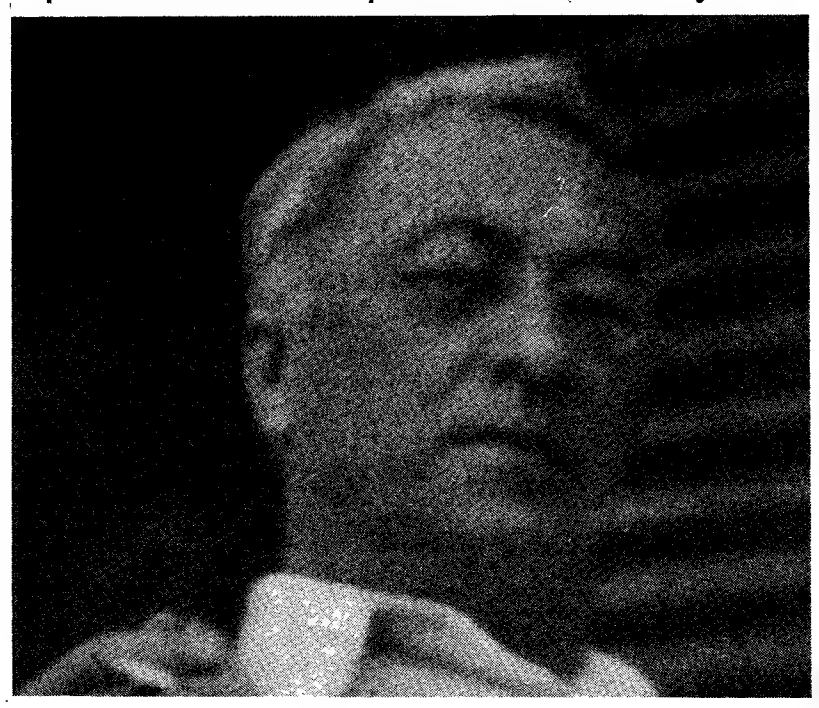
A estética rompe ou não com o discurso lógico...? Um paralelismo entre Kandinsky e Schoenberg (ao primeiro se deve o início da arte abstracta e ao segundo os acordes da música dodecafónica) talvez nos ajude a compreender que a razão, tomada como expressão estrita da realidade, não nos proporciona a descoberta de outros mundos.

Pág. 2

Kandinsky e Schoenberg: apologia do antilógico

«A arte foge diante de todos os imperativos como foge o dia diante da noite»

As palavras, significando, pretendem expressar um significado. Assim tem sido ao longo dos séculos. Um significado, entenda-se sem quaisquer preconceitos, que ultrapassa a nossa razão. No seio da Literatura, é sem dúvida a Poesia que mais se aproxima desse significado oculto. Um degrau a mais, em busca do significado que sempre nos escapa, é subido pela Música. Mas não acontecerá que determinada pintura se iguala à Música na tentativa de alcançar o alto significado da existência...? Tentemos, humildemente, um paralelismo entre a pintura de Kandinsky e a música de Schoenberg.



Kandinsky

Schoenberg

I

SUJEITO e objecto: como se dá a percepção do segundo pelo primeiro? Esta interrogação surge na Filosofia (e estamos a citar F.E. Peters in **Termos Filosóficos Gregos,** p.19) «como uma tentativa, de um modo bastante modesto introduzida pelos primeiros physikoi, para explicar os processos fisiológicos envolvidos na percepção de um objecto». Essa tentativa exigiu uma «série de soluções, principalmente em termos de contacto, mistura ou penetração dos corpos envolvidos». Nestas soluções, porém, algo de estranho continuava a imperar, como, por exemplo, «o caso da visão em que o contacto estava aparentemente ausente (...)». Mas «a crise primeira e principal não surgiu antes que os graus de conhecimento fossem distinguidos e a percepção dos sentidos fosse separada de outro tipo mais seguro de percepção que pouco ou nada tinha a ver com as realidades ou processos sensíveis». Assim sendo, a **aisthesis** (percepção, sensação) logo constituiu, nesses primeiros tempos gregos, um tema de discussão, um **sim** e um **não,** afirmação e negação que podemos personificar, por exemplo, em Heraclito e Parménides.

Abandonando, porém, F.E. Peters, e utilizando apontamentos colhidos em aulas teóricas e práticas, podemos adiantar que Parménides, um dos nomes da escola eleata, representava o mundo sob o aspecto de uma esfera imóvel e totalmente cheia. Empregando aspas (para não sermos absolutos nos nossos juízos), podemos adiantar que Parménides opunha a «doutrina da verdade» (a de que o ser verdadeiro é uno, eterno, imóvel, indivisível e isento de vazio) à «doutrina da opinião» (e de que existe uma multiplicidade de coisas, que surgem e passam, se movem, são divisíveis em partes e estão separadas entre si pelo vazio). Nesta ordem de ideias, a «doutrina da verdade» é fidedigna, enquanto a «doutriina da opinião» apenas é verosímil. Impera a razão, é menosprezada a sensação. Atente-se, por exemplo, no Fr. 7 do poema parmenidiano **Via da Verdade**: «Porque nunca isto será demonstrado, que as coisas que não são, não existem; mas tu afasta o pensamento desta via de investigação, não vá o costume, gerado de muita experiência, forçar-te a deixar vaguear por esta senda o olhar incerto, o ouvido onde ecoam sons ou a tua língua; mas julga tu com a razão a prova muito contestada de que falei.» Platão, para quem o discurso poético se intrometia com o discurso lógico, serve-se da argumentação de Parménides no **Sofista**, em 237a, onde se nos deparam os dois primeiros hexâmetros do fragmento acima transcrito, embora naquele diálogo a citação do pensador de Eleia tenda a servir outros propósitos.

Para opormos Heraclito a Parménides (a fim de que, passo a passo, se vá cumprindo a finalidade deste nosso trabalho), bastar-nos-á, da sua eventual obra **Da Natureza**, transcrever o Fr. 10, o qual reza assim: «As coisas em conjunto são o todo e o não-todo, algo que se reúne e se separa, que está em consonância e em dissonância; de todas as coisas provém uma unidade, e de uma unidade, todas as coisas.» Mas não: há também outros dois juízos de Heraclito que, em tempo oportuno, nos servirão para adjectivar a pintura de Kandinsky e a música de Schoenberg. Referimo-nos ao Fr. 54 («uma conexão invisível é mais poderosa que uma visível») e ao Fr. 123 («A verdadeira constituição das coisas gosta de ocultar-se»).

Irmos ao longínquo para nos sumirmos no longínquo — eis as palavras que deveriam servir de lema ao nosso empreendimento tendente a definir a noção de aisthesis. Para já, «em consonância» e «em dissonância», vamo-nos por estas folhas brancas de papel. Brancas...? Mas não é o branco a reunião de todas as cores...? Aí está: «A verdadeira constituição das coisas gosta de ocultar-se.»

II

Ora se a intimidade das coisas se refugia de nós, se a sua verdadeira constituição gosta de ocultar-se, que *laços* se estabelecem entre Sujeito e Objecto? Qual o *diálogo* possível entre aquele que observa e aquilo que é observado? Que *palavras* há entre mim e o papel em que escrevo? Ou então, olhando para além da janela da minha sala de trabalho, que espécie de *conversa* se trava entre os meus olhos e a paisagem de Sintra...?

Para uma *clara* e *distinta* compreensão do que pretendo dizer (e Descartes me perdoe o furto daqueles seus dois adjectivos), vou-me apresentar primeiro como um mero observador — e, mais tarde, como um eventual pintor.

Assim sendo, e no papel de observador, se eu passar os olhos pela minha sala de trabalho, verificarei com facilidade que se encontram muitos objectos nessa sala: a secretária, a máquina de escrever, livros, cadernos de apontamentos, cinzeiros, cigarros, uma jarra com flores, etc. São coisas, enfim, que existem no Universo. Mas uma coisa há que sobressai de todos esses objectos, de todas essas coisas: o meu pensamento. Face ao meu pensamento, como é que essas coisas existem? Vejamos: a minha sala de trabalho e estudo existe de facto. (Prova da sua existência e ordenamento: houvesse um tremor de terra violento e ela deixaria de existir tal como é, embora outras coisas passassem a existir numa outra ordem...) Consideremos, no entanto, a sala tal como agora ela se encontra: intacta, segura, com todos os objectos nos seus lugares. Posso, portanto, dizer: *a sala está aqui.* Se me fechar em mim mesmo, se me encerrar nesta sala de estudo e trabalho, não terei qualquer problema com aquele *aqui* que localiza a sala num determinado ponto do Universo. Mas eis que o meu pensamento se sobressalta de repente: o que significa, na verdade, *aqui*? É então que me caio em mim, perco a segurança da cadeira apoiada no soalho — e me encontro, suspenso, no mundo. Por assim dizer, amplio-me — e verifico que aquele *aqui* assenta na vila de Sintra onde resido, que Sintra se encontra no distrito de Lisboa, que Lisboa se localiza na Terra em rotação. Passo a passo, estou no sistema astronómico que me é dado conhecer na Via Láctea, no Universo.

O pensamento, a partir daquele simples *aqui*, engravida — e eis que cencebe a noção de que tudo se apoia em tudo, de que as coisas em resumo, *são umas nas outras.* Umas coisas estão *aqui*, outras *ali*, outras ainda mais *além* — e acabo por concluir que todas procuram uma segurança mútua, um longo elo de sucessivos apoios, um (passe a expressão) encostar-se *solidariamente.* No seio desta ideias, apercebo-me de que o Mundo é uma gigantesca estátua jazente — e essa situação *fixa* das coisas exteriores a mim leva-me a procurar uma contrapartida no *movimento* do meu pensamento.

Explicitando: se admito e sinto a existência do meu pensamento, essa existência do meu pensamento não se configura só às coisas que estão *aqui, ali* e *além.* A existência do meu pensamento reveste-se de outras características: não tem pura e simplesmente a forma das coisas e a sua maneira de equilíbrio de estar no Universo. Basta fechar os olhos — e logo *vejo* a mobilidade a sua existência. Ora como...? O meu pensamento existe quando penso o pensamento — eis em humilde e maravilhada expressão toda a riqueza do meu existir. Há um paralelismo entre a existência do meu pensamento e a existência de algo de muito inicial elevado a uma qualquer potência n. Ponho-me a seguinte questão: por qual motivo comparo eu a existência do meu pensamento com a existência (que intuo) de algo de muito inicial...? E respondo-me: porque assim como buscamos esse algo de inicial em e para nós, assim também em nós o pensamento se busca. O meu pensamento só aufere de existência quando me dou conta dele. Só quando o penso é que o meu pensamento existe. *É.* E ei-lo então que se divorcia das coisas que, amparando-se umas nas outras, constituem o que designei por estátua jazente do Universo.

Se o meu pensamento existe, se o meu pensamento *é*, então concluo que a sua existência é o seu modo de ser. Ou por outras palavras: a existência do meu pensamento é o *ser* do meu pensamento. Quero com isto dizer que o meu pensamento se pensa — e que sendo a minha íntima fala consigo mesmo fala. O meu pensamento está diante de si próprio — e que, sendo um, com muitos interlocutores (coisas) se confronta, visando, na medida do seu possível discurso, o mais inicial, elevado (repito) a uma qualquer potência n. Ora bem: o meu pensamento,

Continua na pág. 4

Documentos inéditos existentes na Biblioteca Nacional

Uma carta de Ramalho Ortigão a Jaime Batalha Reis

Maria José Marinho (*)

Damos hoje início a uma série de artigos sobre Homens e Mulheres da Geração de 70 que, destinando-se a divulgar documentos inéditos existentes na Biblioteca Nacional, concorrem para lançar alguma luz sobre factos, situações e personalidades das últimas décadas do século passado.

As datas que aparecem entre parêntesis, a seguir às principais personagens tratadas nos artigos, referem-se ao seu nascimento e morte. Na transcrição dos documentos actualizou-se sempre a ortografia e a localização na Área de Espólios da Biblioteca Nacional vem assinalada em nota, no final do artigo.

QUANDO Ramalho Ortigão (1836-1915) percorreu a Inglaterra numa das suas muitas viagens à Europa, viagem tão pitorescamente descrita no livro «John Bull», um dos aspectos da educação inglesa que mais favoravelmente o impressionou foi a elevada capacidade física evidenciada pela mocidade britânica.

Ele próprio praticante entusiasta dos princípios da higiene e da educação física, advogava a máxima do poeta latino Juvenal «mens sana in corpore sano». Estes princípios fora, de resto, acarinhados por alguns outros seus contemporâneos.

Eça de Queirós, por exemplo, defendeu nos «Maias» a «educação à inglesa» do jovem Carlos daMaia ministrada pelo preceptor, Brown que valorizava sempre o «músculo», o que arrepiava sobremaneira o velho abade Custódio.

Não admira, pois, que Ramalho, homem robusto e desempenado, andarilho impenitente e viajante incansável, ao comparar o moço inglês, esse «rebento humano tão fino, tão belo, tão saudável, tão vigoroso» com o «aluno típico do liceu de Lisboa, cabeça casposa e mãos suadas, magrizela, cuspinhento, apedantado, mas pusilânime, vestido como um fadista e cheirando a roupa suja» clamasse aos céus contra os costumes incutidos à mocidade portuguesa do seu tempo, que descurava as normas mais elementares da «educação integral e harmónica».

N'«As Farpas», repetidamente louva o desenvolvimento físico como esteio duma boa organização mental e afirma: «Da saúde do corpo procede solidariamente a saúde do espírito».

Ora a carta de Ramalho Ortigão que hoje publicamos, dirigida a Jaime Batalha Reis (1847-1935), agrónomo, geógrafo, diplomata e escritor, amigo privilegiado de Antero de Quental, Eça de Queirós e Oliveira Martins, confirma-nos esse culto pela vida natural e saudável que retempera o corpo e o espírito dos males citadinos.

Além desse aspecto, porventura o mais relevante de toda a missiva, refere-se também à viúva de Oliveira Martins, Vitória Barbosa de Oliveira Martins, que estava em Pedrouços, em «luto balnear» e «na camaradagem de sete viúvas». Tal apontamento irónico explica-se, contudo, pelo facto de, na época, haver uma curiosa irmandade de viúvas de que nos dá notícia a mulher de Oliveira Martins em carta para Jaime Batalha Reis por ocasião da morte de um seu cunhado. Pedia-lhe ela para apresentar os «cumprimentos a sua Exma. mana a Sra. D. Adelina Santos, rogando-lhe que lesse os Relatórios e Estatutos, esperando que depois sua Ex.ª se digne a aceitar o convite para entrar na nossa Iramandade (das Senhoras viúvas), da qual a nossa excelente amiga Condessa de Penha Longa é nossa benfeitora, como se prova no mesmo Relatório».

Ramalho alude também à 1.ª edição das «Cartas de Afonso de Albuquerque», em 1884, edição orientada por Bulhão Pato e Lopes de Mendonça, e à obra «Colóquio dos Simples e Drogas da Índia» de Garcia da Orta, cujo 1.º volume se editou em 1891, por deliberação da Academia Real das Ciências de Lisboa, publicação dirigida, precisamente, pelo botânico Conde de Ficalho. Sublinha ainda as comemorações do Centenário da Índia, que trata com alguma irreverência: «Contentava-me (...) em retirar o gasómetro de ao pé da Torre de Belém», afirma na carta. Desejo que só muitas décadas depois se veio a realizar.

(*) Assessora da Área de Espólio da Biblioteca Nacional. Investigadora. Licenciada em Histórico-Filosóficas.

Lisboa, 27-VII-1896

Querido Batalha Reis

Respondo à sua carta. Mandei entregar a carta à D. Vitória que está veraneando em Pedrouços na camaradagem de sete viúvas ali reunidas em luto balnear. Está em composição o 2.º volume das Cartas de Afonso de Albuquerque. Por não saber a qual dos volumes de Ficalho sobre Garcia da Orta V. se refere, mandei-lhe ambos. Não publiquei trabalho algum especial sobre a exposição de Madrid. Mil agradecimentos pela sua interessante memória.

Os sábios nossos conhecidos estão-se ocupando dos preparativos das diferentes exposições com que celebraremos o chamado Centenário da Índia. Eu sou de várias comissões mas não trabalho em nenhuma, porque voto contra todos os planos feitos, e ninguém mais vota comigo. Contentava-me em que a festa constituísse em retirar o gasómetro de ao pé da Torre de Belém. Mas não pode ser.

Daqui a dois ou três dias parto para o Gerês, onde vou fazer o meu tratamento anual de montanha: eliminar todos os meus micróbios do Chiado por meio da dieta e de suadouros, entrecortados por banhos de cascata, em ascensões de mil metros; e ingerir novos elementos puros passeando a pé e a cavalo e dormindo com 2 graus de temperatura em frente da fogueira perfumada de urze e zimbro, crepitando no inefável silêncio da terra e das estrelas. Não vá V. imaginar-me nas serras da pátria, onde não há alpinistas, com riqueza pessoal permitindo-me um trem e um séquito de príncipe. Não, são os rapazes das matas, que por lá andam neste tempo, os que me hospedam sob o sete estrelo, e toda a minha riqueza se resume na posse de um alforge, de um lençol, de uma manta, de uma cilha mestra, e no usufruto de uma linda mulinha de andadura, esperta, marota e galhofeira, chamada Cuca, minha praça. De quando em quando baixa-se ao povoado, onde já não frutifica o zimbro, mas onde viceja a figadeira, o «pas-de-quatre» e o Manuel Arriaga, manando poesia de junto do piano sobre os familiares. Falo-lhe destas coisas porque sei que estou com quem as estima e saboreia.

Muitos dedicados cumprimentos à Senhora D. Celeste (mulher de Jaime Batalha Reis) e grande abraço para V. do seu dedicado amigo velhíssimo

*Ramalho**

* — *Espólio Jaime Batalha Reis/Esp. 4, 42/7*

Kandinsky e Schoenberg: apologia de

Continuação da pág. 2

visando coisas, é interlocutor do meu pensamento...? Nesse caso, perguntando-se mutuamente, o meu pensamento executa tarefas racionais. Ou melhor: especula. Ou melhora ainda: o meu pensamento, de instante para instante, de conclusão em conclusão (provisórias ou não provisórias), é um autofazer-se constante. Aqui reside a diferença fundamental entre as coisas e o pensamento, pois enquanto as primeiras estão fixas e em equilíbrio no Universo (a máquina de escrever sobre a secretária, a paisagem de Sintra, o sistema solar...), o segundo move-se entre si, interroga-se, espanta-se, hesita... Contemplemos o céu estrelado, os campos, a solidão do mar — e perguntemos o que é que se move tendo como fundo mar, campos e céus. Até ver (creio numa futura evolução biológica que nos proporcione um outro modo de inteligir e cogitar), há só uma resposta: o meu pensamento. E isso porque eu penso céu, campos e mar, mas eles (mar, campos e céu) *não me pensam a mim*. Como observador, eu sinto-me, num primeiro tempo, em consonância relativamente às coisas, e, num segundo tempo, em dissonância relativamente às mesmas coisas. Esta dualidade leva-me aos pré-socráticos — e eis-me de novo a refugiar-me em Heraclito (Fr. 10): «As coisas em conjunto são o todo e o não-todo, algo que se reúne e se separa, que está em consonância e em dissonância: de todas as coisas provém uma unidade, e de uma unidade, todas as coisas. Como observador, sinto que o Múltiplo e o Uno dividem o meu pensamento. Como observador, fere-me a fuga de todos os *x* iniciais possíveis. Que fazer? E se eu tentasse captar o ser, o que me cerca e tem, incluindo-me nessa captura, através da Arte? Se eu agisse, por exemplo, como um poeta, um músico, um pintor...?

Suponhamos, pois, que, como pintor, eu tento apreender a mesa em que ora trabalho. Ora de um, ora de outro, contemplo-a de vários ângulos. Sendo uma só mesa, quantas mesas, porém, visam os meus olhos?... E qual é a verdadeira...? A que olho de perto, a que olho de longe, a que surpreendo deitada no soalho, a que aprecio subindo a uma cadeira...? É uma tarefa ingrata — e uma certa fadiga apossa-se do meu corpo. Estirar-me, dormir, resolver o problema mais tarde... Eureka! Por uma associação de ideias, vem-me à mente a imagem da cama tal como surge no livro X de *A República*. Aí, Platão ajuda-me a sair do meu embaraço. Ora como...? Demonstrando, passo a passo, o que devemos entender por mimese. Vou-me defrontar com um argumento ontológico, vou encarar a Teoria das Formas ou das Ideias. Aí nos é dito, em 596a, que (...) «estamos habituados a admitir uma certa ideia (sempre uma só) em relação a cada grupo de coisas particulares, a que pomos o mesmo nome». Desde logo fica estabelecido, 596b, que (...) «quanto à ideia (...) não há artífice que possa executá-la». Demiurgo, criador do mundo ou fazedor do Universo, «esse artífice não só é capaz de executar todos os objectos, como também modela todas as plantas e fabrica todos os seres animados, incluindo a si mesmo (...)» — lê-se em 596c. O que assim é criado por esse artífice supremo, pode ser reproduzido por qualquer um de nós. Mas de que maneira...? Explicita-se em 596e que basta «pegar num espelho e andar com ele por todo o lado. Em breve criarás o sol e os astros no céu, em breve a terra, em breve a ti mesmo e aos demais seres animados, os utensílios, as plantas (...)». Conclui-se que o espelho (ainda dentro da mesma quota) só nos pode proporcionar «objectos aparentes, desprovidos de existência real». A partir de 597a, eis que nos surgem três camas: a cama feita pelo demiurgo (ideia), a cama feita pelo artífice que é o marceneiro (artefacto) e a cama feita pelo pintor a partir do artefacto (imitação). Logo: o pintor é um imitador. Como definir o pintor como imitador...? Eis o perfil que do pintor nos é dado em 598abc: Será que o pintor «tenta imitar (...) cada uma das coisas que existem na natureza ou as obras dos artífices»? Resposta: «As obras dos artífices.» Ora com que fim actua assim o pintor...? Será com o fim «de imitar a realidade, como ela realmente é, ou a aparência, como ela aparece? É imitação da aparência ou da realidade»? Resposta: «Da aparência.» Então, se é assim, «a arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, é pelo facto de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição». Retiro os olhos de *A República* e concluo que não passaria de um mero imitador se, como pintor, me desse à captura da mesa em que ora trabalho.

Mas será realmente assim...?

Em *O Sofista*, relativamente à mimética, Platão procede a uma distinção quanto ao modo de pintar; define, em suma, a arte da cópia e a arte do simulacro. Ao longo de 235e-236c, é-nos afirmado que a mimética é susceptível de ser encarada como arte de copiar e arte de simular. A primeira mais não é do que uma cópia fiel do objecto — e a segunda, usando de estratagemas tendentes a tornar o objecto mais real para quem o contempla, mais não é do que um simulacro da realidade. É na sequência desta argumentação sobre o que é real e o que não é real que nos surge, em 237a, o juízo de Parménides sobre essa problemática, páginas atrás já transcrito, constante do Fr. 7 da *Via da Verdade*, juízo esse que se consubstancia no facto de jamais se poder obrigar o não ser a ser, bem como no conselho de que se deve afastar o pensamento de tal caminho de investigação. (Impõe-se aqui, num parêntesis, uma explicitação. Para Heraclito tudo era *devir*, Parménides não pensa assim: a afirmação heraclitiana levar-nos-ia ao absurdo de que uma coisa fosse e *não* fosse ao mesmo tempo. Perante esta contradição, Parménides formula o célebre *princípio da identidade*, o qual pode ser representado por A=A ou A é A, ou o Ser é o Ser, ou ainda o que é, é. Dado que, de acordo com Parménides, nos temos de decidir ou por uma afirmação ou por uma negação absolutas, o pensador de Eleia formula o princípio complementar do primeiro, o qual é designado por *princípio de não contradição:* «O ser não pode ser e não-ser ao mesmo tempo.» Em *O Sofista*, Platão demonstra a fragilidade do argumento de Parménides, provando que este confunde o que é com a unidade do que é. Platão acentuaria também, em defesa da sua tese, que alguns géneros comunicam e outros não. Considera então cinco géneros principais: ser, movimento, repouso, o outro e o mesmo. Estes cinco géneros, sendo irredutíveis um ao outro, participam, porém, uns dos outros. Com esta demonstração *lógica*, é resolvido o problema do juízo, descobrindo-se contra Parménides a possibilidade, precisamente lógica, da predicação.)

Mas...

Algo de muito delicado se nos apresenta agora: o que verdadeiramente desperta em nós o sentimento estético é o *ilógico* — e (já que estamos no campo da pintura) *pinta-se sempre melhor o que não se vê*. E é aqui (ousemo-lo dizer) que a música se aproxima da pintura, que pintura e música são (em certos momentos raros) uma e a mesma coisa. Estabelece-se, entre música e pintura, uma conexão não detectável através da lógica. Heraclito, pois, Fr. 54: «Uma conexão invisível é mais poderosa que uma visível.»

III

Esta conexão entre pintura e música surge-nos, por exemplo, na correspondência trocada entre Wassily Kandinsky e Arnold Schoenberg. Se nos dermos ao cuidado de cotejar as cartas que constam do livro elaborado por Jelena Hahl-Koch (ver título na Bibliografia), não só deparamos com essa conexão como também com a defesa do *ilógico* na construção da obra de arte. Assim é que, numa carta de Kandinsky a Schoenberg, datada de 18 de Janeiro de 1911 (p.21), o pintor expressa o prazer que lhe causou a audição de um concerto do compositor. E isso porque, segundo K., a maneira de pensar e sentir de ambos tinha muito de comum. K. vai ao ponto de utilizar o termo «empatia», reconhecendo, por conseguinte, a capacidade de compreender e interpretar as manifestações da vida psíquica alheia. Acentua que a vida independente dos sons individuais das composições schoenberguianas é exactamente o que ele, como artista plástico, tem tentado encontrar nas suas pinturas. Referindo-se às tentativas da época na área da pintura, K. lembra a grande tendência em se descobrir uma «nova» harmonia por meios construtivos (estruturais), através dos quais o ritmo assentaria numa forma geométrica. O instinto e a busca de K. somente aceitavam essas tentativas, essa tendência, como um meio caminho para alcançar algo de novo. Um outro *tipo* de construção dominava já o pensamento de Kandinsky. Literalmente: «Estou certo de que a nossa própria harmonia moderna não pode ser encontrada através de uma 'via' geométrica, mas antes numa via antigeométrica, antilógica (...). E essa via não é outra que a das 'dissonâncias em *arte* (')', quer na pintura, quer muito mais ainda na música.» Para K., «a dissonância de 'hoje' na pintura e na música» seria «pura e simplesmente a consonância de 'amanhã'.»

Na resposta que Schoenberg dá a Kandinsky há uma observação que, parecendo ser elitista, o não é. Alude S. às massas e à individualidade de cada um. Escreve simplesmente (pp. 22 e 23) que não faz questão que as suas obras ganhem as multidões, antes está certo de que elas se destinam a ganhar «os corações dos indivíduos». Quanto ao carácter «não lógico», quer do seu trabalho como compositor, quer do trabalho de K. como pintor, ele adjectiva um e outro de maneira diferente. Ora como...? O que ambos, no seu esforço, estariam a fazer consistiria antes na «eliminação do desejo consciente em arte». Mostra-se de acordo com o ponto de vista defendido por K., segundo o qual a nova harmonia da obra de arte não deveria assentar numa via geométrica. E isso porque «todo o procedimento formal que aspire por efeitos tradicionais não se encontra completamente livre de motivação consciente.» E acentua, sendo seu o sublinhado: «A arte pertence ao *inconsciente!*» E ainda: «Todo o homem deve expressar-se *por si próprio!*» (Mais uma vez o sublinhado é de Schoenberg.). Adianta ainda que cada um se deve expressar *directamente*, sublinhando o advérbio de modo e dando-lhe como termo um ponto de exclamação. Traduzamos, o mais fielmente possível, um juízo que nos parece deveras pertinente: «Não o bom gosto daquele, ou a criação deste, ou a inteligência daquele outro, conhecimento ou habilidade. Nenhumas destas características *adquiridas*, mas sim o que é *inato, instintivo*. Qualquer forma institucionalizada, e por essa razão *consciente*, encontra-se sempre relacionada com algo da Matemática, ou da Geometria, ou com qualquer regra de ouro, ou ainda com qualquer outra coisa assim parecida. Unicamente uma inconsciente elaboração de forma é que pode instituir a equação 'forma=tendencial aparição', equação susceptível de realmente proporcionar ou 'criar formas' (...)». Note-se que aparição (e isto é uma observação que vem a propósito) tem outra carga quando traduzida directamente do grego: epifania.

Estas opiniões de Schoenberg encontraram bom acolhimento em Kandinsky. Assim, em nova carta ao compositor, o pintor confessa que (p. 25) muitas vezes consigo próprio debateu o problema artístico sob o duplo aspecto consciência/ /inconsciência. Até porque, explicita K., não raro acontece que o artista, quando em acção, se encontra desprovido de qualquer pensamento condutor — e eis então que uma «voz interior» se faz ouvir e controla a sua acção, o seu acto criador. Quando entregue à criação, K. chega a admitir que o pintor, em geral, até pensa pouco. Mas porque se está a expressar *a si próprio* (o que mais ninguém poderá fazer por ele, acrescentamos nós), sucede que o pintor «ouve todo o seu material» (traduzimos aqui «learn», *aprender*, por *ouvir*, um significado daquele verbo inglês devidamente dicionarizado). Esse «escutar» dos seus meios de acção subtiliza-lhe a sensibilidade — e eis que o pintor «vibra espiritualmente» quando, já em plena criação, inova, por exemplo, o sinal de igual (=). Isto é: em vez das duas pequenas linhas paralelas, =, pinta ou desenha o signo /—\, constituído pelos mesmos elementos estruturais. Kandinsky: «É isto o conhecimento interior.» Um conhecimento, pois, «que não resulta em geometria (=), mas sim em arte (/—\).» E ainda: «Este é o caminho da 'nova' arte, da arte em geral, que nunca é nova, mas que deve entrar numa nova fase (...).» Cabe aqui um pequeno juízo nosso: conscientemente ou inconscientemente, esta opinião de Kandinsky aproxima-o simultaneamente de Parménides (imutabilidade) e Heraclito (mudança), acrescendo ainda o facto de relativamente ao segundo filósofo pré-socrático podermos detectar em K. as noções de *consonância* e *dissonância*. Para melhor compreensão, recordemos, de Heraclito, o Fr. 10: «As coisas em conjunto são o todo e o não-todo, algo que se reúne e se separa, que está em consonância e em dissonância; de todas as coisas provém uma unidade, e de uma unidade, todas as coisas.»

A correspondência entre Kandinsky e Schoenberg estende-se por um longo período. Entre 1911 e 1936, o pintor e o compositor, ambos empenhados em renovar a expressão artística, mantiveram uma troca de opiniões merecedora da atenção de todos quantos prezam os valores do espírito e as manifestações de cultura. A partir deste momento, e porque muitas são as cartas, vamo-nos limitar a transcrever alguns passos desse intercâmbio intelectual, os quais se inserem na sequência dos exemplos atrás apontados.

Assim, pronunciando-se K. sobre alguns quadros de S., enquadra-os no que considera «'puro' realismo, isto é, as coisas tais como elas são, nelas subsistindo ao mesmo tempo a sua sonoridade *interior*» (pp. 35/36).

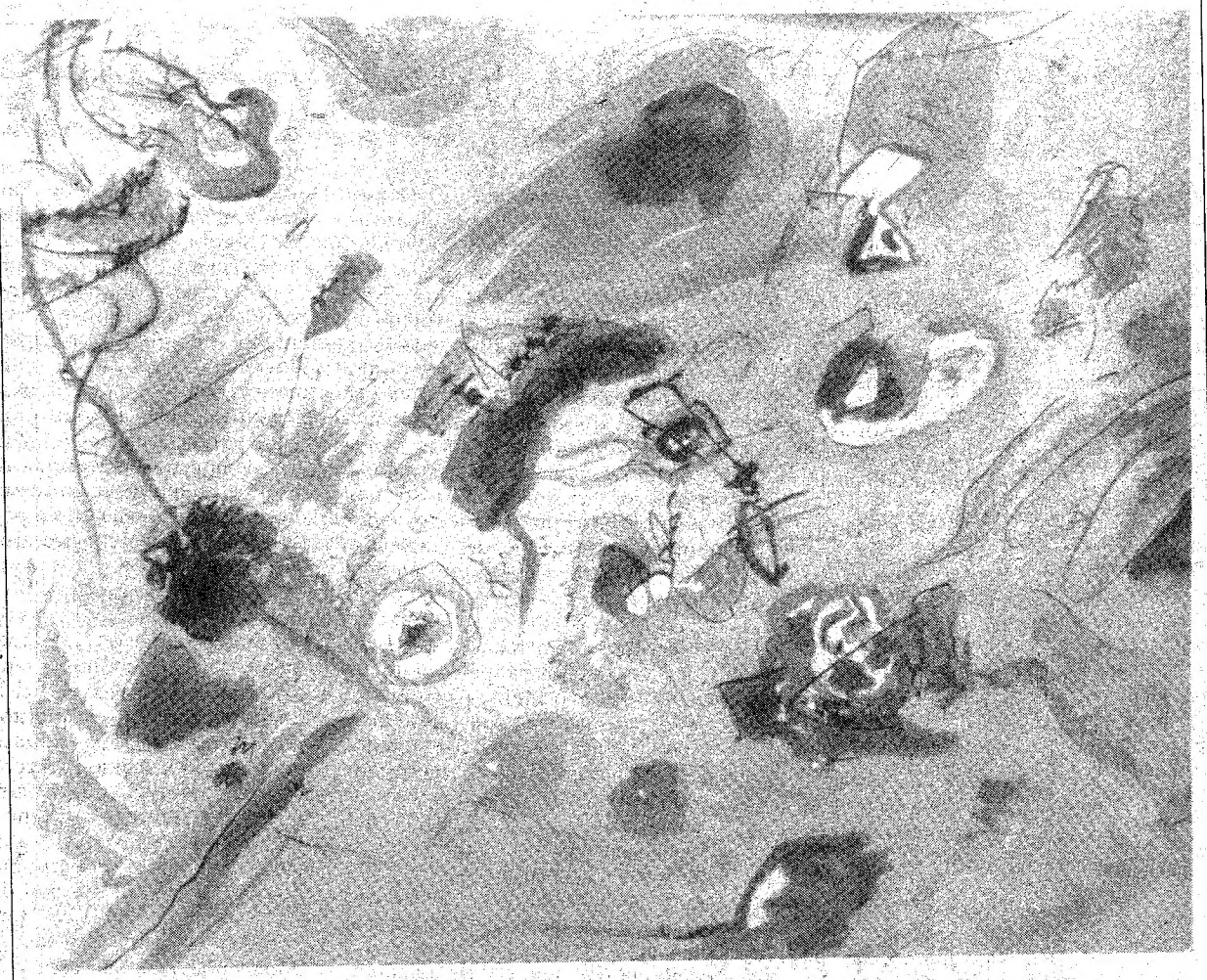
Por sua vez, Schoenberg, entusiasmado com o livro de Kandinsky *Do espiritual na arte*, afirma concordar plenamente com o juízo aí expresso de que *a cor é susceptível de ser comparada com o timbre musical* (sublinhado nosso). Quanto ao capítulo designado por «Teoria» S. levanta algumas reservas. Desagrada-lhe que Kandinsky se penitencie por não ter apresentado uma teoria exacta. «Penso que isso não é necessário — escreve S. Nós estamos em constante busca (como V. costuma dizer) a partir dos nossos sentimentos. Diligenciemos para que *nunca* percamos estes sentimentos face a uma qualquer teoria» (p. 38).

A propósito de uma subtil questão de proporções relativa ao formato de alguns quadros de K., levantada por S., Kandinsky é peremptório: «Em Matemática, 1+1=2, mas em arte acontece que 1-1=2» (p. 42).

Destes poucos passos aqui transcritos, podemos desde já deduzir alguns dados filosóficos: 1) «as coisas tais como elas são» (o que é, é); 2) não a uma teoria artística rígida, sim ao sentimento (o homem interior sobrepondo-se ao homem exterior); 3) alteração (*heteroiosis*) na faculdade racional (*hegemonikon*), sucedendo assim que 1+1≠2 se pode transformar em 1-1=2. Deste modo os pathe que são corpóreos tornam-se noéticos quando recebidos pela alma (e isto é a verdadeira aisthesis).

Acentua Schoenberg, numa outra carta (e a observação é relevante

do antilógico



«Sem título», aguarela de Kandinsky (1910) que inaugurou a pintura abstracta

strutu-
onheci-
cimen-
m geo-
e (...).»
nho da
al, que
entrar
e aqui
nscien-
ta opi-
a-o si-
énides
o (mu-
acto de
filósofo
etectar
ância e
elhor
de He-
sas em
o-todo,
ra, que
ssonân-
m uma
, todas

re Kan-
e-se por
1911 e
tor, am-
ar a ex-
m uma
dora da
ezamos
manifes-
ir deste
s são as
transcre-
rcâmbio
erem na
ás apon-

K. sobre
uadra-os
ealismo,
elas são,
tempo a
o. 35/36)
g, entu-
indinsky
ma con-
juízo ali
sceptível
timbre
Quanto
Teoria»,
s. Desa-
se peni-
ado uma
so não é
lós esta-
como V.
s nossos
os para
entimen-
oria» (p.

til ques-
o forma-
levanta-
eremptó-
=2, mas
=2» (p.

ui trans-
deduzir
«as coi-
ue ě, é);
a rígida,
em inte-
em exte-
iosis) na
onikon),
=1=2 se
2. Deste
orpóreos
recebi-
rdadeira

ma outra
elevante)

que «devemos estar conscientes da existência de enigmas rodeando-nos por todos os lados. Devemos encontrar a coragem necessária que nos leve a enfrentar esses enigmas cara a cara, sem que perguntemos timidamente pela 'solução'. É importante que a criação dos nossos próprios enigmas reflicta os enigmas pelos quais estamos rodeados, de maneira que a nossa *alma* (sublinhado nosso) diligencie entendê-los sem que os dissolva. Interessa é decifrar esses enigmas. Talvez que por esse processo não alcancemos a solução, e só obtenhamos um novo método de codificação ou descodificação. A matéria, isenta de valor em si própria, serve a criação de novos enigmas, de novos 'puzzles'. Temos dos enigmas a imagem de algo de impossível de ser abarcado. Obviamente imperfeita, pois se trata de uma imagem humana. Mas se nós podemos aprender unicamente, a partir dos enigmas, que o inatingível é uma realidade possível, então é certo que nos encontramos mais perto de Deus, uma vez que nada mais podemos perguntar para O entendermos. Ele está para além da medida da nossa inteligência, sendo-nos impossível criticá-lO ou negá-lO, pois O não podemos reduzir à insuficiência humana, por mais clara que seja, que é a nossa» (pp. 54/55).

Estes considerandos de Schoenberg, nomeadamente sobre «a matéria, isenta de valor em si própria», levam-me a perguntar o que é o ser, o que é a realidade. Na verdade, como definir melhor o ser senão através de uma interrogação...? Penso que uma posição interrogativa (no seio da minha humildade e no âmbito da minha ignorância) não apouca de forma nenhuma o ser. Mais: *indefinido* como tenho o direito de me julgar (é uma questão de livre arbítrio) que razões me assistem para *definir* o que quer que seja...?

Outros existiram, no entanto, que se atreveram a definições. Ousaram configurar as feições do pensamento — e, assim, por um simples sentimento de *relação*, procuro em Aristóteles assistência para a minha tentativa. E leio: «De o Ser se diz do ser por acidente ou do ser por essência» (*Metafísica*, Livro V, Cap. 7, 1017a, 5). A última palavra daquele juízo aristotélico remete-me para uma nota em rodapé (nota 3), da autoria de J. Tricot (que traduz e comenta esta obra do Estagirita), a qual nota reza assim: «Na realidade, Aristóteles estuda, neste capítulo (...), quatro modos do Ser: o Ser por acidente (1017a 7-22), o Ser por essência (1017a 22-30), o Ser como verdadeiro (I. a31-35) e o Ser como potência e acto (I. 35-b 9). Esta nota vem inserta nas pp. 268-/269 — e na página seguinte (obviamente a 270), em que Aristóteles se debruça sobre os predicados do Ser, uma outra nota em rodapé (nota 2) presta-me o seguinte esclarecimento: «Se a Metafísica é a ciência do Ser, a ciência do Ser só se completa na medida em que esgote a totalidade dos aspectos sob os quais o Ser deve ser considerado. É importante, pois, conhecer o número exacto das categorias ou géneros do Ser.» (...) Adianta a mesma nota que se deve dar preferência, entre as listas elaboradas por Aristóteles sobre o assunto, àquelas que mencionam dez categorias, uma vez que são essas que parecem satisfazer o pensamento do Filósofo.

Ora é no *Organon*, obra também de Aristóteles, que eu vou encontrae as dez categorias ou géneros do Ser. Encontro-as no Capítulo 4, precisamente designado por «As Categorias» (25, 2a, 5 e 10) — e leio aí que «as expressões sem qualquer ligação significam substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, acção, paixão.» Estas categorias são exemplificadas no *Organon* da seguinte maneira (2a): «É substância (...), por exemplo, *homem, cavalo*; quantidade, por exemplo, *com dois côvados de comprimento, com o comprimento de três côvados*; qualidade: *branco, gramático*; relação: *dobro, metade, maior*; lugar: *no Liceu, no Forum*; tempo: *ontem, o ano passado*; posição: *ele está deitado, ele está assentado*; posse: *ele está calçado, ele está armado*; acção: *ele corta, ele queima*; paixão: *ele está cortado, ele está queimado*. De acordo com uma nota (nota 2), em rodapé na p. 5 do *Organon*, e relativa às Categorias, estas são, para Aristóteles, «os géneros mais gerais do Ser», constituindo «noções irredutíveis entre si, e irredutíveis a um universal supremo e único.»

«Noções irredutíveis entre si» — este o juízo de Aristóteles. Mas quem se debruçar sobre o texto que, qual um guião, «conduz» a música de *Die Glückliche Hand* (Op. 18), verificará que Schoenberg consegue (ou faz um esforço para) tornar redutíveis (ou converter ou simplificar) «os géneros mais gerais do Ser». Antes de nos adiantarmos, porém, neste caminho difícil, convirá, sem dúvida, que exponhamos as linhas gerais de *Die Glückliche Hand*. Na designação do compositor, trata-se de um drama musical, e, na nossa opinião, da história de um homem a contas com a sua alma, ao mesmo tempo que a busca. O texto foi terminado em fins de Junho de 1910 — e a música escrita entre 9 de Setembro de 1910 e 18 de Novembro de 1913. Pelo tempo gasto na elaboração da obra facilmente se conclui que foi uma tarefa morosa. Poder-se-ia dizer, embora a afirmação seja um tanto audaciosa, que Schoenberg tinha como objectivo transitar do *descontínuo* para o *contínuo*. Schoenberg, em *Die Glückliche Hand*, procurou um *contínuo*, um *todo*. Qual...? A fusão da música com as vozes, com as cores, com as luzes, com as formas, com os personagens, com todos os adereços do palco... Com o Realismo já ultrapassado e o Simbolismo a chegar ao seu termo, era imperioso oferecer ao público, à sua alma sedenta de novidade, algo que frutificasse numa intersubjectividade em crise. (Lembremo-nos que se viviam as vésperas da I Grande Guerra). Ora que fazer...? Ouçamos Schoenberg no livro elaborado por Jelena Hahl-Koch, p. 105: «Há muito tempo já que uma forma existia na minha mente que me levava a acreditar como sendo a única capaz de conduzir um músico a expressar-se a si próprio no teatro. Eu designava-a, dentro da minha linguagem privada, por *fazer música com os 'media' do palco.*» Ao longo da mesma página, S. diz-nos que os sons musicais mais não são do que vibrações físicas do ar. Vibrações essas que afectam o ouvido, um órgão material, e que, quando os sons são combinados de certo modo artístico, se transformam num certo prazer espiritual. Ora esta capacidade de tornar o material em espiritual não residiria unicamente nos sons, sendo possível, «sob certas condições», detectá-la também em outros «media», desde que estes fossem igualmente tratados como sons ou notas musicais. Ou por outras palavras: embora de características materiais, mas *independentemente* dessas características, tais meios poderiam ser combinados como sons, quer medindo-os no tempo, na altura, na emissão, quer respeitando-lhes a intensidade e outras dimensões. Caso porventura alguém conseguisse relacionar estes meios através, não de leis puramente materiais, mas de leis mais profundas, então... Abreviando: segundo Schoenberg, tudo isto constituiria o que ele designava por arte de representação através dos *mais íntimos* (inner) processos. Quanto a nós, sem dificuldade se chega a uma conclusão: quem conjuga e combina tais meios («media») materiais de expressão só pode ser a alma. Só ela é capaz de nos levar ao inefável, a um todo, a uma unidade, a uma plenitude. Só ela nos pode proporcionar um itinerário entre dois extremos — o cais das formas materiais e a região das formas intocáveis. Utilizemos, para maior facilidade de expressão e por respeito com o ser (realidade), os seguintes degraus: arquitectura, escultura, pintura, música... E porque não (ocorreu-nos agora) também o perfume...?

Adiante, porém.

Die Glückliche Hand, caso nos saibamos abstrair da meterialidade que nos circunda, é um exemplo de como «os géneros mais gerais do Ser» (Aristóteles) são pura e simplesmente um só: a substância, não como o que é, mas como a unidade do que é. Efectivamente (que se leia o texto «guião» e se ouça a música da obra em questão), o que em *Die Glückliche Hand*, drama musical, conduz o público à catar-se é o facto de o público se dar conta de que as suas acções, pensamentos e sentimentos constituem um todo. Através dos quinze personagens em cena (e da música, luzes, cores e palavras cantadas que acentuam os seus perfis), o espectador é simultaneamente, devido ao que lhe é oferecido *ver, ouvir* e *sentir*, sem exagero de qualquer espécie, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, acção e paixão. Se formos ousados na interpretação, e jogando ainda com as categorias aristotélicas, podemos dizer que o espectador, perante a *mão feliz* (que nos seja permitida a tradução), é *substância* em *posse*. Em posse de quê, em posse de quem...? Em posse da alma, em posse de Deus. Alma que se pode vislumbrar na ponta dos dedos de uma subitamente *mão feliz*... Assim age, aliás, o (chamemos-lhe assim) personagem principal de *Die Glückliche Hand* — e diz-nos então Schoenberg (p. 107) que as extremidades do nosso corpo, como as mãos e as pontas dos dedos, são meios que exprimem o que se passa dentro de nós. A mão, os dedos, a ponta dos dedos, o que está para lá da ponta dos dedos... Como atrás dissemos, um itinerário, pois, que vai da materialidade ao espiritual. Ainda Schoenberg, na mesma página: «Eis uma boa oportunidade para mostrar o que eu entendo por *fazer música com os 'media' do palco.*»

IV

«Da mesma maneira como se combinam os sons e os ritmos musicais, também na pintura as formas e as cores se devem combinar consoante o jogo das suas múltiplas relações» — é este um juízo de Kandinsky, citado sem indicação da fonte, pelo crítico de arte holandês C. Doelman, Prémio Internacional da Crítica na Bienal de Veneza de 1956, num dos opúsculos da *Marabout Université* (ver título na Bibliografia), p. 75. Podemos desde já adiantar que, com base neste juízo, se evidencia em Kandinsky um propósito inabalável: a fuga à materialidade da pintura e a aproximação com a espiritualidade da música. Tarefa sem dúvida difícil e de muito moroso tratamento. Assim como a música de Schoenberg não nos dá, por exemplo, o canto das aves, apercebeu-se Kandinsky, a partir de certo período da sua vida, que, como pintor, não deveria reproduzir o aspecto exterior das coisas (o que seria pura mimética), mas sim exprimir um estado interior que tocasse o observador de um quadro seu. Entre a arte da cópia e a arte do simulacro, entre a reprodução do mundo que nos rodeia e os subterfúgios com que o ornamentamos ou corrigimos, Kandinsky (passe a expressão) fechou os olhos e *viu* que outros «objectos» existem cuja linguagem os homens poderiam apreender. É bom de ver que esses «objectos» não são objectos: antes são a *voz interior* do artista expressando-se em signos que nada têm a ver com as coisas que as nossas mãos tocam. Poder-se-ia dizer (dada a grande afinidade de Kandinsky com a música, nomeadamente com a de Schoenberg) que esses signos eram sons (ou notas musicais) em linhas, formas e cores. Daí muitos quadros de Kandinsky (obviamente os do período abstracto) se assemelharem (ou serem mesmo) partituras ou notas musicais em ascensão, como é o caso, por exemplo, de «Desenvolvimento para o alto» . Mas essa busca, esse *desenvolvimento* para uma realidade outra, para um Ser despojado de todas as categorias aristotélicas, não foi de maneira nenhuma uma revelação inesperada, uma aparição, uma epifania. Não: houve um tempo de espera, de atenção ao mundo, de contas a fazer com o circundante. Se Kandinsky tivesse principiado pelo inefável, pelo espiritual, pelo não-visível, saíria fora da nossa compreensão humana: a nossa razão encará-lo-ia como um excesso, ou como um dogma, ou como algo de tão incompreensível semelhante ao *incompreensível* que os homens, ao longo dos tempos, pretendem tornar compreensível.

Kandinsky-Schoenberg

Continuação da pág. 5

Em defesa desta nossa argumentação (existência de um tempo de espera, de atenção ao mundo, de contas a fazer com o circundante), vejamos como Kandinsky se houve, por exemplo, em relação ao movimento (kinesis). São três tempos de grande significado, pois mostram como o pintor se foi despojando das vestes do que habitualmente se designa por *real*. Temos, em primeiro lugar, «Paisagem romântica» (1911), motivo que ainda não foge ao figurativo, e que se resume, no essencial, a três cavaleiros em bom ritmo; surge-nos depois, embora do mesmo ano, «Lírica», que nos mostra um cavalo a galope através de meia dúzia de linhas, numa abstracção de grande pureza; finalmente, depara-se-nos (aqui não traduzimos o título) «Porté», de 1927, em que o movimento, ou velocidade, nos é abstractamente oferecido mercê do acordo que se estabelece (Kant, *Crítica da Faculdade de Julgar*, §49) entre a imaginação e o entendimento no seio da Ideia estética. Só em 1934 é que Kandinsky conceberia «Desenvolvimento para o alto», uma outra espécie de movimento que atrás adjectivámos de *ascensão* ao mesmo tempo que lhe concedíamos o atributo de musical. Essa fuga para o som, para a harmonia imaterial que é a música no ouvido da alma, ressalta, inclusive, dos próprios títulos que o pintor punha aos seus quadros: «Impressão», «Composição», «Improvisação»...

Esta terminologia musical (e já que por uma questão de método tudo tem um princípio) devemo-la ir buscar, antes de mais, à primeira obra abstracta de Kandinsky. Referimo-nos à mais que célebre aguarela de 1910 designada por «Sem título», e que é tida como o começo da verdadeira arte abstracta. Puramente se servindo de água, cores e tinta, Kandinsky, nessa aguarela, deixa de estar (lembremo-nos do Fr. 10 de Heraclito) em *consonância* com as coisas — e introduz-se pela *dissonância* que as coisas também são. Digamos que, tal como Schoenberg na música (e Schoenberg também pintava e expunha), Kandinsky dá à pintura uma outra dimensão: a dimensão da *atonalidade*. Ou por outras palavras: o iniciador e mestre da arte abstracta na pintura entrega-se ao mistério da criação apresentando-o como um mundo imaginário que a razão de maneira nenhuma consegue definir ou explicar. Se assim é, Kandinsky (e tal ocorreu quando o pintor ia nos 40 e poucos anos de idade) rejeita o racionalismo que imperava na arte ocidental desde o Renascimento. Diz não à natureza, diz não à estrutura matemática, diz não a toda uma tradição artística, incluindo os primitivos das cavernas até às mais altas concepções gregas. Abra-se o seu livro *Do espiritual na arte* (livro que pode ser considerado como veículo de uma aventura espiritual e também como investigação objectiva e revolucionária sobre as condições e possibilidades da arte moderna) que logo na Introdução nos daremos conta de que «toda a obra de arte é filha do seu tempo» (p. 31), pelo que tudo quanto venha a imitar-se no campo artístico se revelará sempre (e para sempre) «sem alma». Logo: o que interessa é projectar hoje o que nos vai no interior para o exterior. Que *objecto* pode um pintor oferecer ao *sujeito* que são os outros...? Antes de semelhante pergunta, há uma importante decisão a tomar. Qual...? A escolha do objecto pelo artista. Como é que tal se processa....? Kandinsky, no livro acima citado, p. 104: *«A escolha do objecto (elemento que, na harmonia das formas, contribui com o som acessório) depende de um contacto eficaz com a alma humana.»* E no seguimento do seu discurso diz-nos o pintor (mesma página) que tal «escolha (...) depende do Princípio da Necessidade Interior».

Esta «necessidade interior», ao longo *Do espiritual na arte,* surge-nos como a quinta-essência do trabalho criador. E como tanto falam da *alma* (quer Schoenberg, quer Kandinsky), valerá certamente a pena socorrermo-nos de Kant (de novo o §49 da *Crítica da Faculdade de Julgar)* para, furtando-nos a um eventual esboço de uma teoria de arte, nos situarmos antes, na medida das nossas possibilidades, no campo filosófico. Ora, segundo Kant, num sentido estético, *alma* é a designação do princípio que vivifica o espírito, que torna vivo o espírito, que dá vida ao espírito. Essa animação do espírito pela alma, esse bulir com as faculdades do espírito, confere ao espírito uma maneira peculiar de este se expressar. É, por assim dizer, um «élan» final (e vital) que é conferido ao espírito, levando-o a um *jogo* que se mantém por si próprio e que lhe aumenta as forças necessárias para que possa entrar em contacto, de maneira estética, com um outro espírito. Acentua Kant que, fugindo a quaisquer regras lógicas, a *alma* dá a volta ao objecto observado — e transmite a um terceiro, por consequência, uma expressão estética, isenta de *tese*, mas plena de essência individual. O artista, fugindo às regras lógicas, estabelece novas regras. Novas regras que não deverão, de futuro, ser imitadas por qualquer outro artista. E porquê...? Porque se trata de um *eu* próprio que se exprime, um *eu* que, por assim dizer, se torna *paradigmático*. Esse *eu* apresenta ideias que são fruto da sua própria essência individual. Kant designa tais ideias, tal propósito de modificar a natureza das coisas, por *Ideias estéticas*. Como as caracteriza Kant...? Na terceira parte do §49 da *Crítica da Faculdade de Julgar,* Kant escreve que pela expressão de Ideia estética «entende» (...) uma «representação da imaginação, que dá muito a pensar, sem que nenhum pensamento determinado, isto é, um *conceito*, lhe possa ser adequado», o que leva a que «nenhuma língua o possa completamente exprimir ou torná-lo inteligível». Logo a seguir especifica Kant que essa *Ideia*, essa *Ideia estética*, «é a contrapartida (...) de uma *Ideia da razão*», a qual, contrariamente à primeira, é um conceito, conceito «a que nenhuma intuição (representação da imaginação) pode ser adequada.» Uma questão pertinente: será que a Ideia estética é fruto de um mero acaso...? Kant afirma que não. De acordo com Kant, «a imaginação (como faculdade de conhecimento produtivo) é, efectivamente, muito poderosa para criar uma outra natureza a partir, por assim dizer, da matéria que a natureza real lhe proporciona». Discorrendo sobre este problema, Kant diz-nos que nos divertimos com a imaginação quando a experiência nos surge como demasiado quotidiana. Abolimos o quotidiano, o que por sistema se repete — e buscamos, com o poder da imaginação, a partir da natureza habitual, uma outra natureza transgressora de todas as normas estáticas e mecanicistas. Quanto a nós, é *aqui* que a criação se situa. Ou por outras palavras: é *aqui* que a imaginação do homem se desdobra em *paradigmas*, nos oferta, em suma, o que poderíamos designar por excepções do ser sensível, empírico, que se toca com as mãos ou se enquadra nos juízos meramente lógicos. Mais: é também *aqui* que surge a nossa liberdade — e isso porque (como diz Kant) «retiramos da natureza a matéria de que temos necessidade», trabalhando nós essa matéria de maneira que ela ultrapasse a própria natureza. A partir do ser, criamos mais ser...

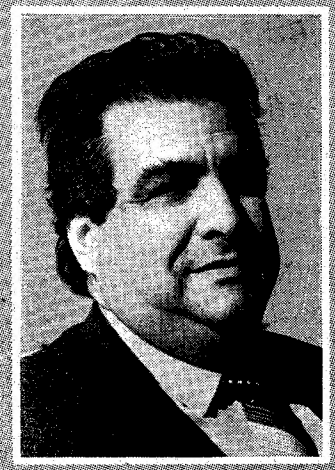
Ora quer-nos parecer que Kandinsky (tal como Schoenberg) assim pensou e assim agiu. Liberdade a partir do *sentimento* de cada essência individual — este foi o lema para cada um dos dois. Aliás, em *Do espiritual na arte*, há uma frase de Kandinsky que merece registo: «A arte é eternamente livre. A arte foge diante de todos os imperativos como foge o dia diante da noite. (p. 105)» O antilógico, pois, para romper com a rotina, com o *establishment*. Ouçamos Adorno (ver livro na Bibliografia): «As únicas obras que hoje contam são aquelas que não são 'obras'. (p. 42).» E ainda Kandinsky na obra teórica *Ponto, linha, plano*: «O ponto geométrico é invisível. De modo que deve ser definido como um ente abstracto. Pensado materialmente, o ponto assemelha-se a um zero. (p. 21)» Mas foi a partir desse ponto que Kandinsky tornou *visível o invisível* — e nos trouxe aos olhos e à alma a harmonia musical (sempre em fuga...) das suas criações. Que título para a sua obra? Um só: «Sem título».

Pedro Alvim

F.E. Peters, **Termos Filosóficos Gregos,** *Gulbenkian, Lx., 1977; Kirk/Raven,* **Os Filósofos Pré-Socráticos,** *Gulbenkian (Frg. 7 de Parménides e Frag, 10 de Heraclito); Platão,* **O Sofista,** *Garnier-Flammarion, Paris, 1969; Platão,* **A República,** *4.ª edição, Gulb. 83; Jelena Hahl-Koch,* **Arnold Schoenberg/Wassily Kandinsky,** *Faber and Faber, London/Boston, 1984; Aristóteles,* **La Méta-physique,** *Vrin, Paris, 1981; Aristóteles,* **Organon,** *Vrin, Paris, 1977; Kandinsky,* **Du spirituel dans l'art,** *Denoel, Paris; Kant,* **Critique de la Faculté de Juger,** *Vrin, Paris, 1984; Adorno,* **Philosophie de la nouvelle musique,** *Gallimard, Paris; Kandinsky,* **Punto y línea sobre el plano,** *Ediciones de Bolsillo, Labor, Barcelona, 1983.*

O LIVRO QUE INSPIRA A POLÍTICA ECONÓMICA DE GORBATCHOV

A REVOLUÇÃO NA ECONOMIA SOVIÉTICA



ABEL G. AGANBEGUIAN

O ECONOMISTA Nº1 DO KREMLIN

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Entrevista com António José Forte

Através do poeta todos podem ver

HÁ uma ordem sombria, uma organização da indigência do desejo e da miséria moral, o «longo corredor pestilento» de que André Breton falava em «A lâmpada no relógio». Escutando o seu corpo, apoiando-se na sua respiração, nos seus órgãos, no seu cérebro, o poeta tenta destruir essa ordem e encontrar uma saída.

É o caso de António José Forte, o poeta de «A Faca nos Dentes», «Azuliante», «Dia Dia Amante», «Caligrafia Ardente», para quem a poesia «é uma clepsidra para ajuste de certas horas, porventura nocturnas, marcando a dominação e os passos de um sol negro magnificante», como escreve Herberto Hélder na introdução a «Edoi Lelia Doura», antologia de que António José Forte é uma das «vozes comunicantes».

Poesia modo de conhecimento ou meio de expressão? Eis a primeira questão que pusemos a António José Forte.

«Poesia é sobretudo, e antes de mais nada, forma de conhecimento», começou ele por nos dizer. «Mas não pode deixar de ser, também, expressão. Conhecimento de nós, dos outros, do mundo, enfim. Conhecimento do homem como microcosmo, entenda-se. Logo, conhecimento sempre revolucionário . Escrevi uma vez: a revolução é um momento, o revolucionário, todos os momentos. É evidente que este revolucionário só pode ser o poeta. Porque o poeta, sendo um visionário, é também uma visão: através dele todos podem ver. Ver criticamente, livremente — afinal única maneira de ver. Expressão desse conhecimento pode ser a palavra escrita, e é apenas neste sentido que digo que a poesia é também expressão.»

Os cafés

Nós encontrávamos-nos nos cafés. Hoje os cafés perderam-se. Que mais achas tu que se perdeu (ou ganhou), além da vida?

«Sim, encontrávamo-nos nos cafés. No mundo fascista lisboeta dos anos da nossa juventude, os cafés foram o nosso grande campo de acção. O final da frase é um verso de um poema de Mário de Sá-Carneiro, como sabes. Acontece que no caso dele significava uma acção preparatória do suicídio, e nós estávamos completamente voltados para a vida. Será melhor dizer: a nossa presença nos cafés era uma constante afirmação contra a morte. Aquela morte de três rostos —deus, pátria, família — que nos perseguia por toda a parte: que ainda nos persegue, convém não esquecer nunca. Encontrei-te nos cafés, nos cafés encontrei os meus melhores amigos. No Café Gelo encontrei a poesia na sua primeira forma bárbara, que é a forma do início de tudo. Os cafés perderam-se, foram assassinados. Perdeu-se, isto é, eu acho que perdi sobretudo o que me roubaram. Ganhei tudo o que tive talento e força para ganhar. Estou vivo.»

Há as aparências do pensamento, as aparências da cultura, as aparências da sociedade, e há a poesia, de quem os professores dizem que é a arte de traduzir em palavras a impossibilidade do absoluto. Que pensas tu disto?

«Ao contrário dos professores, penso que a poesia é a arte de traduzir em palavras a possibilidade do absoluto. Relativo é o que está mais ou menos à mão e ao alcance de todos. E se não se quer o absoluto para quê então tanto queixume, tantos gemidos, tantas reivindicações? Não há falta de relativo, de literutrua sobre isso, de distribuidores disso ao domicílio.»

«A poesia, que não se queixa, que não geme, que não reivindica, ou seria um partido político qualquer, e não poesia, é afirmação em todas as circunstâncias. Contra as aparências do pensamento, contra as aparências da cultura, contra as aparências da sociedade. Disse-o Novalis de uma vez para sempre: a poesia é o autêntico real absoluto.»

Poesia e surrealismo

Quando éramos jovens, considerávamos que poesia e surrealismo eram uma e a mesma coisa. Para ti, ainda são?

«Poesia e surrealismo são para mim, ainda hoje, uma e a mesma coisa, com as devidas correcções introduzidas pelo tempo, pela minha própria experiência.»

«Ao deslumbramento que foi a descoberta do surrealismo, sucedeu uma interpretação menos deslumbrada, mas mais profunda. Penso agora que a rebeldia contra todos os poderes, desde o poder do Estado, passando pelo poder dos partidos até ao poder de distribuir prémios literários, que é uma face combativa do surrealismo, que tanto me entusiasmou, é apenas a face mais visível. Há a outra face, oculta, não menos subversiva. Esta face, onde se reflectem todos os desejos do homem, libertariamente, é que é a verdadeira origem da estrada sem fronteiras que é o surrealismo, como já alguém afirmou.»

Por acaso fui eu (e mantenho), inspirando-me no marco do quilómetro zero da «route sans frontière», colocado por André Breton e Max Ernst em Cahors (centro de grutas pré-históricas e pinturas rupestres), aquando do movimento dos «cidadãos do mundo». Diga-se, de passagem, que o movimento nem ao quilómetro um conseguiu chegar...

Mas o que te queria perguntar agora é o seguinte: cada poeta tem um sistema, uma teoria inseparável dos seus poemas. Os teus, quais são? Não falo de um conjunto sistematizado de ideias, mas da obscura necessidade que leva um poeta a escrever poemas...

«Os meus poemas advêm de facto de uma obscura necessidade. Mas como se ilumina o obscuro, como explicá-lo? Liberdade é o conhecimento (a satisfação) da necessidade, dizia Engels. Posso então deduzir que a necessidade e o conhecimento da liberdade me leva às vezes, entre outras coisas, a escrever poemas.»

«Há uma teoria da liberdade? Há uma teoria da necessidade? Sei que há várias teorias para escrever poemas, mas isso é com a literatura, não estou interessado.»

Mais do que um belo sonho

Quando surgiu o «Primeiro Manifesto do Surrealismo», «transformar o mundo» (Marx), «mudar a vida» (Rimbaud) eram mais do que um belo sonho. Hoje, o que são?

«Transformar o mundo, mudar a vida será sempre mais do que um belo sonho. Não é outro o tema da poesia de todos os tempos.

«Em 1924, ano da publicação do 'Primeiro Manifesto do Surrealismo', ainda eu não era nascido, e hoje, 1988, quando estou vivo desta maneira — sempre mais do que um belo sonho. Não vos inquieteis, é a realidade que se engana: está escrito num muro da Avenida de Berna. Não me inquieto.»

Entretanto, parece que a cotação social da poesia aumentou. As homenagens a poetas constituem um dos números mais apreciados da «saison»...

«De há uns tempos a esta parte que um verdadeiro bando, ao que parece organizado, constituído por literatos, comerciantes, necrófilos e patetas, se vem dedicando a essa nefasta actividade. São já especialistas. A verdade é que nunca tantos, ao mesmo tempo, tentaram assassinar a poesia. E em nome dela, como convém ao cinismo.»

O Forte não quis dizer mais nada. Tem razão. O falazar incontinente e supérfluo que vai por esse mundo de Zeus ameaça tornar em breve o silêncio a única forma de eloquência.

Falo eu por ele, para rematar da melhor forma esta «entrevista», citando-lhe um dos belos poemas:

«Hoje é um dia reservado ao veneno/e às pequeninas coisas/teias de aranha filigranas de cólera/restos de pulmão onde corre o marfim/é um dia perfeitamente para cães/alguém deu à manivela para nascer o sol/circular o mau hálito esta cinza nos olhos/alguém que não percebia nada de comércio/lançou no mercado esta ferrugem/hoje não é a mesma coisa/que um búzio para ouvir o coração/não é um dia no seu eixo/não é para pessoas/é um dia ao nível do verniz e dos punhais/e esta noite/uma cratera para boémios/não é uma pátria/é um dia a mais ou a menos na alma/como chumbo derretido na garganta/um peixe nos ouvidos/uma zona de lava/hoje é um dia de túneis e alçapões de luxo/com sirenes ao crepúsculo/a trezentos anos do amor a trezentos anos da morte/a outro dia como este do asfalto e do sangue/hoje não é um dia para fazer a barba/não é um dia para homens/não é para palavras».

Ernesto Sampaio

Desenho de Aldina

O século de René Char

René Char (1907/1988): uma vida de homem. A vida de René Char, inscrita no coração do século, um século de utopias sangrentas sobre as quais nunca negou a solidariedade do seu pensamento, a solidariedade do seu combate, a solidariedade, em suma, de um poema. Embora reivindicasse a distância como o seu próprio espaço, fugido, por consequência, das vaidades e das pretensões, Char, no entanto, foi um homem que soube estar presente, sabendo pôr em acção todos os seus instantes, e que, pela sua fuga às coisas vãs, soube abrir um campo lúcido à consciência.

O que nos leva a dizer que ele foi o poeta exacto do seu tempo? Que jamais foi apanhado em falta? Em boa verdade, Char não menosprezou o espelho dos sonhos, a oferta do real, nem ainda o preço atroz da história... Em *Feuillets d'Hypnos,* Char escreveu: «Tivemos de apreender toda a dor que eventualmente o carrasco podia estender por cada polegada do nosso corpo. Mas com o coração firme, cerrado, sempre nos fomos de cara levantada...» Estas palavras vêm do tempo em que Char dirigia a Resistência em Vancluse sob o pseudónimo de «Capitão Alexandre».

Aquele livro constituiu, por longo tempo, um tratado ético, um tratado de moral. Era um manual de dignidade em actas, uma memória e uma vontade de viver em todas as circunstâncias. Memória e vontade à altura do homem. Ou por outras palavras: uma atitude fraterna, isenta de fraqueza, isenta de renúncia.

Quem leu *Feuillets d'Hypnos* pelos vinte anos sentiu sem dúvida que lhe era oferecido um horizonte áspero e grandioso que, definitivamente, buliu com todas as suas perspectivas.

Esta mensagem, forjada por um tempo de guerra, foi ampliada por René Char continuamente em tempo de paz — e isso porque se tratava de um poeta em estado de alerta, de vigília, crispado de cólera. Ouçamo-lo:

«Fizeste bem em partir, Arthur Rimbaud! (...) Tiveste razão em abandonar o 'boulevard' dos preguiçosos, trocando-o pelo inferno das feras, pelo comércio e pelo bom dia dos simples...» Quanto a ti, René Char, fizeste bem em te manter perto das tuas fontes, da tua atmosfera, das águas da Sorgue e do tumulto das nuvens do Ventoux.

René Char recebera sem dúvida a herança de uma fé imperiosa: era dotado de uma percepção ardente que o tornava irmão de todas as metamorfoses, que o lançava à escuta de tudo quanto acontecia, de todas as aventuras, de todas as comunhões com a natureza.

Coisas, elementos, plantas, animais — eis que Char sabia captar por instinto os seus sinais — e, depois, o seu verbo transmitia esta graça simples, tal se fosse o oráculo de uma evidência como que independente dos deuses. Sim: Char sabia encarnar o sopro telúrico até ao simples cristal de uma carta de amor, até às nervuras de uma canção, nunca descurando, aqui e ali, a alegria.

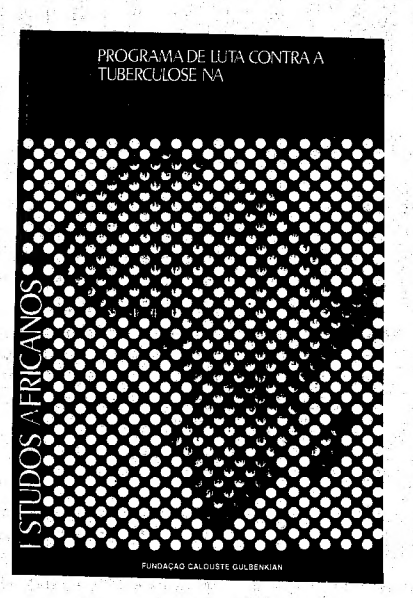
Bastava um passeio em sua companhia para nos apercebermos que este gigante irredutível era um amante da terra, que a sua energia violenta provinha da insurreição latente que estrutura um fio de erva, um sílex, uma flor.

André Velter

Acabados de Chegar

■ Montedemo, Hélia Correia,, Relógio d'Água

Hélia Correia, em 1982, deu à estampa a novela **Montedemo,** através da Ulmeiro. Um ano depois, surgiu a segunda edição, desta vez ainda lançada no mercado pela mesma editora. Agora, o mesmo título surge nos escaparates numa edição da Relógio d'Água. Que se recorde, entretanto, que **Montedemo** subiu ao palco, numa encenação do Teatro «O Bando». Um escrito, por consequência, com uma trajectória de assinalar. E aqui o assinalamos. E mais: aconselhamos a novela aos leitores, chamando-lhes a atenção para a epígrafe que antecede o texto: «Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que a tua filosofia pode conceber» (**Hamlet,** Shakespeare).



■ Olá Estorninho, Maria Natália Miranda, Nova Nórdica

«Eu não gosto de aves presas. Nem mesmo de ser dono de aves. Conheço meninos que são senhores de pintainhos, de periquitos, de papagaios, canários, de melros, de corvos, de lavandicas. Eu, não. Eu acho que uma ave não deve ter dono...» — assim principia a novela infantil de Maria Natália Miranda. Num breve prefácio, escreve Maria do Sameiro Souto: «É muitobom ler.» E nós afirmamos que esta novela prende os olho dos nossos rebentos até à última página... É, sim, um livro para ler, entreter, brincar. — Ilustrações, a acentuar o sentido do texto, de Elisa Bernardo.

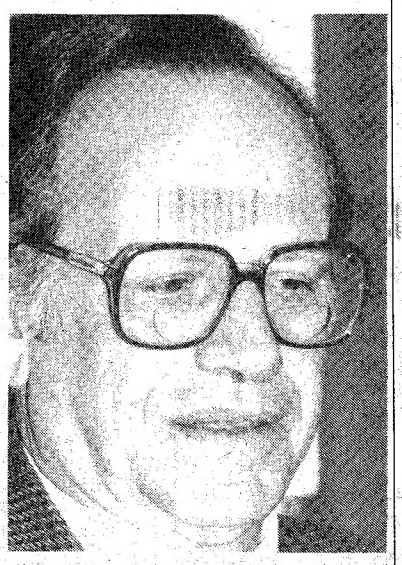
■ Estudos africanos, Fundação Gulbenkian

Dois títulos: **Portugal, os Estados Africanos de Língua Oficial Portuguesa e os Estados Unidos da América** e **Programa de Luta contra a Tuberculose na República de Cabo Verde.**

O primeiro é constituído pela compilação e selecções das intervenções nos debates da Conferência realizada nos auditórios da Fundação Calouste Gulbenkian em Maio de 1985, da responsabilidade de Joaquim Aguiar.

Por sua vez, o segundo, na apresentação de Victor Sá Machado (administrador da Fundação), inclui um programa que «perspectiva de maneira moderna e eficaz o combate a uma doença que continua a ser, mau grado os enormes progressos entretanto realizados com vista à sua prevenção e tratamento, um dos flagelos do nosso tempo e em especial na África».

Dois livros, por conseguinte, que, por caminhos diferentes, não deixarão de interessar a todos quantos se debruçam sobre a problemática dos jovens Estados Africanos de expressão portuguesa.



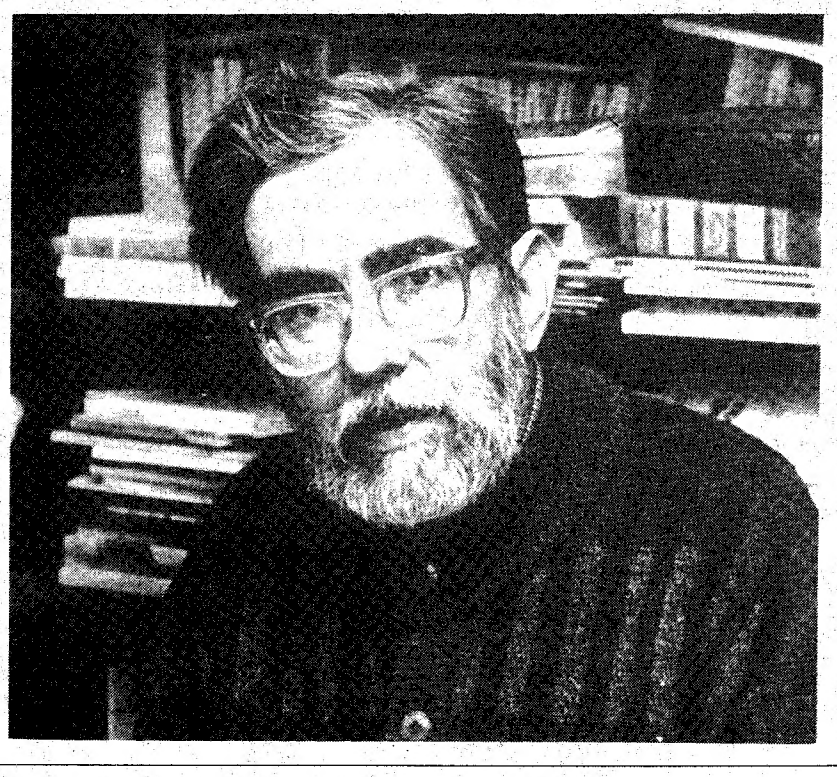
Semana Cultural APE

ENTRE os próximos dias 12 e 19 de Março decorre no Forum Picoas a Semana Cultural APE. A iniciativa foi apresentada por David Mourão Ferreira, Fausto Lopo de Carvalho e Edite Estrela. «Analisar a relação do escritor e da escrita com os restantes domínios da cultura» constitui o principal objectivo da semana agora anunciada, cujas iniciativas estão abertas ao público, por forma a «alargar o debate, tanto quanto possível», conforme foi frisado pelos promotores. Inaugura a semana o Presidente da República, no dia 12 de Março. Primeiro debate: «O Escritor e as Artes Plásticas». Nos debates dos restantes dias serão analisados os seguintes temas: «Guerra Colonial, Cinema e Literatura», «Os Conflitos Culturais nos Últimos 100 anos», «Imaginário Infantil e Literatura», «Que criatividade para o século XXI», «Cinema e Literatura» e «Erotismo e Literatura». Entre outros, alguns nomes que intervirão: Mário Dionísio, Isabel Barreno, Wanda Ramos, Manuel Alegre, Fernando Piteira Santos, Óscar Lopes, António Torrado, Alice Vieira, Lídia Jorge, Manuel da Fonseca, José Cardoso Pires, Arnaldo Saraiva, Natália Correia, Maria Teresa Horta e António Lobo Antunes.

A Costa dos Murmúrios é o novo romance de Lídia Jorge. Lançado pela Dom Quixote. Vamos lê-lo e escrever sobre. Em breve tempo. É o quarto romance da autora

Poema

para E. M. Melo e Castro



O teu suor trepida entre pétalas e tambores
enquanto moves as cariátides do zodíaco
O teu prisma é eléctrico e subleva os cardumes
nas fissuras latentes do desejo
Com o austral fulgor de um íman
atrais os ecos desgarrados e contrários
à turbulência iridiscente das tuas sílabas
Há cicatrizes ou crateras? Há o movimento do fogo
nas concavidades subterrâneas e as cabeleiras libertas
Cidadão dos teus músculos celebras os tecidos
cintilantes do retorno e as figuras animais
que destroçam os absurdos soldados entre o nadir e o zénite
Com as palavras do acaso vences a pestilência das bonecas
e instauras em queda livre uma fábula selvagem
Que são para ti as sentenças dos condores?
Que são para ti as cabeças congeladas?
Tu és um animal iluminado entre signos e sílabas
e conheces todos os ribeiros do ócio sobre o tapete absoluto

António Ramos Rosa

O eu nos outros

Treze parágrafos para Jerónimo

MAS que tarde! Era uma daquelas tardes cinzentas, compactas e baixas, não apetecia mesmo nada andar pelas ruas. Jerónimo, com umas horas sem nada até ao turno da noite, resolveu meter-se num cinema, numa segunda sessão, «talvez durma, talvez não durma», interessava era que o tempo passasse. Caiu ao acaso num dos cinemas afastados do centro da cidade, ali ficou, fosse o filme o que o filme fosse...

Entrou já a sessão tinha começado, foi andando pela escuridão com a lâmpada da arrumadora sobre o bilhete, deu-lhe os trocos que levava nos bolsos do casaco.

No intervalo, ficou surpreendido: era o único espectador de toda a sala, as arrumadoras a um canto a falar com o bombeiro de serviço. Foi até ao bar, pediu um café, regressou à sala. Ao passar pelas arrumadoras, disse para uma:

—Caso queiram, eu vou-me embora. Se estão aqui por mim, eu cá me arranjo, não vale a pena eu estar a empatar a vossa vida...

— Mas a nossa vida é esta! — disseram as duas, enquanto o bombeiro, pigarreando, se afastava uns passos.

«Que posso eu fazer se estas tipas de maneira nenhuma se querem ir embora...?»

Com esta pergunta silenciosa nos lábios, Jerónimo procurou o lugar que lhe tinha sido indicado. Era um lugar a duas cadeiras da coxia, demasiado centrado, e Jerónimo resolveu mudar de assento. Mas hesitou: seria permitido...?

Foi ter com a arrumadora que o tinha acompanhado ao primitivo lugar e perguntou-lhe:

— Eu posso mudar de sítio...?

Ela disse:

— Pode sentar-se em todos os lugares! O filme é tão aborrecido... Mude de lugar quantas vezes lhe apetecer. Assim talvez se divirta um pouco... — E virou-lhe as costas, as luzes a caírem, indo ao encontro do bombeiro.

Jerónimo seguiu o conselho da arrumadora: de um lugar para o outro, assim se foi deslocando até o filme acabar. Ao sair, perguntou-se: «Que nome terá isto...?» Cá fora, já noite, o título do filme em letras luminosas: «Nunca no mesmo ponto do espaço».

— Mas que raio de coisa... — murmurou. E viu-se lá dentro, no cinema, de assento para assento, de um ponto para outro ponto, sempre buscando um outro espaço. «Ó meu amor perdido, que cansaço!»

Pedro Alvim